

REVISTA *dos* CRIADORES



ANO XVIII — N.º 1
JANEIRO 1947
Número
Avulso **Cr\$ 4,00** Em todo
Brasil



...toneladas de Cálcio, Fósforo e Iodo dos seus pastos !



O Cálcio, o Fósforo e o Iodo são indispensáveis, como o próprio ar que o animal respira. O Iodo, reunido na glândula tireóide, defende contra doenças. O Cálcio e os Fosfatos formam os ossos e a carne. Uma rês contém em seu peso cerca de duas arrobas de Cálcio e Fosfatos e 200 miligramas de Iodo. Assim, cada boiada vendida leva de nossos pastos — reconhecidamente fracos — toneladas dessas preciosas substâncias, empobrecendo-os cada vez mais para as futuras gerações.

Portanto, se deseja um gado forte e sadio, se quer um lucro maior em carne, leite, ovos, lã e tração, complete o alimento de sua criação com a MISTURA IODO CÁLCIO FOSFATADA

Econômico no custo		Cr\$
Sacos de 40 quilos		220,00
" " 10 "		70,00
" " 5 "		40,00
" " 2 "		18,00
" " 1 quilo		10,00

PEDIDOS À
**FEDERAÇÃO
DE CRIADORES**
Rua Senador Feijó, 30
São Paulo

Associação Paulista de Criadores de Bovinos

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS

DIRETORIA

Presidente - Dr. Lafayette Alvaro de Souza Camargo.

Vice-Presidente - Dr. Mario Masagão.

1.º Secretário - Dr. Bernardo Gavião Monteiro.

2.º Secret. - Dr. João Baptista Lara.

1.º Tesour. - José C. Moraes.

2.º Tesoureiro - Paulo Eduardo de Souza.

DIRETOR-GERENTE

José C. Moraes

Arnaldo de Camargo.

(Em licença)

CONSELHO CONSULTIVO

Eliseu Teixeira de Camargo.

Cel. José Rezende Meirelles.

Antonio Bento Ferraz.

Joaquim de Barros Alcantara.

João de Moraes Barros.

Servulo Pacheco e Silva.

Osny da Silva Pinto.

Orlando de Barros Pereira.

João de Castro Guimarães.

SUPLENTES

Dr. Naur Martins.

José Procopio de O. Azevedo.

Dr. Pio de Almeida Prado.

Francisco Pereira Lima.

Francisco Galvão Bueno.

Antonio Fachardo Junqueira.

MÉDICOS VETERINARIOS

Dr. Celso de Souza Meirelles.

Dr. Luiz Berardinelli.

Dr. Brasiliano Candido Alves.

TÉCNICOS

LEITE E DERIVADOS e CONTROLE LEITEIRO

Dr. Fidelis Alves Netto.

CARNE E DERIVADOS

Dr. Pascoal Mucclolo.

AGROSTOLOGIA

Dr. Breno de M. Andrade.

ENGENHARIA RURAL

Dr. Laercio Osse.

AVICULTURA

Dr. Henrique Raimo.

GERENTE COMERCIAL

Otto Plessmann.

OS DE BONS SERVIÇOS PRESTADOS AOS CRIADORES 19 ANOS DE BONS SERVIÇOS PRESTADOS AOS CRIADORES 19 ANOS DE

A. P. C. B. e

Revista dos Criadores

Eis duas irmãs, que muitos pensam, ainda, serem mãe e filha — isto é, que a Revista dos Criadores é mantida pela Associação de Criadores. Não é. Foi, no tempo em que a Associação — naquele tempo Federação dos Criadores — podia ter e tinha seu órgão oficial. Depois ficou, a Revista, independente, mantém-se por si, mas conserva os fins antigos, os mesmos da Associação.

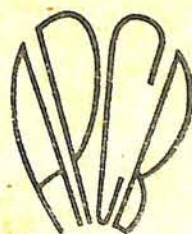
São hoje irmãs, portanto, não mais mãe e filha, como eram. Para distribuí-la cada mês, aos seus sócios, a A. P. C. B. adquire tantos números da Revista, quantos sejam os seus associados, e oferece-lh'os. Isso, sem aumento da anuidade com que os membros da Associação contribuem — cem cruzeiros anuais.

Aos que não são sócios da A. P. C. B., a revista é vendida avulsa, ou mediante assinatura, que é de quarenta cruzeiros anuais.

Quer dizer que os sócios, recebendo mensalmente, a Revista, como recebem, ficam com todos os benefícios que a Associação lhes oferece, pela simples importância de 60,00 cruzeiros anuais, ou sejam, 5 cruzeiros por mês.

Com essa diminuta contribuição, já fez Você as contas e verificou quanto de serviços lhe pode prestar ou está prestando a A. P. C. B., caro amigo?

Se não fez essa conta, faça. Vale a pena. E' o de repetir-se: "nunca se viu tantos receberem tanto, por tão pouco".





Redação: RUA SENADOR FEIJÓ, 30

— TELEFONE, 2-8268 —

S. PAULO — BRASIL

ANO XVIII

JANEIRO - 1947

N.º 1

Diretor-Responsável e Gerente:

LUIZ A. PENNA

Redator Chefe:

DR. PASCOAL MUCCILO

Colaboradores Especializados:

Indústria de Laticínios:

DRS. FIDELIS ALVES NETTO e
JOSE DE ASSIS RIBEIRO

Engenharia Rural:

DR. LAERCIO OSSE

Avicultura:

DR. HENRIQUE F. RAIMO

Alimentação:

DR. BRENNO M. DE ANDRADE

Veterinária — Clínica Geral:

DR. MARIO D'APIQUE

★

"REVISTA DOS CRIADORES", órgão oficial da Associação Paulista de Criadores de Bovinos.

Registrado no DNI n.º 11.328

★

As opiniões expendidas em artigos assinados correm por conta de seus autores.

★

Na transcrição de artigos pede-se citar o nome da "REVISTA DOS CRIADORES".

★

Assinatura:

1 ano	Cr\$ 40,00
2 anos	Cr\$ 72,00
3 anos	Cr\$ 100,00

Sob registro, mais Cr\$ 6,00 por ano.

★

Venda Avulsa:

Distribuidora Internacional Ltda.

Cx. Postal, 3542 — Rio de Janeiro

Cr\$ 4,00 em todo o Brasil — Atrazado Cr\$ 5,00

★

Representante para o Estado do Ceará:

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICA LTDA.

R. Sena Madureira, 721, 3.º — FORTALEZA.

★

Correspondente e Representante para as
Repúblicas do Uruguai e Argentina:

ROLF MEYERHEIM

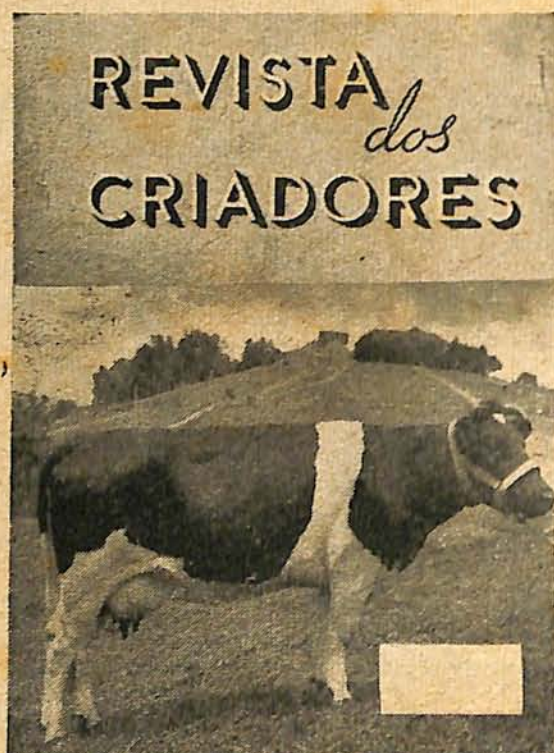
Granja Elisabety, Colonia Valdense, República do Uruguai.

LEITOR AMIGO: Já há respeito cartas que chegaram. Todavia, isto ainda não só em contato com vocês que vivem de fato cessidades para alguma coisa fazemos em ramos 5.000 exemplares desta edição, dando u'a lida por 30.000 pessoas. Imagine só o quanto nos contar as suas dificuldades ou o que se TODOS POR UM", este é o nosso tema. --

tempos que vimos pedindo sua opinião a nosso e foi com satisfação que recebemos as muitas basta. Esperamos outras e mais outras, pois no campo é que poderemos saber das suas ne-seu benefício. Lembrem-se de uma coisa; ti-média de 6 leitores por revista, ela está sendo não poderemos fazer em seu favor se você passa em sua região. "UM POR TODOS E

O ARTIGO DE SEU INTERESSE ESTÁ AQUI ?

- PAGINA 1 — A.P.C.B. e Revista dos Criadores — *duas irmãs.*
- PAGINA 4 — Nossa Capa — *uma campeã em produção de leite.*
- PAGINA 4 — Campereando — *Com a palavra o Sr. Ministro da Agricultura, empréstimos aos criadores, futuro orçamento, fala Sílvio Torres, pastos arbóreos, zebús no México, forragens de palha, falta de veterinários e a erosão.*
- PAGINA 27 — A Fazenda "Santa Filomena" — *uma fazenda modelo no interior paulista* — Dr. Fidelis Alves Netto.
- PAGINA 31 — Sangue novo e os zebús americanos — *os americanos na expectativa* — Dr. A. O. Rhoad.
- PAGINA 35 — Vamos fazer queijos — *a boa apresentação é a alma do negócio* — Dr. José de Assis Ribeiro.
- PAGINA 42 — O gado Africander — *uma raça pouco conhecida* — Antonio Teixeira Mendes Netto.
- PAGINA 45 — Serviço de Controle Leiteiro da A.P.C.B. — *primeira classificação anual.*
- PAGINA 72 — Combate aos parasitas — *uma luta interminável.*
- PAGINA 73 — Valor nutritivo dos alimentos — *antes de alimentar conheça o alimento* — Dr. Henrique F. Raimo.
- PAGINA 77 — Receituário prático — *Compostos arsenicais, adubos para plantas, fabricação de vinagre de mel, formulas e procedimentos para achar superfícies, volumes e fazer cálculos de interesse.*
- PAGINA 83 — Sua carta chegou — *novas respostas.*
- PAGINA 84 — Serviço de Controle Leiteiro da A.P.C.B. — *acompanhe aqui, o valor destas vacas.*
- PAGINA 90 — Cotações dos produtos lácteos — *como se portou o mercado em Dezembro.*



Em nossa capa publicamos a fotografia de "Fortaleza", Holandesa, p. e b., pura por cruz e de criação do Colegio Adventista, em Santo Amaro, nesta Capital.

Inscrita no Serviço de Controle Leiteiro da A.P.C.B., destacou-se pela melhor produção de leite, nas classes de menos de 3 anos e de 3 a 4 anos. Produziu 5.388 quilos de leite e 189,3 quilos de gordura com 3,51% M.G., em 300 dias, na 2.a lactação controlada.

Deixamos consignadas, aqui, as nossas congratulações à A.P.C.B., por completar mais um ano o seu já vitorioso Serviço de Controle Leiteiro e ao Colegio Adventista, um dos pioneiros na criação do holandês americano, pelo seu homogêneo e brilhante plantel.

PERMUTA

Desejamos estabelecer permuta com revistas similares.
Deseamos estabelecer canje con revistas similares.
On désire établir échange avec les revues similaires.
We wish to establish exchange with all similar reviews.



Campereando

DO QUE SE PUBLICA EM LIVROS, REVISTAS E JORNAIS, NACIONAIS E ESTRANGEIROS, APARTAMOS PARA VOCE ESTES TÓPICOS. SE ENTRE ELLES NAO ESTIVER O ASSUNTO QUE LHE INTERESSA, COMUNIQUE-NOS, E NA PRÓXIMA CAMPEREADA O SATISFAREMOS.

Com a palavra "No discurso que pronunciei ao assumir a pasta da Agricultura, tracei os lineamentos gerais do programa administrativo do Governo nesta pasta" disse-nos o sr. Daniel de Carvalho, em sua entrevista ao DIARIO CARIOCA, sobre o programa administrativo que organizou para o Ministério da Agricultura.

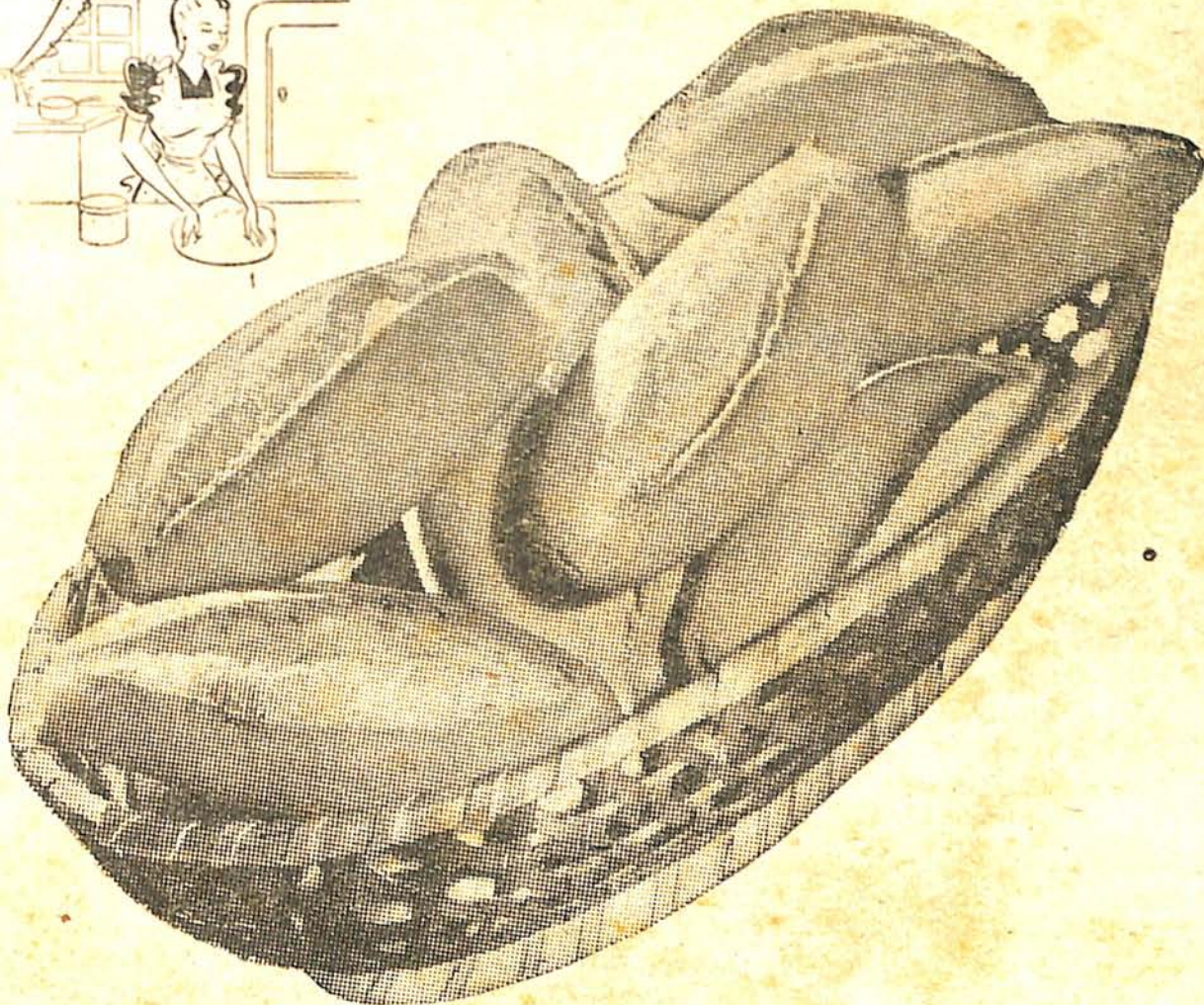
A palestra do representante do DIARIO CARIOCA com o ministro Daniel de Carvalho foi longa, abordando os vários problemas que aquele Ministério terá que enfrentar na atual emergência.

Prosseguindo, diz o sr. Daniel de Carvalho:

— "Todos os esforços já estão sendo aplicados na execução desse programa para atender à necessidade mais urgente, que é a de criar no país uma sólida agricultura de subsistência, dando-se preferência ao suprimento de genéticos alimentícios sobre a produção de matérias primas e ao abastecimento do mercado interno sobre os interesses da exportação.

ASSISTÊNCIA AO PRODUTOR RURAL

— Para a realização desse fomento agropecuário, continúa o Ministro da Agricultura,



PARA QUEM GOSTA DE FAZER PÃO EM CASA!

O pão não é apenas uma delícia! É uma necessidade! E, para fazer pão de primeira ordem, criou-se o Fermento Sêco Fleischmann. No volume, na aparência, na textura da massa e no sabor, a qualidade é garantida com o uso do Fermento Sêco Fleischmann. Este famoso produto agora pode dispensar a refrigeração. Um lugar sêco e fresco é o que basta para que se mantenham longamente suas notáveis qualidades! Veja a receita nos dizeres da latinha, que é de 60 grs.

**FERMENTO SÊCO
FLEISCHMANN**

Produto da Standard Brands of Brazil, Inc. - Rio de Janeiro

AGORA
em
econômicas
latinhas
de 60 grs.



Pampereando

em larga escala será prestada maior e mais direta assistência ao produtor rural, concentrando-se no interior serviços dessa natureza, que serão executados em cooperação com os Estados e Municípios, numa conjugação de esforços e recursos capaz de concretizar em resultados efetivos o auxílio do poder público. Esse objetivo será alcançado com a instalação de uma rede de centros de treinamento rural e postos agro-pecuários. Os primeiros já estão sendo instalados e o esquema de organização dos postos está em vias de conclusão. Neles haverá aparelhamento completo para demonstração e material para venda, empréstimo e distribuição constante de máquinas e arame farpado, caminhões, forragens, reprodutores, ferramentas, sementes e mudas, informações e publicações, de modo a se constituírem em centros de atração para o agricultor, que colherá benefícios reais dessa cooperação oferecida nas próprias fontes produtoras.

NÃO SÃO DESCUIDADAS AS PESQUISAS CIENTÍFICAS

Adianta o sr. Daniel de Carvalho:



CRESCER

mata bicheiras em segundos!

LABS. RAUL LEITE S.A.

A VENDA NA ASSOCIAÇÃO DE CRIADORES

— Embora não descuidando das pesquisas científicas, imprescindíveis como base das atividades de fomento agro-pecuário, o Ministério se voltará de preferência para os interesses imediatos da produção, levando aos lavradores e criadores o influxo renovador das boas técnicas de trabalho. Para que a ciência, exista em benefício de todos é preciso transmutá-la dos laboratórios e estações experimentais em aplicações de ordem prática, no campo. Com o mesmo espírito de amparo às populações rurais, está merecendo especial atenção um plano de educação que visa formar mão de obra qualificada, para o maior rendimento do trabalho agrícola.

CRÉDITO AGRÍCOLA E TRANSPORTE

— É bem de ver que a campanha de produção acima, — prossegue o ministro da agricultura — esboçada envolve problemas correlatos, de crédito agrícola, transporte, imigração, colonização, eletrificação dos campos. Também material, disponibilidade de verbas e de pessoal técnico, construção de armazéns, silos e frigoríficos, mecanização do trabalho rural e outros que estão sendo considerados, tendo em vista elevar o padrão de vida do meio rural e restabelecer o equilíbrio entre a agricultura e a indústria.

OS TRANSPORTES NAS ZONAS RURAIS

Abordando o problema do transporte, diz o sr. Daniel de Carvalho:

— Desde que assumi o Ministério da Agricultura, tenho-me preocupado com o problema do transporte nas zonas rurais, porque sei que, sem escoamento fácil, rápido e econômico, de nada vale incrementar a produção agrícola.

COLABORAÇÃO COM O MINISTÉRIO DA VIAÇÃO

— Para tanto, tenho me articulado com o sr. Ministro da Viação, que, por mim convidado, teve a gentileza de participar da reunião de secretários de Agricultura, conhecendo, então, ao vivo, como é angustiosa a situação dos que não têm meios para transportar.

Acredito que o Ministério da Viação prestará a melhor cola-



Quem prova um bom queijo não deixa de recomen-
dã-lo aos amigos. Desfrute esta *propaganda gratis*,
fazendo bons queijos com o coalho Marshall.
Forte, puro e uniforme, ele torna a fabricação mais
facil e rendosa e faz queijos de massa delicada e
saborosa. O coalho Marshall é um produto ame-
ricano, garantido ha mais de 40 anos por
Marshall Dairy Laboratory, Inc.

"A marca preferida das Americas".

Cia. Fabio Bastos

COMÉRCIO E INDÚSTRIA

Rua Theophilo Otoni, 81 — RIO DE JANEIRO
Rua Florencio de Abreu, 367 — SÃO PAULO
Rua Rio de Janeiro, 368 — BELO HORIZONTE
Av. Julio de Castilhos, 30 — PORTO ALEGRE

GRÁTIS!

Pego mandar uma
amostra do coalho

Marshall..... (dizer o tipo)

Para:.....

Endereço:.....



PARA GRANDES INDÚSTRIAS - coalho em pó
Marca AZUL (forte)
Marca VERMELHO (extra-forte)
PARA PEQUENAS INDÚSTRIAS e uso caseiro coalho em pastilha
"D" (concentrado)
"K" (extra-concentrado)



D D T

"ISA"

EMULSIONAVEL

PARA DILUIÇÃO EM AGUA PARA
O COMBATE AOS PIOLHOS, MOS-
CAS, MOSQUITOS, BERNE E CAR-
RAPATOS; PARA PULVERISAÇÃO
EM ESTABULOS, GALINHEIROS,
CAVALARIÇAS E PARA DESTRU-
ÇÃO DOS FOCOS DE MOSQUITOS.

**VACINA CONTRA A
PESTE SUINA (cris-
tal violeta)**

**VACINA CONTRA A
FEBRE AFTOSA**

Informações com os distribuidores:

PROD. VET. ZOOFARMA LTDA.

R CRISTOVÃO COLOMBO, 63, 1.º and. 8. 5

FONES: 3-4298 e 2-6634.

End. Teleg. "Zoofarma" — São Paulo

Campereando

boração à campanha de fomento da produção,
em que o Ministério da Agricultura está em-
penhado.

("Diario Carioca")

Empréstimos aos Criadores

As associações agrícolas movi-
mentam-se, segundo fomos in-
formados no sentido de que
sejam executadas as disposições
oficiais sobre os empréstimos aos criadores.
Recordamos que, desde 11 de outubro de 1945,
está o Banco de São Paulo autorizado a aplicar
determinada verba em empréstimos aos cria-
dores, destinados, entre outros fins, à aquisição
de bovinos de raça leiteira, à construção de
banheiros, silos e estábulos e à compra de má-
quinas e aparelhos para fenação e preparo de
silagem. A importância autorizada é elevada.
Sóbe a 50 milhões de cruzeiros dos saldos das
Caixas Econômicas.

Instruções divulgadas em março do ano findo,
esclareciam a forma de obtenção dos emprésti-
mos. Ao que soubemos foram encaminhados pe-
didos que até esta data, entretanto, não foram
atendidos. De acordo com as disposições ofi-
ciais, os pedidos recebidos pelos bancos devem
ser enviados ao Departamento de Produção
Animal. Somente depois dos pareceres emitidos
por esse órgão e pelo secretário da Agricultu-
ra, que os defere ou indefere, é que os emprés-
timos são concedidos.

Soubemos autorizadamente que o D.P.A. não
recebeu até agora nenhum pedido de financia-
mento, nos termos daquelas disposições, sendo
essa a razão do movimento iniciado por diver-
sas associações rurais do interior do Estado,
cujos associados necessitam dos aludidos em-
préstimos.

("Folha da Manhã")

Futuro orça- mento

Estamos em vésperas da apro-
vação do orçamento para 1947,
que já deve estar elaborado de
acordo com os dados forneci-
dos pelas diversas secretarias à da Fazenda. É
oportuno, por isso, lembrar uma vez mais a
conveniência de se fazer concienzoso estudo

TRATAMENTO DO RAQUITISMO E DISTÚRBIOS CÁLCICOS NOS ANIMAIS, PELA VITAMINA D2

A ergosterina, isolada por Tanret, submetida à ação dos raios ultra-violeta, transforma-se em vitamina D, dando ao mesmo tempo, compostos secundários que não têm poder curativo. Isto explica a diversidade dos processos de irradiação dando ergosterinas irradiadas, cuja ação terapêutica é extremamente variável. Por outros processos obteve-se a vitamina D2, sob forma cristalizada, como produto químico puro e de atividade constante. O Sterogyl Veterinário é uma solução oleosa contendo 5 mg. de vitamina D2 cristalizada, por cm3, quimicamente pura, isenta de todo elemento secundário suscetível de alterar, podendo conservar-se indefinidamente. Não tem cheiro nem gosto, sendo perfeitamente tolerada pelos animais, sem o perigo de acúmulo no organismo. As suas principais indicações são as decorrentes do fato biológico de ser a vitamina D2 a que preside ao metabolismo do fósforo e do cálcio orgânico. O seu emprego clínico abrange várias espécies animais.

 EQUINOS — O raquitismo é raro nos cavalos, mas em compensação os estados de descalcificação são extremamente frequentes, sobretudo nos potros puro-sangue (osteíte e osteo-artrite dos cavalos puro-sangue. — Koly, Vivien, Augustin), e a desmineralização do esqueleto é a causa das fraturas tão frequentes nestes animais. Todos os cavalos de puro sangue, desde o seu desmame até a época das provas de corrida, aos dois anos, devem receber um vidro aos 3 meses, repetindo a medicação com intervalo de 6 meses sendo o conteúdo do vidro misturado com mel e assim dado ao animal em electuário. Os cavalos já em treinamento, devem receber um vidro por semana durante 1 a 2 meses, repetindo-se o tratamento anualmente. As éguas prenhes devem tomar um vidro 3 meses antes da data provável do parto. Doença muito comum entre os equinos, mais observável ainda nos animais de montaria, que têm deficiência alimentar, é a denominada "cara inchada" que é resultante de uma falta da vitamina. Ainda nesta doença, bem como na ósteo-malácia, que é menos frequente, o emprego do Sterogyl Veterinário dá excelentes resultados, conforme comprovamos em vários animais de tiro.

 BOVINOS — Os acidentes vitulares e pseudo-vitulares (tetania da herva), devidos a uma perturbação do metabolismo do cálcio, bem como a depravação do gosto, que é devida à avitaminose, são facilmente tratados pela vitamina D2, com resultados positivos. Além

disso, as vacas leiteiras, e também as prenhes encontram no Sterogyl Veterinário um tratamento eficiente, porquanto age também como tônico geral.

 CANINOS — Na prática canina, o Sterogyl Veterinário, será dado: aos cachorrinhos novos, principalmente os de consanguinidade estreita (cães de raça), que são muito susceptíveis de raquitismo, de descolamentos epifisários, de distúrbios do crescimento, às cadelas fatigadas por crias sucessivas ou pelo aleitamento, aos cães que apresentam afecções ósseas ou fraturas. As doses para os cães variam de 5 a 25 gotas diárias, de acordo com a idade e o porte. As doses fortes são entretanto aconselháveis porquanto a abundância de vitaminas é certamente um fator de imunidade.

 SUINOS — O raquitismo e a osteomalácia são particularmente temíveis na criação e engorda destes animais. Todavia, estas doenças podem ser combatidas pelo Sterogyl Veterinário. Seria conveniente, em particular, dar a medicação às porcas gestantes, pois que estas, convenientemente nutridas e submetidas a esta medicação, evitariam total ou parcialmente máus produtos, raquíticos de nascença que, na proporção de 1, 2 ou mais por cria, representam uma perda inegável para o criador. A dose varia de 10 a 30 gotas diárias, que devem ser colocadas na ração.

OVINO — A alotriofagia, certas afecções ulcerosas dos beíços e da córnea, representam realmente estados avitaminóticos, razão porque poderão ser combatidos eficientemente pelo Sterogyl Veterinário. A dose diária vai de 10 a 20 gotas.

 AVES DOMÉSTICAS — Os fenômenos de canibalismo, comumente observados entre as criações de aves domésticas, são devidos à carência de matérias albuminóides na ração, associada a uma avitaminose. O emprego do Sterogyl Veterinário, adicionado às rações de matérias azotadas, na dose de 1 a 2 gotas do produto, por cabeça, fazem cessar rapidamente esta depravação que ocasiona grandes perdas ao criador. Deve-se notar ainda que o Sterogyl Veterinário influi muito favoravelmente na postura das aves.

STEROGYL VETERINARIO (Vitamina D2 — Calciferol).

Apresentação: Vidro com 10 cm3, contendo 50 mg. de calciferol (2.000.000 U. I. de vitamina D2).

Campesando

do assunto, que é da maior importância para a vida do Estado. Já temos dito que o orçamento de cada exercício representa um programa administrativo reduzido a cifras.

Uma observação cuidadosa do que foi a execução do orçamento de 1946 deve servir de ponto de referência para o estudo que nos permitimos sugerir, e que requer meditação. Serviços há que deixaram de ser feitos ou sofreram restrições, apesar de necessários, ou imprescindíveis mesmo, por falta de verba adequada, enquanto outras despesas, perfeitamente dispensáveis, foram realizadas sem nenhuma

utilidade prática para o povo, notadamente no campo econômico.

Não faz muito tempo, comentamos nestas colunas a imprevidência do Instituto Biológico relativamente ao preparo de vacinas para profilaxia e combate à peste suína. Logo depois foi publicado, em toda a imprensa da capital, com realce e até ilustrado com vistosos clichês, o noticiário referente à passeata dos alunos das Escolas Práticas de Agricultura, realizada por ocasião da inauguração da XII Exposição Nacional de Animais e Produtos Derivados. Se não nos enganamos, foi registrado nesse noticiário que cerca de 1.450 alunos daquelas escolas desfilaram pelas ruas de S. Paulo naqueles dias do mês de outubro. Basta lembrar que esses rapazes, procedentes de Pirassununga, Ribeirão Preto, Guaratinguetá, Jaboticabal e Baurú, não vieram por milagre e aqui não se alimentaram de brisas, para chegar-se à

conclusão de que não foi pequena a despesa que o Estado realiza para o transporte e alimentação desses futuros monitores agrícolas. Cremos não ser exagero afirmar-se que essas despesas devem andar aí pelas proximidades dos 200 mil cruzeiros.

Por aí se vê que, na mesma secretaria de Estado, houve diferença de tratamento para o desenvolvimento dos serviços de duas das suas repartições. Bem nos lembramos de ter ouvido de um interessado que a justificativa apresentada no Instituto Biológico para a falta de vacinas foi a da deficiência de verba para o preparo do medicamento específico. E não cremos que a Escola Prática de Agricultura tivesse feito realizar a referida passeata se não tivesse para tanto a dotação necessária.

Não deixamos de considerar útil a propaganda das referidas escolas, muitas das quais não têm ainda completas as matrículas correspondentes à lotação para que foram construídas, mas não nos parece que essa propaganda deva ser feita nos centros urbanos.

Registramos esses fatos e



Nenhum criador joga fóra propositadamente o leite que produz em sua fazenda — porque leite é dinheiro proveniente de trabalho contínuo e penoso.

Já pensou, entretanto, em quantos latões de leite o senhor desperdiça simplesmente porque deixa de os produzir?

Lembre-se de que para produzirem com eficiência e economia as vacas leiteiras exigem uma *alimentação racional* — farta, rica e bem equilibrada.

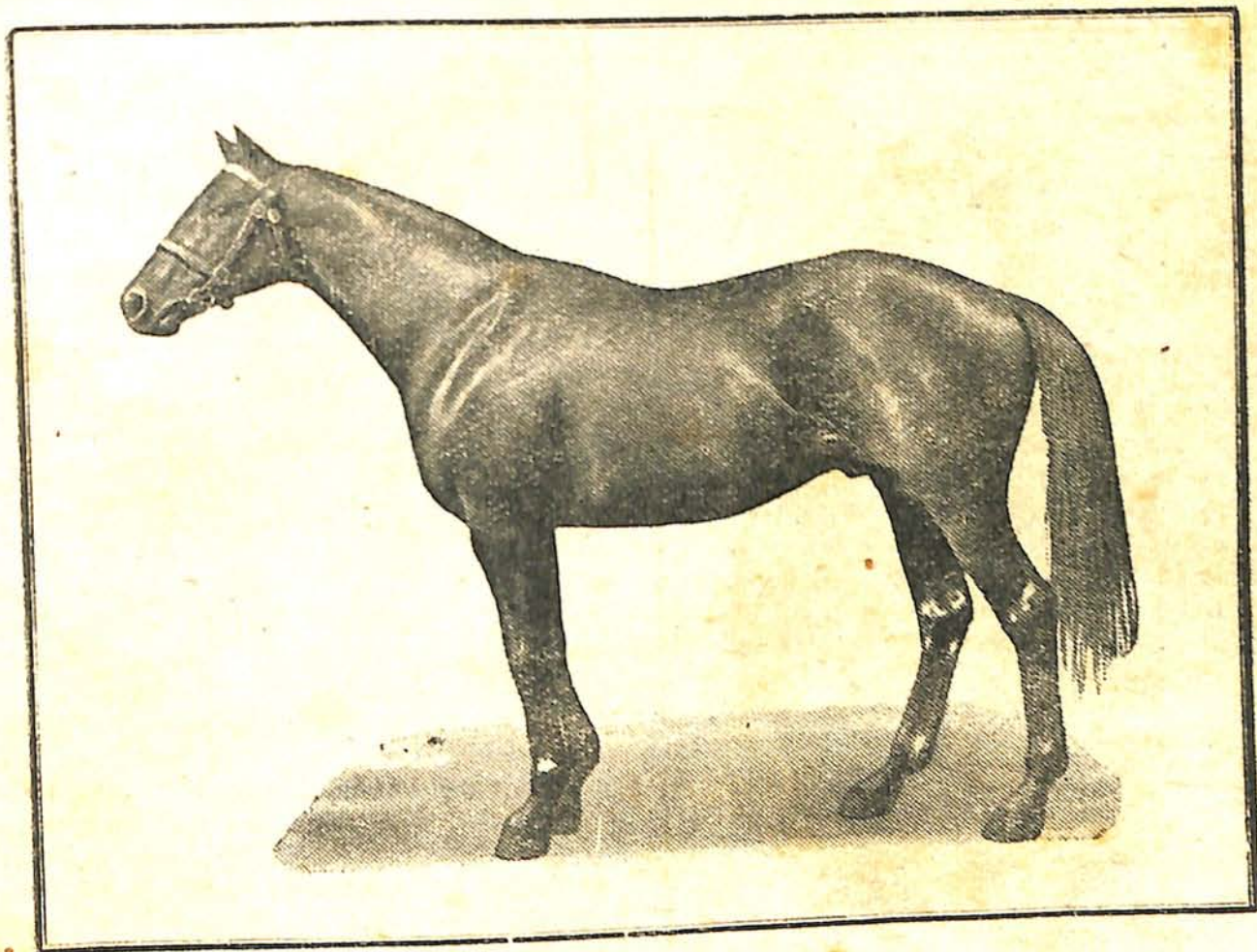
As "RAÇÕES CONCENTRADAS BRASIL" são cuidadosamente calculadas para a obtenção do máximo rendimento dos seus animais, conservando-os fortes e sadios.

Experimente-a hoje mesmo e nunca mais deixará de usa-la.

(Resp. Brenno M. de Andrade, eng.-agro.)

Produto da Refinadora de Oleos Brasil S/A
Rua Xavier de Toledo, 114 - Caixa Postal, 1117
São Paulo





COMO AMPARAR O DINHEIRO EMPATADO NUM ANIMAL DE RAÇA?

Um belo animal... Uma pequena fortuna em perigo... Se sobrevier um acidente... como alcançar uma indenização? A resposta é muito simples: um seguro na Carteira de Animais mantida pela SATMA. Já os maiores criadores do Brasil recorrem à SATMA para proteger os seus animais de valor. Faça também o mesmo, para sua maior tranquilidade.

**SUL AMERICA TERRESTRES,
MARÍTIMOS E ACIDENTES**

8 CARTEIRAS DE SEGUROS.

Acidentes do Trabalho
Acidentes Pessoais
Incêndio
Automóveis
Fidelidade e Flanção
Transportes
Animais
Responsabilidade Civil



A MAIOR COMPANHIA DE SEGUROS EM SEU GÊNERO DA AMÉRICA DO SUL - RIO DE JANEIRO

JANEIRO DE 1947

★ 11 ★



TRAJES

para caça e
lides campestres

JAQUETAS

CALÇAS

BLUSAS

CULOTES

CASA

ANGLO-BRASILEIRA

Sucessora de MAPPIN STORES

S. PAULO

Compereando

fazemos essas observações para lembrar às autoridades que devem elaborar o decreto orçando a receita e fixando a despesa do Estado para 1947, que tomem, nas tabelas explicativas, as cautelas indispensáveis para que essas irregularidades sejam evitadas, em benefício dos verdadeiros objetivos das repartições públicas.

(“O Estado de S. Paulo”)

Fala Silvio Torres

O prof. Silvio Torres concedeu à imprensa, uma entrevista, na qual tratou dos estudos que realizou para conseguir a vacina que tem o seu nome, e destinada à prevenção e ao tratamento da aftosa. O cientista brasileiro agora mesmo foi solicitado pelo México, para onde partirá dentro em pouco, em companhia do veterinário sanitário José Norberto Macedo.

O prof. Silvio Torres, fez a seguinte exposição, sobre os seus trabalhos:

— “Desde 1927 que o Ministério da Agricultura se vem dedicando ao estudo da aftosa, nela empregando todos os seus recursos. Foi em 1940, porém, que iniciei os meus estudos a respeito. Em 1942, obtive uma vacina que ofereceu as mesmas garantias e a mesma eficácia que a alemã, utilizada na Europa, denominada “vacina de Waldmann”. Várias experiências foram feitas, até que surgiu a grande epizootia de fins de 1943, no Rio Grande do Sul, dizimando 100.000 cabeças com prejuízos avaliados em 150 milhões de cruzeiros. A essa epizootia classificamos de “mal que veio para bem”, pois foi devido a ela que o assunto interessou de fato aos criadores e ao governo gaúcho, levado a tomar medidas urgentes e eficientes em benefício de sua pecuária, ameaçada de extermínio. Com auxílio do governo federal, fui enviado ao sul, levando os recursos materiais de que dispunha. Coube ao Instituto de Carnes fornecer os primeiros trezentos mil cruzeiros para a campanha, seguindo-se a coleta feita em Pelotas, que rendeu novecentos mil cruzeiros. Aí, entrou o governo gaúcho com o seu interesse, decidindo o então interventor solicitar ao conselho administrativo do Estado a abertura de

Dinol — além de pião é dotôr!



DA gôsto ver como sara uma criação atacada de diarréia e tratada com Dinol. Na fazenda, o Anti-Disentérico Dinol vale o mesmo que um pião, visto que facilita o trabalho de todos, curando logo e salvando tempo para outros serviços. Se aplica tanto em leitão como em galinha, tanto em bezerro como em gado grande. Fácil de dar por boca, nunca faz mal, sai barato e, além de curar, desinfeta as fezes, evitando novos contágios. Porisso, o patrão enche o peito e garante: "Dinol, além de pião é dotôr". Peça-nos amostra gratuita ou encomende quantos vidros precise à farmácia mais próxima.

- ★ O Anti-Disentérico Dinol é dado por boca, em qualquer estado, idade ou espécie de animal - não tem contra-indicações; pode ser guardado muito tempo, nunca se estraga.
- ★ Os maiores criadores do Brasil afirmam as vantagens do Dinol.
- ★ Prefira o Concentrado para um litro, que sai ainda mais barato.
- ★ Preencha o cupon abaixo e nos envie. Receberá uma amostra grátis. Não deixe faltar Dinol na fazenda.

LABORATÓRIO
ULTRASAN LTDA.

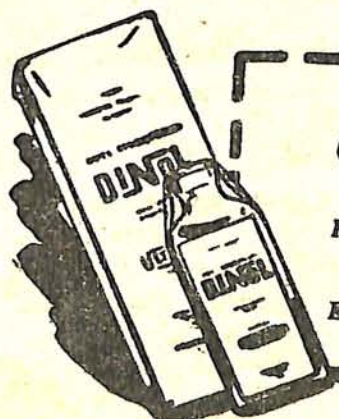


Rua Cristiano Viana, 397
São Paulo

(Fabricante do famoso
o pó de Cergental)

PRODUTOS DE PRATA
QUE VALEM OURO!

JANEIRO DE 1947



Cupon

GRÁTIS

Peço mandar uma amostra gratuita do Anti-Disentérico Dinol

Para: _____
(nome bem claro)

Endereço: _____
(Fazenda, cidade, rua, número, Estado)

Campesando

um crédito especial de Cr\$ 2.500.000,00 depois concedido (fins de 1944). Com essas importâncias, foi fundado o Laboratório de Febre Aftosa, para fabricação intensiva da vacina que tem o meu nome. Outros créditos foram abertos, outras contribuições foram recebidas, gastando-se até o momento Cr\$ 7.131.400,00 na produção de 3.033.727 doses. Continuamos trabalhando intensamente. Ainda há poucos dias, estive em reunião com o interventor federal, seu secretário de Agricultura e com o diretor do Departamento da Produção Animal, recebendo do primeiro a garantia de que o ritmo de trabalhos do Laboratório de Febre Aftosa não seria diminuído".

— E como repercutiu o trabalho realizado no exterior?

— "Grande repercussão alcançou na Argentina, no Uruguai, no Chile e no Perú. Acrescento ainda a Inglaterra, que chegou a enviar ao sul o capitão Vincent Boyle, para estudar a vacina.

Dai, nasceu a convocação do congresso de cientistas, em Londres, para o qual fui convidado mas, infelizmente, não pude comparecer, pois as autoridades portuguesas m'o impediram em virtude da falta de um atestado contra a febre amarela. Quatorze sumidades participaram do Congresso cujos resultados me foram presentes. Na próxima primavera, espero atender ao convite do governo inglês, visitando a Inglaterra".

— E sobre a exportação da vacina?

— "Afirmou-se, há pouco, que o governo do Rio Grande do Sul não quer que a vacina saia dos limites do seu Estado, utilizando-a apenas nos seus rebanhos. Não é verdade. Acontece que o Rio Grande possui 10.000.000 de cabeças de gado para vacinar. E a produção de vacinas, até o momento, pouco passou dos três milhões. Não há, portanto, saldo para exportar. Mesmo assim, o contrabando tem facilitado o envio do produto para outras regiões, inclusive para os países vizinhos. Mas temos prevenido a todos de que os resultados não são garantidos, sendo mesmo mera coincidência quaisquer bons resultados obtidos. E' que a vacina exige certo cuidado na sua remessa, não sendo mesmo recomendada a sua exportação. Tanto que está o Ministério cuidando da instalação de uma rede de laboratórios em todo o país, para a sua

Walter Noble

Embarca para a Inglaterra, em 30 de Março, com o fim de escolher reprodutores na Inglaterra e Continente da Europa



Informações:

WALTER NOBLE	—	Rua José Bonifácio, 110, 3.º s/loja, sala 5 — S. Paulo.
PAULO DACORSO	—	Caixa Postal, 3043 — Rio de Janeiro.
EPAMINONDAS SANTOS	—	Caixa Postal, 231 — Curitiba — Estado do Paraná.
GUILHERME BURNS	—	Bagé, Estado do Rio Grande do Sul.

*Esta soma MULTIPLICARÁ
seus Lucros!*

CÁLCIO	11,9%
PROTEÍNAS	14,5%
GORDURA	12,2%
+ EXTRATOS não AZOTADOS	39,7%
FIBRAS	12,5%
UMIDADE	9,2%
= RESÍDUOS DE CACAU "ORQUIMA"	



— O ALIMENTO PREFERIDO PARA MISTURA NAS RAÇÕES DE BOVINOS — EQUINOS — ASININOS — SUINOS — AVES — ETC.

Magnífico para engorda e fortalecimento dos animais



Preço — Cr\$ 600,00 por tonelada ensacada e posta vagão em São Paulo.

Frete — Mínimo — igual ao do capim e ao da alfafa (tabela 4).

Sacos — Cada saco devolvido em bom estado será creditado em Cr\$ 3,00 nas futuras compras.

DOSAGEM

SUÍNOS:

Leitões mamando (até 3 meses)	5%
Leitões na desmama (3 a 5 meses)	8%
Capadetes	10%
Meia ceva e selecionados	15%
Capados e porcas de cria	20%

BOVINOS:

Bezerros	10%
Reprodutores e vacas leiteiras	20%
Outros animais:	20%
Animais novos:	10%

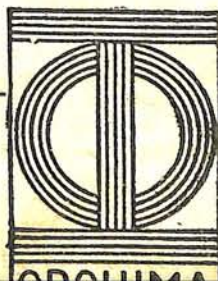
FAÇA UMA ENCOMENDA EXPERIMENTAL AOS FABRICANTES

"ORQUIMA"

INDÚSTRIAS QUÍMICAS REUNIDAS S. A.

MATRIZ: SÃO PAULO — Rua L'bero Badaró, 158 — 6.º Andar

FILIAL: RIO DE JANEIRO — Av. Rio Branco, 138 — 9.º Andar



Campereando

fabricação. O Instituto Biológico de S. Paulo já a produz, o mesmo acontecendo aqui no Rio no Instituto de Biologia Animal, e em Belo Horizonte, na Divisão de Defesa Sanitária Animal. Devo declarar que a minha vacina é eficiente em 98% dos casos e deve ser fabricada de acordo com a espécie de vírus".

— Será ela enviada ao México?

— "Não. Além de não ser economicamente aconselhável, ha a dificuldade das condições de transporte e, o que é mais importante, não conhecemos o tipo de vírus que está atacando o gado mexicano. Só poderei falar sobre o assunto depois que lá estiver".

— Póde ser consumida a carne de animal aftoso?

— "Sobre isso não ha a menor dúvida. As experiências demonstraram ser essa carne excelente para o consumo. Tanto que os laboratórios adquirem o gado para a fabricação da vacina, utilizando-o depois no consumo das populações. Ha até estabelecimentos na Argentina e no Uruguai que fazem esse serviço. Depois de utilizar o animal nos seus trabalhos, abate-o e fornece a carne ao consumo público".

Assim concluiu o prof. Silvio Torres: "Desejo confessar que tenho em minha vida um grande objetivo: estive nos Estados Unidos e de lá voltei impressionado com o fato daquele grande país não aceitar a nossa carne resfriada, como também não a aceita de outros países que têm aftosa. Pois bem: a minha ambição é possibilitar a exportação da nossa carne para aquela grande nação com a prévia eliminação da aftosa".

("O Estado de S. Paulo")



É a média de produção de uma boa galinha. Para alcança-la, e médias ainda mais elevadas, é preciso que as aves encontrem em sua alimentação todos os nutrientes necessários, em quantidade e qualidade, não só para a manutenção do seu corpo como para produzir ovos.

As "Rações Concentradas Brasil" garantem o fornecimento desses nutrientes.

(Resp. Brenno M. de Andrade, eng.-agro.)

Produto da Refinadora de Óleos Brasil S/A
Rua Xavier de Toledo, 114 - Caixa Postal, 1117
São Paulo



Pastos arboreos

O Ministro da Agricultura, depois de ouvir os técnicos do

Departamento Nacional da Produção Animal e do Serviço Florestal, mandou intensificar o fomento à formação de pastos arboreos, principalmente nas zonas semi-áridas e subúmidas do país.

Alguns pastos arboreos apresentam muitas vantagens: a) são riquíssimos em proteína, podendo ser considerados substitutos da alfafa; b) fornece grande copia de forragens verdes, por hectare, durante os períodos mais secos do ano; c) permitem um adensamento consideravel de bovinos por unidade de área, talvez o duplo do atual, aumentando em proporção maior o rendimento de carne e leite.

O Serviço Florestal está distribuindo sementes e mudas de cana-fistula cearense (Cassia multijuga) aos fazendeiros que as solicitem. E ha uma razão especial para isto. A cana-fistula cearense é uma arvore leguminosa de porte

Tratamento da esterilidade das fêmeas reprodutoras

A foliculina cristalisada, ou hormônio folicular, é substância química definida (C 18 H²² O 2), produzida pelos ovários, que têm sob sua dependência o determinismo das funções genitais da fêmea e preside ao desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários.

Secretada em grande quantidade durante a gravidez, ela tem efeito sobre o equilíbrio hormonal durante este período e, em relação ao feito, representa o fator de crescimento.

Os recentes trabalhos de Doisy, Mac Quodale e Thayer demonstraram que a foliculina é secretada fisiologicamente em forma de dihidro foliculina (C 18 H²⁴ O 2), razão pela qual a foliculina foi substituída pela mesma em todas as formas injetáveis.

É no tratamento das vacas estéreis que o emprego do Benzo-Gynosteryl Veterinário dá resultados excepcionalmente notáveis, segundo numerosas observações feitas na França e em outros países.

Não é preciso assinalar as perdas consideráveis, que a esterilidade das vacas causa aos criadores, são tão importantes que não há veterinário, na prática rural, que não seja chamado a intervir para tentar limitá-las.

É evidente que a esterilidade devida à esclerose ovariana e que acarreta a ausência de ovulação ou a endometrite grave, impedindo a liberação do ovo, não é suscetível de ser tratada pelo hormônio folicular. Mas, quando a esterilidade é devida, o que é frequente, às perturbações do ciclo estral, sob a dependência de uma insuficiência de secreção hormonal do ovário, o tratamento pelo hormônio folicular apresenta-se como o de mais nítido resultado. Nas fêmeas assim estéreis, durante o cio com seus caracteres gerais discretos ou inexistentes, uma aplicação de duas ampolas de Benzo-Gynosteryl Veterinário, uma de cada lado do pescoço, com as precauções assépticas habituais, é seguida, dentro de 1 a 3 dias (algumas vezes mais cedo, raramente mais tarde), da aparição do cio com seus caracteres gerais ou locais. É preciso notar entretanto que este cio arti-

ficial, obtido pela aplicação do hormônio folicular, não corresponde sempre, em razão do tempo rápido em que é obtido, à postura ovular; mas a injeção hormonal inicia a atividade do ovário, restabelece o ciclo estral fisiológico e osaios normais, que aparecem a seguir ao cio provocado, traduzem inegavelmente o início da postura ovular, a qual condiciona a fecundação, meta do tratamento. Toda vaca tratada com Benzo-Gynosteryl Veterinário deve, pois, ser coberta desde a reaparição do cio provocado, e novamente coberta nosaios seguintes, até obtenção da fecundação. As vacas assim tratadas engravidam na mesma proporção que as fêmeas normais, tendo-se em conta as causas extrínsecas de não fecundação.

Podemos aplicar o mesmo tratamento com idênticos resultados na esterilidade das éguas. Todavia, devido a diferença fisiológica do cio, é conveniente praticar o tratamento alguns dias antes da época presumível dos calores.

A esterilidade das porcas adultas é curável pelo Benzo-Gynosteryl Veterinário, e 100% de sucessos nos são relatados por inúmeros médicos veterinários, podendo a dose ser reduzida a uma única ampola de 2 cc., numa só injeção, alguns dias antes do cio.

Para a espécie ovina, segundo o porte do animal, é suficiente injetar ½ a 1 ampola. Fazer o tratamento habitualmente em Junho ou em Julho (época do cio), e colocar a seguir as fêmeas com os reprodutores.

Os Laboratórios Silva Araujo-Roussel recebem com particular agrado, toda e qualquer comunicação que os Srs. Médicos veterinários desejem fazer sobre estudos, observações e resultados clínicos concernentes ao Benzo-Gynosteryl Veterinário nas várias espécies animais.

—:—

BENZO-GYNOESTRYL VETERINARIO — Benzoato de di-hidro foliculina cristalisada. Solução oleosa injetável dosada a 3 mg. por ampola de 2 cm³. (30.000 U. I. B. por ampola). Apresentação: Caixas com 2 ampolas de 2 cc.

BANCO DO BRASIL S/A.

R. ALVARES PENTEADO, 112 — SÃO PAULO

COBRANÇAS - DEPÓSITOS - EMPRÉSTIMOS
- CAMBIO - CUSTÓDIA - ORDENS DE PA-
GAMENTO - CRÉDITO AGRÍCOLA E IN-
DUSTRIAL - CARTEIRA DE
FINANCIAMENTO

TAXAS DAS CONTAS DE DEPÓSITO:

Populares

(limite de Cr\$ 10.000,00) .. 4½% a.a.;

Limitados

até Cr\$ 50.000,00 4% a.a.;

até Cr\$ 100.000,00 3% a.a.;

SEM LIMITE 2% a.a.

Depósitos a Prazo Fixo:

12 meses .. 5% a.a. — 6 meses .. 4% a.a.

Depósitos de Aviso Prévio:

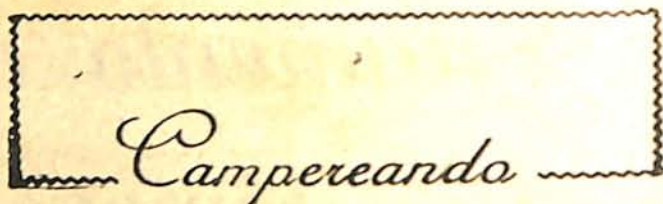
90 dias .. 4½% a.a. — 60 dias .. 4% a.a.
30 dias 3½% a.a.

Contas a Prazo Fixo, com pagamento mensal de juros:

6 meses 3½% a.a. — 12 meses 4½% a.a.

DIREÇÃO GERAL e AGENCIA CENTRAL:
Rua 1.º de Março, 66 — RIO DE JANEIRO
END. TEL. "SATELITE" — Agências em
todas as Capitais dos Estados e principais
praças do País. Correspondentes nas princi-
pais praças do País e do Exterior. Agências
no Exterior: Assunção (Paraguai) e
Montevideu (Uruguai).

Agências localizadas no Est. de São Paulo:
Andradina - Araçatuba - Araguaçu - Arara-
quara - Assis - Avaré - Bariri - Barretos -
Baurú - Bebedouro - Botucatu - Bragança
Paulista - Cafelandia - Campinas - Catandu-
va - Chavantes - Duartina - Franca - Itape-
tinga - Itapira - Ituverava - Jaboticabal -
Jaú - Limeira - Lins - Marília - Matão - Mi-
rassol - Mogi das Cruzes - Monte Aprazível
- Nova Granada - Novo Horizonte - Olimpia
- Orlandia - Pederneiras - Piracicaba - Pira-
jú - Pirajuí - Pirassununga - Presidente Pru-
dente - Promissão - Rancharia - Rib. Bonito
- Ribeirão Preto - Rio Claro - Sta. Cruz do
Rio Pardo - Sto. Anastacio - Santo André -
Santos - São João da Boa Vista - S. José
dos Campos - S. José do Rio Pardo - S. José
do Rio Preto - Sorocaba - Taquaritinga -
Taubaté - Tupã - Valparaíso - Votuporanga.



médio que apresenta copa mais viridente no rigor das estiadas. Fornece, por hectare, na estação seca, cerca de 150 toneladas de rama tenra, riquíssima em proteína, apreciadíssima pelos bovinos, caprinos e ovinos, que a comem com visível prazer. A produção de forragens da cana-fistula supera, em regra, às das forrageiras mais afamadas. Multiplicação facil. Rusticidade. Crescimento rápido. Enriquece o solo em azoto. Póde ela, em pouco tempo, contribuir de maneira notavel para um sensível melhoramento da pecuária brasileira em amplísimas regiões.

Os interessados devem dirigir-se ao Serviço Florestal ou às suas dependências nos Estados.

("O Estado de S. Paulo")

Zebú no

Mexico

"As acusações vagas, gratuitas, injustificadas e tendenciosas publicadas contra o gado brasileiro não merecem resposta" — declarou o embaixador do Brasil, Sebastião Sampaio, numa entrevista exclusiva concedida ao correspondente da "France Presse" a respeito do surto de febre aftosa que atacou o gado mexicano.

O embaixador brasileiro desenvolveu nesses últimos dias uma grande atividade entrando em contacto diariamente com os criadores mais importantes do México e conferenciou longamente com o ministro do Exterior, Jaimes Torres Bodet e com o secretário da Agricultura, Nazario Hortiz Garza. No entanto, tem observado a maior reserva diplomática particularmente em relação aos jornalistas aos quais limitou-se até então a afirmar que fará dentro em breve declarações uteis e oportunas. Contudo, o correspondente da "France Presse" foi o primeiro a obter sobre o assunto declarações pessoais do sr. Sebastião Sampaio.

"Sinto sinceramente com todos os mexicanos, o prejuizo causado na criação nacional pela aftosa e acompanho com interêsse as medidas eficazes com as quais o governo mexicano procura atacar diretamente o terrível mal e as que pretendem tomar ulteriormente para descobrir as causas e origens" — disse o embaixador.

Respondendo a uma pergunta sobre as acusações que atribuem ao gado brasileiro a trans-

Aos criadores do Brasil



FORRAGENS PARA PECUARIA

INDÚSTRIA SÃO PAULO / BRASILEIRA

MATRIZ

Avenida Agua Branca, 798 - (Em frente ao Parque de Indústria Animal)
Fones: 5-9229 e 5-7084 — Caixa Postal, 5013 — SÃO PAULO
Endereço Telegráfico: "SOCILIL"

FABRICA

Avenida Santa Marina, 1571 — (Estação Agua Branca) — Telef. 5-9229

FILIAL EM UBERABA:

Rua Olegario Maciel, 24 — Telefone, 1138
Caixa Postal N.º 100 — Minas Gerais

As rações balanceadas que levam o
sêlo "Socil" - símbolo de seriedade -
estão sendo largamente usadas pelos
mais adiantados lavradores do País.
A sua eficiência resulta no menor custo

Compereando

missão da epizootia, o sr. Sebastião Sampaio declarou: "Com a mesma serenidade com que o caso foi encarado pelo governo mexicano, acredito que no momento o que se deve fazer é combater o mal. As acusações injustificadas e tendenciosas publicadas contra os touros brasileiros não merecem resposta. É incrível que pudessem ser portadores de germes quando ficaram mais de duzentos dias de "quarentena", sob rigorosos exames científicos, obtendo cada animal o certificado de perfeita saúde assinado pelos melhores veterinários oficiais do México e dos Estados Unidos".

Interrogado sobre quando poderia dar novas informações a respeito, o sr. Sampaio declarou que falará em tempo oportuno.

"Estou terminando as minhas observações pessoais no México e Estados Unidos, em todos os cantos onde há zebús brasileiros. Darei dentro em breve os resultados que, posso já prever, constituirão o justo estabelecimento da verdade sobre esses animais. Basta dizer que entre os zebús que chegaram da última remessa somente um foi atacado pela aftosa em Vera Cruz e isso porque permaneceu durante muitos dias no meio de centenas de animais atacados pela peste. Os zebús que se encontram nos Estados Unidos gozam da melhor saúde. É importante acentuar que a maioria dos animais

brasileiros não está sequer entre os animais suspeitos".

O embaixador brasileiro concluiu a sua entrevista externando a sua confiança sobre os resultados das atuais investigações do governo mexicano, "que fará sem dúvida justiça ao zebú brasileiro".

("O Estado de S. Paulo")

Forragens de palha

A alimentação do gado estabelecido é problema que preocupa a todos os criadores, dadas as dificuldades de obtenção das forragens que formam a ração diária que um animal em plena produção requer para uniformidade nos rendimentos. Durante a guerra, com o bloqueio submarino, viu-se a Grã-Bretanha em situação quase desesperadora para alimentar o gado leiteiro e ovino e o não menos importante gado suíno. Mas logo se verificou que um alimento fácil de se encontrar em grande quantidade eram a palha e a casca de cereais — restos de cultura ou de benefício do grão que até então só eram aplicados na adubação do solo ou no fabrico de pasta de papel. Do ponto de vista nutritivo, equiparam-se aos capins, mais rijos, de sorte que a nenhum animal apetece e, mesmo quando digeridos com outros alimentos, causam mal estar e desarranjos.

Pesquisadores da estação experimental de uma organização particular, a Imperial Chemical Industries, em Jealott's Hill, na Inglaterra, fizeram desse material, sob ação da soda cáustica, uma polpa que é forragem tão apetecida pelos animais que se pôde considerar a descoberta como valiosa contribuição para a

COMPOSTO DE LIMPEZA

APV

PARA LATICÍNIOS E INDÚSTRIAS ALIMENTÍCIAS
PODEROSO DESINFETANTE E PROTETOR DO ESTANHAMENTO

Para efeito máximo empregá-lo em solução de 3% e 72° C. de Temperatura

DISTRIBUIDORES:

LANDMANN, FILHOS & CIA. LTDA.

RUA MARCONI, 131

SÃO PAULO



Evite preocupações

no estudo de planos para suas

Construções Rurais

NOSSA EXPERIÊNCIA DE 19
ANOS, INDICA O QUE DE
MAIS PRÁTICO, CÔMODO E
ECONÔMICO ADOPTAR

PLANTAS PARA CONSTRUÇÕES RURAIS

PLANTAS

	Cr\$
Cocho Coberto para dar sal ao gado	10,00
Tronco para ordenha	10,00
Banheiro para Suínos	10,00
Estábulo para 60 vacas	20,00
Estábulo Econômico	20,00
Estábulo para 26 vacas	20,00
Estábulo MODELO	20,00
Estábulo para 48 vacas	20,00
Plataforma para banho carrapaticida com bomba de aspersão	10,00
Aprisco para 70 carneiros	10,00
Projeto de uma grande estrumeira	10,00
Projeto de uma pequena estrumeira	10,00
Tipo de pequena pocilga	10,00
Cavalaria mixta	20,00
Tronco para apartação de gado	10,00
Palol	10,00
Tronco para cobertura	10,00
Fábrica de Manteiga	20,00
Silo Subterrâneo	10,00
Silo de 130 toneladas	20,00
Silo Aéreo	20,00
Silo de Encosta	20,00
Projeto de um Silo Econômico	20,00
Projeto de um Rolo de Faca	10,00
Galpão esterqueira	20,00
Cocheira	30,00
Banheiro Carrapaticida	20,00
Tipo de maternidade dupla para 24 suínos	20,00

PLANTAS

	Cr\$
Curral	20,00
Currais com apartação e tronco para ordenha	20,00
Abrigo Mixto	10,00

RESFRIAMENTO DE LEITE, ENGARRAFAMENTO E CONSERVAÇÃO ATÉ O MOMENTO DA ENTREGA

Estes projetos contém: planta, cortes, fachadas, esquemas e dados de toda espécie para a construção completa; além de um memorial descritivo do maquinário necessário com todas especificações técnicas e orientadoras para a instalação.

PROJETOS COMPLETOS (planta e memorial)

	Cr\$
Fábrica de Manteiga - Cap. 100 lts.	100,00
Fábrica de Manteiga - Cap. 300 lts.	100,00
Fábrica de Manteiga - Cap. 500 lts.	100,00
Posto de Resfriamento de latões por circulação - Capacidade 200 litros	100,00
Posto de Resfriamento - Cap. 200 lts.	100,00
Posto de Resfriamento - Cap. 500 lts.	100,00
Posto de Resfriamento e Engarrafa. mento - Capac. 200 litros diários	100,00
Posto de Resfriamento e Engarrafa. mento - Capac. 500 litros diários	100,00

Os associados gozam o desconto de 20% sobre os preços desta lista



PEDIDOS A

Associação Paulista de Criadores de Bovinos

(EX-FEDERAÇÃO DE CRIADORES)

RUA SENADOR FEIJÓ, 30 — 8/LOJA — FONES: 2-3832 e 2-6429 — S. PAULO

Pampereando

bromatologia animal e solução de um problema econômico nas zonas cerealíferas. Durante a guerra, foi essa descoberta considerada como valioso elemento de intensificação da produção britânica, "do que resultou uma enorme economia de espaço marítimo, liberando grande número de navios para fins estritamente militares".

Duzentos quilos de palha de trigo ou de arroz, depois de embebidos e macerados, produzem 700 quilos de polpa comestível, quantidade suficiente como ração diária para um lote de 20 cabeças de gado leiteiro ou de engorã. A polpa deverá ser dada ao gado durante a semana seguinte à do seu preparo porque se azeda em maior prazo. Uma tonelada de polpa de palha tem valor nutritivo equivalente ao de quatro toneladas de beterraba forrageira.

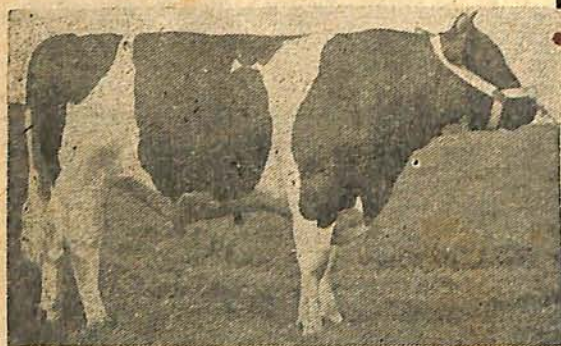
Sendo um processo tão simples, que agora se

tornou de conhecimento universal, nada se perde por experimentá-lo, pois talvez venha a resultar de maior aplicação e utilidade para os criadores brasileiros.

Para que nossos criadores possam experimentar esse novo sistema, utilizando produtos que, em alguns lugares não têm maior aplicação, resumimos aqui o processo, ao alcance de qualquer trabalhador rural. Enche-se de água um tanque de tijolo ou cimento, como lavadouro de café, e, para cada 900 litros, dissolvem-se 13 quilos de soda cáustica, operação essa que requer cuidado, porque a soda é nociva à pele e ao vestuário. Depois, coloca-se no tanque a palha ou a casca do cereal cortada em pedaços não maiores de sete centímetros e deixa-se em embebedimento durante toda a noite, tendo em cima uma tela ou grade de madeira para mantê-la submersa. No dia seguinte, retira-se a palha para outro tanque, deixando-a antes escorrer o excesso de soda, e aí permanece em água corrente até que não saia mais água parda nem a polpa apresente a consistência de ensaboada, o que se dá dentro de três ou quatro horas. Está assim preparada a forragem que durante a guerra serviu de maneira tão extraordinária aos criadores das Ilhas Britânicas.

(“O Estado de S. Paulo”)

IMPORTE DIRÉTAMENTE DA HOLANDA



Reprodutores de puro sangue
preto-branco e vermelho-branco.

N. R. S.

Registro Genealógico Holandês de Haya.
Fornecedor do Governo Federal. — Mais
de 150 reprodutores encomendados este
ano pelo Brasil.

REPRESENTANTE GERAL

LUIZ A. FALCÃO

R. ARAUJO PORTO ALEGRE, 56 - Ap. 64
End. Telegráfico ANIFALCO
RIO DE JANEIRO

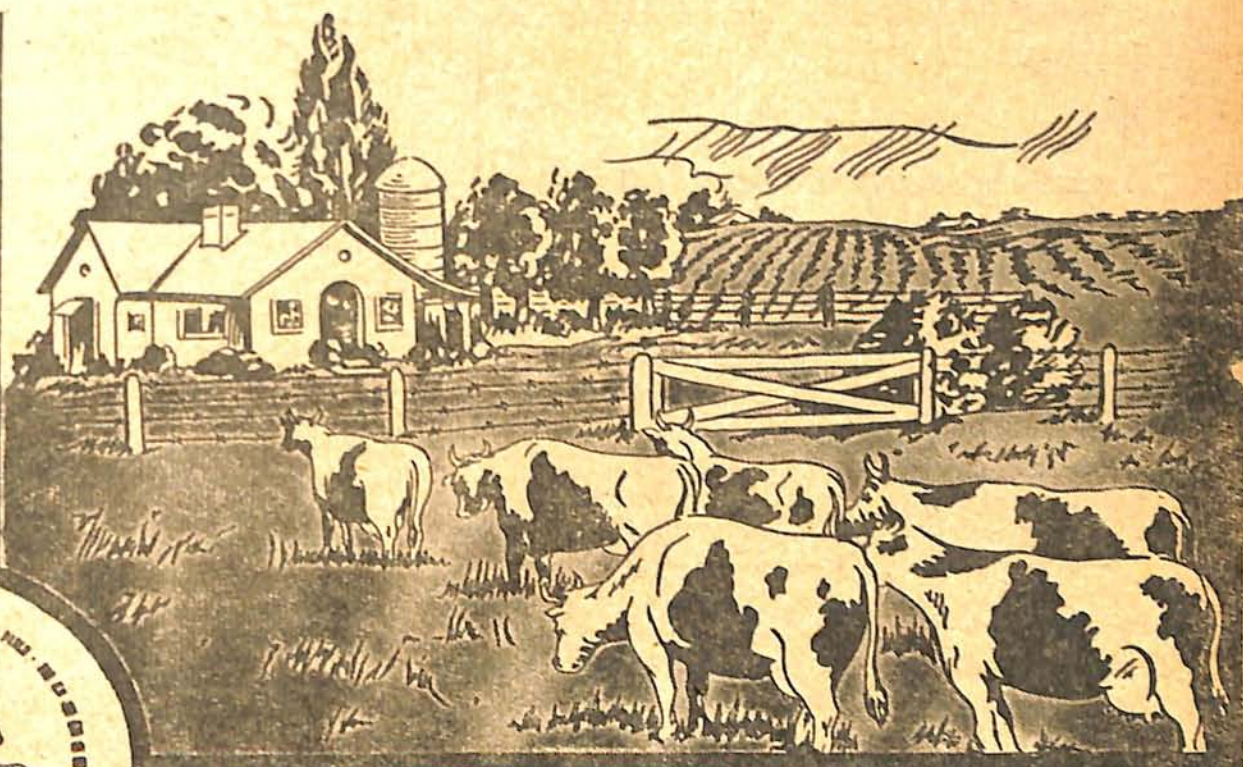
Falta de veterinários

A falta de veterinários não tem permitido ao governo aplicar medidas mais eficientes de combate às doenças dos animais cuja elevada incidência impede o desenvolvimento normal da nossa pecuária.

Doenças de profilaxia conhecida ainda dizimam os rebanhos bovinos em cerca de 30 por cento dos seus efetivos — e este fato impressiona vivamente o ministro da Agricultura, que está empenhado em assegurar melhores condições sanitárias para o fomento da produção animal.

Para enfrentar esta situação difícil, o Ministro Daniel de Carvalho está desenvolvendo um programa inspirado na necessidade geral de integrar o Ministério da Agricultura nas suas funções exatas, procurando suprir as deficiências de pessoal técnico e de ordem material e financeira, pela cooperação dos vários serviços com os seus congêneres estaduais, numa articulação de esforços e recursos, dirigidos com unidade de vistas, para a obtenção de resultados comuns. É uma orientação de todo acertada, que nas atuais condições de precariedade virá minorar os desastrosos efeitos que a falta

Feche
a
porteira
às
doenças!
USANDO



SAL INGLEZ

(COMPOSTO)

PINTO BUENO & CIA.
RUA AURORA, 39
SÃO PAULO
UN COS
FABRICANTES
DO



"E' APLICADO COM GRANDE PROVEITO PARA A ENGORDA DOS ANIMAIS EM GERAL, E INDICADO COMO TÔNICO RECONSTITUINTE PARA ANIMAIS CONVALESCENTES. AUMENTA A GORDURA EM POUCO TEMPO. DA ENERGIA E VIVACIDADE AOS ANIMAIS".

Nas vacas leiteiras aumenta o leite e facilita a assimilação dos alimentos.

DESPEZA MENSAL DE Cr\$ 0,30, COM A SALITRAÇÃO POR ANIMAL — LUCRO DE Cr\$ 20,00 a Cr\$ 30,00 POR CABEÇA.

DISTRIBUIDORES:

- Minas Gerais - Belo Horizonte: — Secretaria da Agricultura do Estado de Minas Gerais.
Rio de Janeiro e Norte do Brasil — Hasenclever & Cia. (Em liquidação) — Campo de São Cristóvam, 110 — Caixa Postal, 640.
São Paulo — Almeida Silva & Cia. — Rua. Brigadeiro Tobias, 502.
João Jorge Figueiredo S/A. — Rua Miguel Couto, 8.
Drogasil Ltda. — Rua José Bonifácio, 166.
Elekeiroz S/A. — Rua São Bento, 63.

Campereando

de veterinários e demais elementos de ação está causando à nossa pecuária.

A propósito desta mobilização contra as doenças que dizimam os rebanhos, e que começa com a readaptação dos serviços oficiais em face dos problemas mais urgentes o veterinário Jorge Pinto Lima deu uma entrevista à imprensa na qual também focalizou a necessidade urgente do desenvolvimento da pecuária e sua proteção sanitária. Esse técnico, que é secretário geral da Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária, apontou como medidas mais essenciais para enfrentar o problema a ampliação dos quadros de veterinários e dos serviços de defesa sanitária animal, que devem ser dotados com laboratórios de pesquisas e fabricação de vacinas, provendo-os do pessoal técnico necessário para realizar o levantamento das ocorrências de doenças e sua profilaxia.

Para os trabalhos de fomento pecuário, o secretário da Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária opina por um plano zootécnico baseado no emprego da inseminação artificial em larga escala. ("A Manhã")

**O Collarinho
TRUBENIZADO
é molle e não enruga**



**CASA
KOSMOS**

A erosão

Com o regresso de seis agrônomos que a Secretaria da Agricultura enviou aos Estados Unidos para se pôrem ao par dos últimos progressos quanto à conservação do solo, controle da erosão, irrigação e drenagem, serão reativados e ampliados os trabalhos desses setores tão relevantes para a nossa agricultura.

Há pouco tempo, H. H. Bennett, chefe do Serviço de Conservação dos Solos do Ministério da Agricultura de Washington, analisou num trabalho: "Soil Conservation in Latin America", os efeitos da erosão dos solos e o grau de intensidade em diferentes países deste continente. Ali se verifica que em cerca de 138.872.000 acres de terra arruinadas ou seriamente afetadas pela erosão em todos os países latino-americanos, cabe à Argentina, México e Brasil o quociente principal, de 93.857.000 acres. Aquele técnico, numa avaliação preliminar, distribui as terras brasileiras cultiváveis, do ponto de vista de conservação dos solos, da seguinte forma:

	Hectares
Terras agrícolas disponíveis	40.000.000
Terras cultivadas	31.960.000
Terras arruinadas ou afetadas pela erosão	8.000.000

Em relação às terras cultivadas, a área arruinada ou afetada pela erosão representa, no Brasil, 20%, enquanto no México os estragos alcançam 50% e, na Argentina, apenas 15%. O país latino-americano mais prejudicado pela erosão é a Venezuela, com 64% das terras cultivadas, e o menos danificado, Cuba, somente com 5%. Atribuem-se como causas da erosão, na Venezuela, a grande declividade dos terrenos e as chuvas intensas que, em alguns lugares do interior, alcançam à média anual de 2.500 milímetros. A pedido do governo venezuelano, em 1941, o Ministério da Agricultura dos Estados Unidos enviou para ali uma comissão de conservação dos solos, que planejou e organizou um programa de trabalho modelar para todo o país.

No Estado de São Paulo nossos técnicos verificaram os quatro tipos de erosão, denominados: em lençol, em canal, em queda e em desabamento. A este último, o nosso homem do interior chama de "possoroca", terríveis vales de erosão, de centenas de metros de comprimento, muito comum em certos tipos de solos de algumas regiões do Estado, e que um especialista descreveu da seguinte maneira: "Um

Campereando

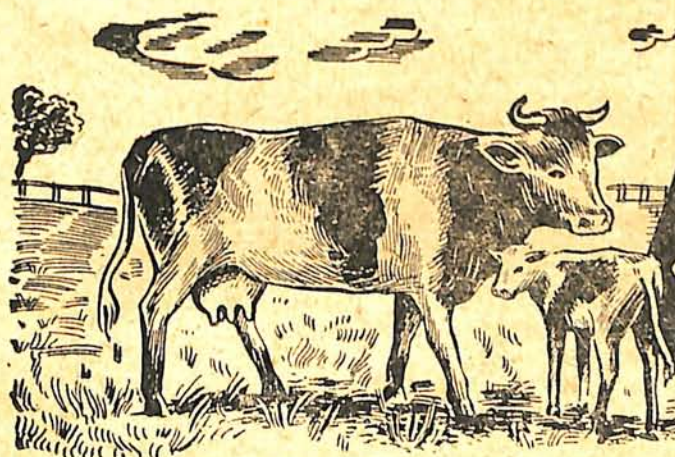
córrego subterrâneo se forma neste caso. Alarga-se. O material inconsistente da sua abobada se desprende e é levado pelas águas. O terreno começa a ceder até desabar fragorosamente num dia muito chuvoso, sacudindo às vezes uma região de vários quilômetros quadrados, como se fôra um terremoto".

A Seção de Combate à Erosão da Secretaria da Agricultura do Estado já promoveu estudos que permitem indicar, para cada tipo de solo, as culturas mais adequadas ao agricultor, não só favorecendo maior rendimento, como criando impecilhos à erosão. Culturas como o milho e o algodão não devem ser exploradas ininterruptamente nas mesmas terras: tal prática é totalmente contra-indicada. Muitas leguminosas, que os serviços experimentais aconselham, devem ser utilizadas em rotação com essas culturas. Há pouco tempo comentamos aqui o valor e a importância que vai tomando,

nos Estados Unidos, uma dessas plantas, o Trevo subterrâneo, útil em trabalhos de conservação dos solos, como verdadeiro restaurador das terras esgotadas. Segundo nos informaram, a Sociedade Rural, a pedido de um grupo de agricultores e criadores, solicitou à Secretaria da Agricultura a importação de sementes dessa planta, demonstrando assim, pelo problema, o interesse das classes rurais do nosso Estado. Tratando-se de uma ótima pastagem para gado vacum, ovelhas, porcos e outros animais, deve-se providenciar para a introdução, o mais breve possível, de uma larga quantidade de sementes. Aliás, segundo experiências promovidas pela Estação Experimental de Carolina do Norte, o Trevo subterrâneo é a "melhor leguminosa conhecida para terras com deficiência de fósforo", o que, como se sabe, é verificado na totalidade das terras do Estado de São Paulo e do Brasil.

A distribuição de sementes e mudas de plantas que, enriquecendo o solo, evitam os efeitos danosos da erosão, será, provavelmente, encarada com muito carinho no programa de ampliação dos serviços de conservação dos solos, por esse grupo de técnicos que está regressando dos Estados Unidos.

("O Estado de S. Paulo")



**EVITE O ABORTO
INFECCIOSO EM
SEUS REBANHOS**

Brucelose do bovino significa aborto infeccioso, o aborto infeccioso alastra-se rapidamente no rebanho e impede a reprodução, a falta de reprodução do rebanho representará um tremendo prejuízo na sua economia de criador. Sendo moléstia incurável, só lhe resta uma solução: EVITÁ-LA. E, felizmente, você o pode fazer, aplicando uma vacina de alta confiança e resultados seguros:



VACINA CONTRA A BRUCELOSE "VITAPEC" (AMOSTRA B-19)

Peça literatura completa para:

PRODUTOS VETERINARIOS VITAPEC LTDA.

Rua Pamplona, 817 - Tels.: 3-4139 e 3-4130 - S. Paulo



*A solução do
seu problema
pode estar
num destes
livros...*



Pedidos à

ASSOCIAÇÃO DE CRIADORES

CRIAÇÃO

Volume - Cr\$

Criação Prática de Suínos	10,00
Manual do Criador de Caprinos	15,00
Bovinos das Raças Indianas — Dr. Celso de Souza Meirelles — Assuntos de suma importância para todos que se dedicam à criação das Raças Zebú	40,00
Como Criar Bezerros — Dr. Celso de Souza Meirelles	2,50
Exterior e Julgamento dos Equídeos — Prof. Walter R. Jardim	30,00
Manual Prático de Castração — Dr. Celso de Souza Meirelles — Detalhes e segredos na arte de castrar	12,00
Manual de Medicina Veterinária — Alvaro da Penha Sobral	25,00
Obstetrícia Veterinária — Dr. René Straunard	25,00
Manual do Criador de Bovinos — Prof. Nicolau Athanassof	85,00
Principais Característicos da Boa Vaca Leiteira — Hugh G. Van Pelt	6,00
Manual do Criador de Suínos — Prof. Nicolau Athanassof	40,00
O Zebú — Prof. M. Paulino Cavalcanti	20,00
A Pecuária Cearense e o seu melhoramento — Prof. Octavio Domingues	20,00

LEITE E LATICÍNIOS

Noções Gerais Sobre o Leite — Manuel de Arruda Behmer	18,00
Análise do Leite e Laticínios — 3.ª Edição contém ilustrações de todo o material usado nessa especialidade	10,00
Fabricação de Queijos — Manuel L. Arruda Behmer	20,00
Fabricação dos Queijos — Castro Brown	10,00
Leite e Derivados — João Vieira	10,00
Indústria do Queijo e da Manteiga — Manuel de Arruda Behmer	18,00

CONTABILIDADE E ORGANIZAÇÃO

Volume - Cr\$

Contabilidade nas Fazendas - D. Tafuri	15,00
Livro para Registro de Gado Bovino — Em duas Partes — A primeira para escrituração e controle geral do gado existente na fazenda e a segunda para o registro individual de cada animal	20,00
Livro de Controle, com 24 folhas para o gado existente, na fazenda e controle da produção de leite ...	25,00

AVICULTURA

Conjunto de Lições sobre Criação de Galinhas, Patos, Marrecos, Gansos, Perús e Coelho. - Volume ricamente encadernado com 386 paginas .	50,00
Instalações Avícolas Industriais	20,00
Perús, Patos, Marrecos e Gansos e sua Criação	10,00
O Fator Sucesso em Avicultura	8,00
Pintos de Um Dia (2.ª edição)	12,00
Os Perús — Adaptação e ampliação de J. Reis — Criação e aproveitamento	10,00
Marrecos e Patos — Tradução e adaptação de J. Reis	10,00
Incubação dos Ovos de Galinha — Trad. e adaptação de J. Reis	8,00
Criação de Galinhas — J. Reis	10,00

DIVERSOS

Construções Rurais — Prof. Orlando Carneiro	30,00
Silo Econômico — Finalidade e instr. p/ construção de um silo subterrâneo	3,00
Principais Forrageiras para o Estado de São Paulo — Brenno M. de Andrade	5,00
A Mecanização da Lavoura — Octavio R. Cunha	30,00
Reflorestamento - Mansueto Kosciuski	3,00

Para remessa, sob registro, pelo correio mais Cr\$ 5,00 por volume
NAO TRABALHAMOS COM O SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL
 Os associados gozam o desconto de 10% sobre os preços desta lista

A FAZENDA SANTA FILOMENA

Fidelis Alves Netto

Comprende a produção de leite bom e puro e a formação de um fino plantel holandês vermelho.



Quem visitar a Fazenda Santa Filomena terá a oportunidade de observar um eficiente e interessante plano de trabalho lá em execução. Seu proprietário, Orlando de Barros Pereira é um homem que, acima de tudo gosta de criação. Em sua vida já foi comerciante, mas preferiu voltar para a fazenda, para a criação de bovinos e para a produção de leite, que foi a sua primeira atividade na vida prática. Hoje, orgulha-se, com justa razão de seus 180 alqueires, de seu plantel em formação e dos primeiros resultados de um duro trabalho de alguns anos.

A fazenda acha-se situada em terras de boa qualidade. Em outros tempos já fez parte de grande fazenda de café e de algodão. Sua conformação permite um trabalho relativamente facil. Suas instalações são modestas e simples. São entretanto práticas e permitem um trabalho eficiente.

O programa em execução naturalmente tem um objetivo econômico, visando tirar o melhor aproveitamento possível de um capital empatado na forma mais estável possível. Compreendendo a produção de leite bom e puro, para o consumo em espécie, na cidade e a formação de um fino plantel de gado holandês da variedade vermelha e branca. Assim, o objetivo é alcançar uma produção diária de 2.000 litros de leite do melhor tipo e obtido de um semental de reprodutores, expressão dessa variedade da raça holandesa.

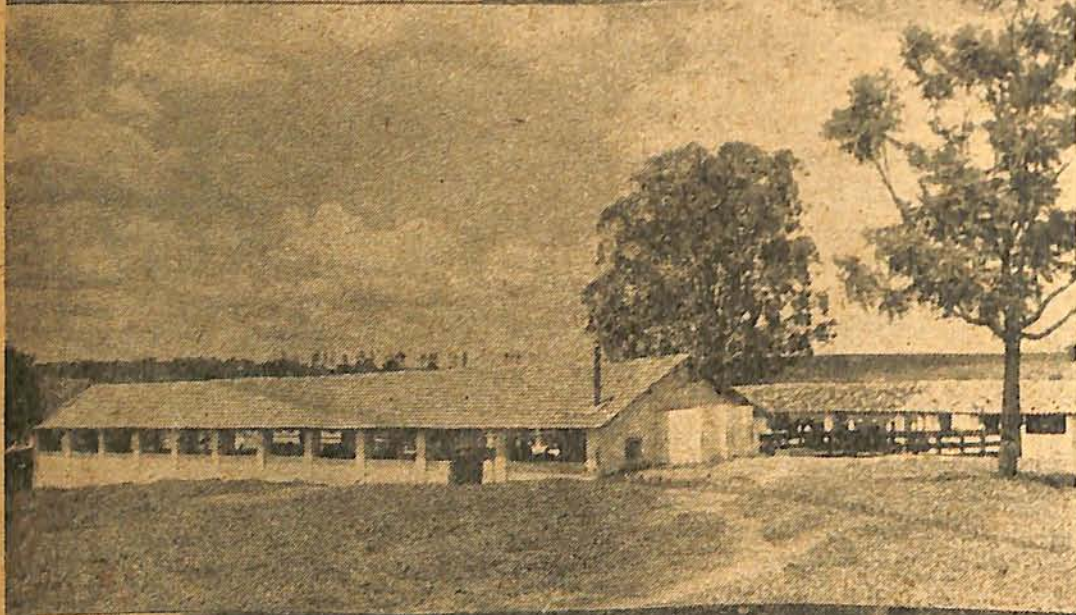
Uma das bases desse programa é representada pela cooperativa de laticínios da qual Orlando de Barros Pereira é fundador e para onde o leite é remetido diariamente. Lá, juntamente com o leite vindo de outras propriedades, e em usina própria ele é pasteurizado, engarrafado e distribuído para o consumo da cidade de Rio Claro, que conta com cerca de 35.000 almas. Atualmente saem da Fazenda Santa Filomena 600 litros de leite diários.

O sistema de exploração do rebanho de modo geral segue aquilo que é adotado na maioria de nossas fazendas, é bem verdade, com certas variações de relevo. O gado é ordenhado duas vezes ao dia, às 5 horas da manhã e às três e meia da tarde. O espaço de doze horas entre as duas ordenhas não é respeitado em benefício do pessoal de serviço. Após cada ordenha as vacas voltam para o pasto de onde só retornam para a ordenha seguinte, quando, momentos antes recebem, no estábulo, uma ração de farelos e outros complementos. Nos meses de seca, em geral de Junho a Outubro, é fornecida uma ração de silagem de milho, farelos, cana, capim e mandioca.

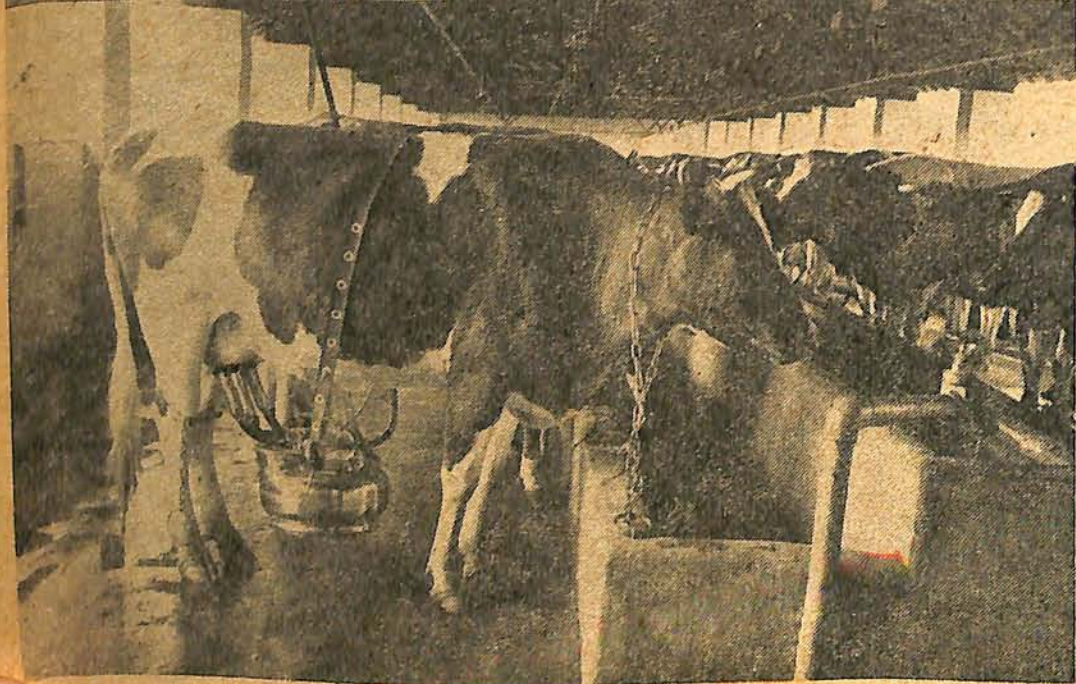
Até aqui os bezerros eram amamentados naturalmente. Um pouco do leite era deixado no úbere, um ou dois quartos. Embora isso fosse o melhor que se podia fazer, esse sistema não vinha dando os melhores resultados. Agora já é possível fazer-se o aleitamento artificial, e isso já foi começado.



Orlando de Barros Pereira, o criador que deverá brindar o Brasil com o melhor plantel de holandeses vermelho e branco.

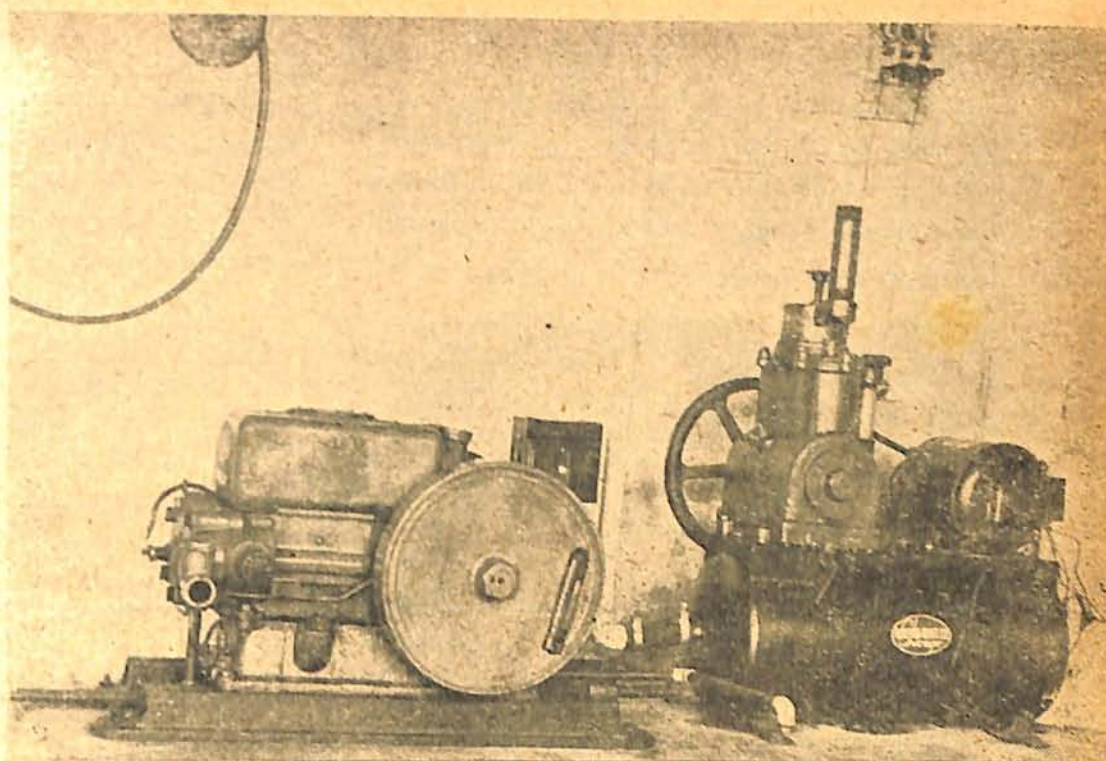


Neste estábulo são tratadas 60 vacas. Há ainda dependências, para a pesagem e resfriamento do leite e lavagem e esterilização do vasilhame.



A ordenha se processa no estábulo que em última análise não passa de uma sala de toilette e de arração do gado. O sistema de ordenha e o ambiente, permitem a obtenção de um produto de ótima qualidade.

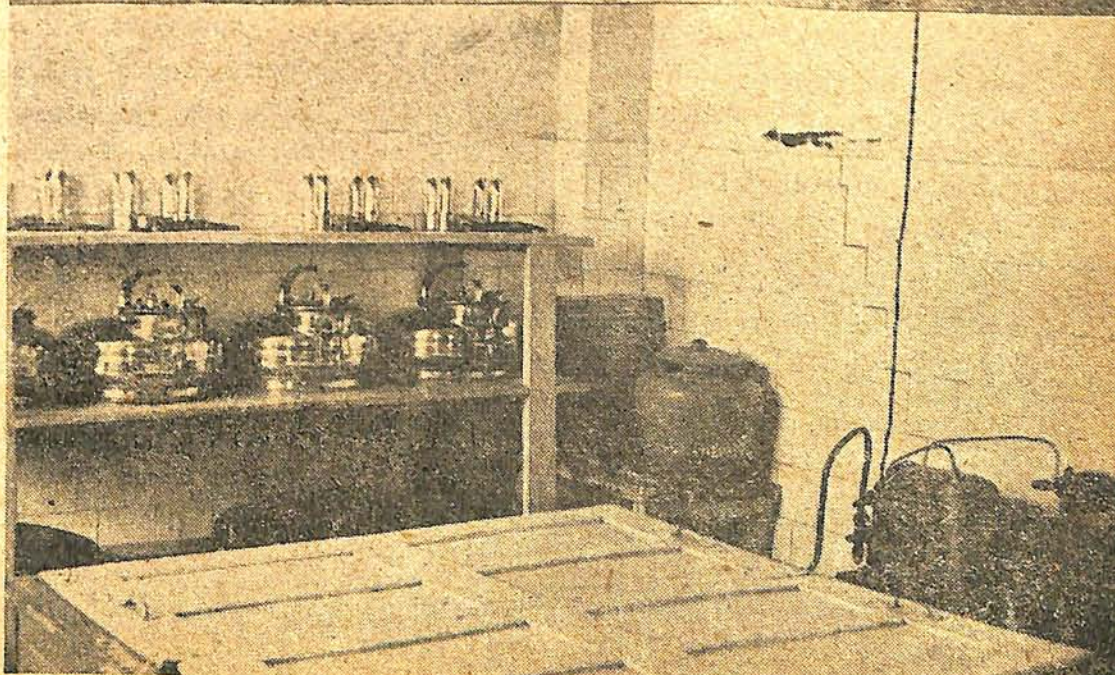
O duplo conjunto de motores, à esquerda, a gasolina, prático, eficiente e econômico, e à direita, o elétrico, silencioso e não menos eficiente, tendo ao centro a bomba de vácuo que alimenta as ordenhadeiras.



O David e o Ico, já agora podem sorrir como sorriem antes dela.



No tanque visto em primeiro plano - o leite obtido à tarde é conservado em baixa temperatura até o dia seguinte pela manhã quando segue para a usina juntamente com o produto da 1.ª ordenha. Mais adiante estante das ordenhadeiras e pote de barro para conservação e esterilização das peças de borracha da máquina de ordenhar.



A ordenha até há pouco tempo era manual. Há coisa de quatro meses está funcionando na fazenda a ordenha mecânica. Os resultados observados até agora foram tão interessantes com esse novo sistema que, o programa de seleção que esteve ameaçado de paralização pelo problema de mão de obra, agora pôde prosseguir mais rápida e seguramente. A máquina de ordenhar "Surge", veio prestar uma tão eficiente cooperação que forçoso é confessar os benefícios trazidos. Como amigo e colaborador modesto de Orlando de Barros Pereira, sabia que a solução de muitos dos problemas que estavam sendo defrontados poderia ser encontrada no emprego de um sistema de ordenha mecânica prático e útil como o "Surge". Entretanto, a dificuldade básica estava na falta de energia. O uso de motor à gasolina esteve até há pouco tempo grandemente dificultado pela falta de motores, em virtude da guerra. Felizmente chegou um motor que veio resolver a questão. Logo, entretanto, e felizmente, também, foi possível trazer energia elétrica para a fazenda, de local não muito distante. Com isso o uso da ordenhadeira mecânica passou a ser uma realidade. Hoje, o motor à gasolina é uma esplendida reserva e a sua presença garante o cumprimento do horário que sem esse recurso poderia sofrer colapsos, com as interrupções acidentais e relativamente frequentes das linhas elétricas.

Na seleção do gado leiteiro a eficiência da ordenha tem um papel importantíssimo e, esse, é um detalhe que em parte foge do controle do criador. Ele pôde, segundo a vaca, dizer e determinar qual o touro com que deve ser acasalada; pôde escolher os alimentos que considera satisfatórios ou ótimos, compôr as rações e mesmo fiscalizar a sua distribuição até os seus mínimos detalhes; pôde acompanhar o tratamento dos seus bezerros em todas as

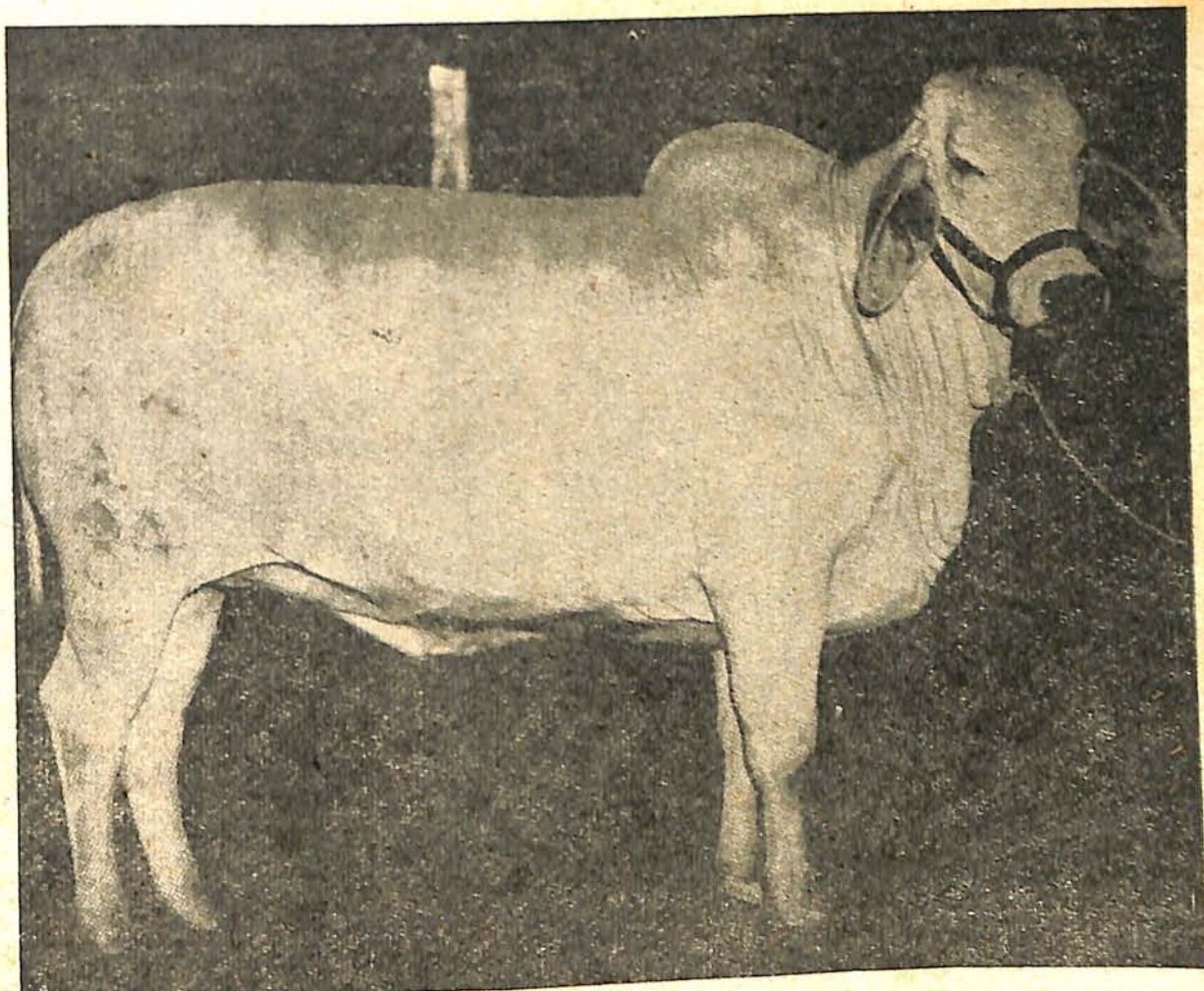
suas minúcias, porém, mesmo contando com pessoal eficiente e bom, não pôde exercer um controle satisfatório das operações de ordenha, como o faz com as demais fases de trato de seu gado, sob pena de melindrar os seus auxiliares e ficar sem eles. No entanto, essa parte é mais do que básica no seu trabalho. Quando o problema da mão de obra aparece, então essa parte é agravada, pois, sem pessoal habilitado e de confiança não é possível fazer o aleitamento artificial, base de uma boa criação de bezerros. Imagine-se a vulnerabilidade de um criador que faz o aleitamento artificial e não tem ordenhadores que mereçam confiança e que a qualquer momento podem deixá-lo com vacas aleitadas e que não aceitam bezerros?

Antes, na Fazenda Santa Filomena, para ordenhar 60 a 70 vacas em produção, sete homens gastavam de duas a duas horas e meia. Faziam um serviço que deixava a desejar. Para dois ordenhadores regulares havia cinco máus e inconstantes, mesmo apesar da boa vontade que frequentemente demonstravam pelo trabalho. Além disso, as frequentes substituições prejudicavam enormemente as lactações. Agora, o pessoal ficou reduzido a dois ordenhadores, tendo cada, um menino como auxiliar. Um só homem cuida de duas máquinas e, como resultado, o mesmo número de vacas é ordenhado com mais eficiência, com mais asseio e na metade do tempo. Agora, em caso de dúvida, é possível fazer-se um repasse, sem que a máquina fique zangada.

Outra medida está agora para ser tomada na fazenda, em consequência do uso da ordenha mecânica. Trata-se do aleitamento artificial dos bezerros com leite desnatado. Depois do segundo mês de vida, com o aleitamento artificial será possível substituir-se o leite integral pelo desnatado, compensando-se a falta de gordura do leite com uma ração de farelos. Com isso, uma nova fonte de renda vai aparecer, a do fornecimento de creme.

Que na Santa Filomena seja alcançado e superado o plano em execução, são os nossos votos.

O QUE SE PODERÁ ESPERAR DOS TOUROS
IMPORTADOS? COMO PODE ESTA RECENTE
INTRODUÇÃO EXTRANHA MUDAR O PATRI-
MONIO GENÉTICO DO ZEBÚ AMERICANO?



"MISS VIVIAN" — tipo de zebú apreciado pelos americanos do norte. E aqui, como será apreciado?

SANGUE NOVO E OS ZEBÚS AMERICANOS

D R. A. O. R H O A D

Dep. Ind. Animal do Inst. Inter-Americano
de Ciências Agrícolas.

A última edição do Brahman Breeder-Feeder publica um quadro muito interessante da recente importação dos zebús brasileiros tal como eles atravessaram a ponte do Velho México para os Estados Unidos. Aparentemente parece existirem bons indivíduos no

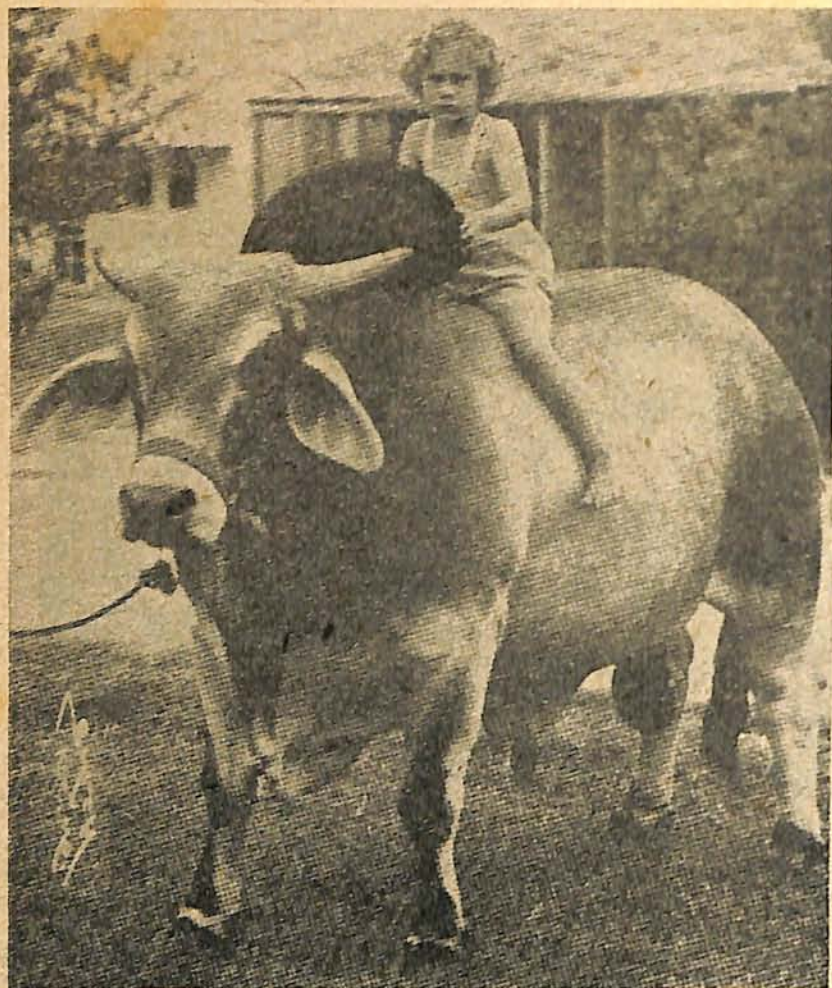
lote: O tempo e a progenie dirão melhor a respeito.

Estudando o quadro ficamos impressionados do ponto de vista de geneticista com diversos fatos que levam-nos a ponderar sobre a significação desta importação.

De fato, qualquer observador se impressiona com a pre-

ponderancia da raça Gir apresentada pelo grupo. Isto é demonstrado pela testa proeminente; chifres espessos, curtos e voltados para traz, orelhas ligeiramente enroladas e pendentes e talhe médio de muitos dos animais.

Todos estes pontos deveriam ser mais acentuados si



"Manimoso Manso" — O Grande Campeão Zebú da Exposição Nacional, em 1946. Outro exemplar de zebú americano que deixará perplexo o criador patricio.

eles fossem puros Gir. Ha alguma indicação de Kankrej (Guzerat) e talvez Nelore, especialmente nas cores sólidas. Não ha especial significação para esta origem mista em vista da origem mista dos zebús nos Estados Unidos excepto que estes últimos são predominantemente da raça Kankrej (Guzerat).

O que se pôderia esperar dos novos touros importados? E' certo que zebús mais vermelhos podem aparecer, côres muito mais sólidas são asseguradas, mas alguma mancha peculiar pôde tambem surgir. Cabeças planas ou mesmo indesejáveis talvez poderão aparecer em maior numero, o tamanho mais do que a seme-

lhança pôde ser reduzido, entretanto, deve resultar aumento na produção de leite.

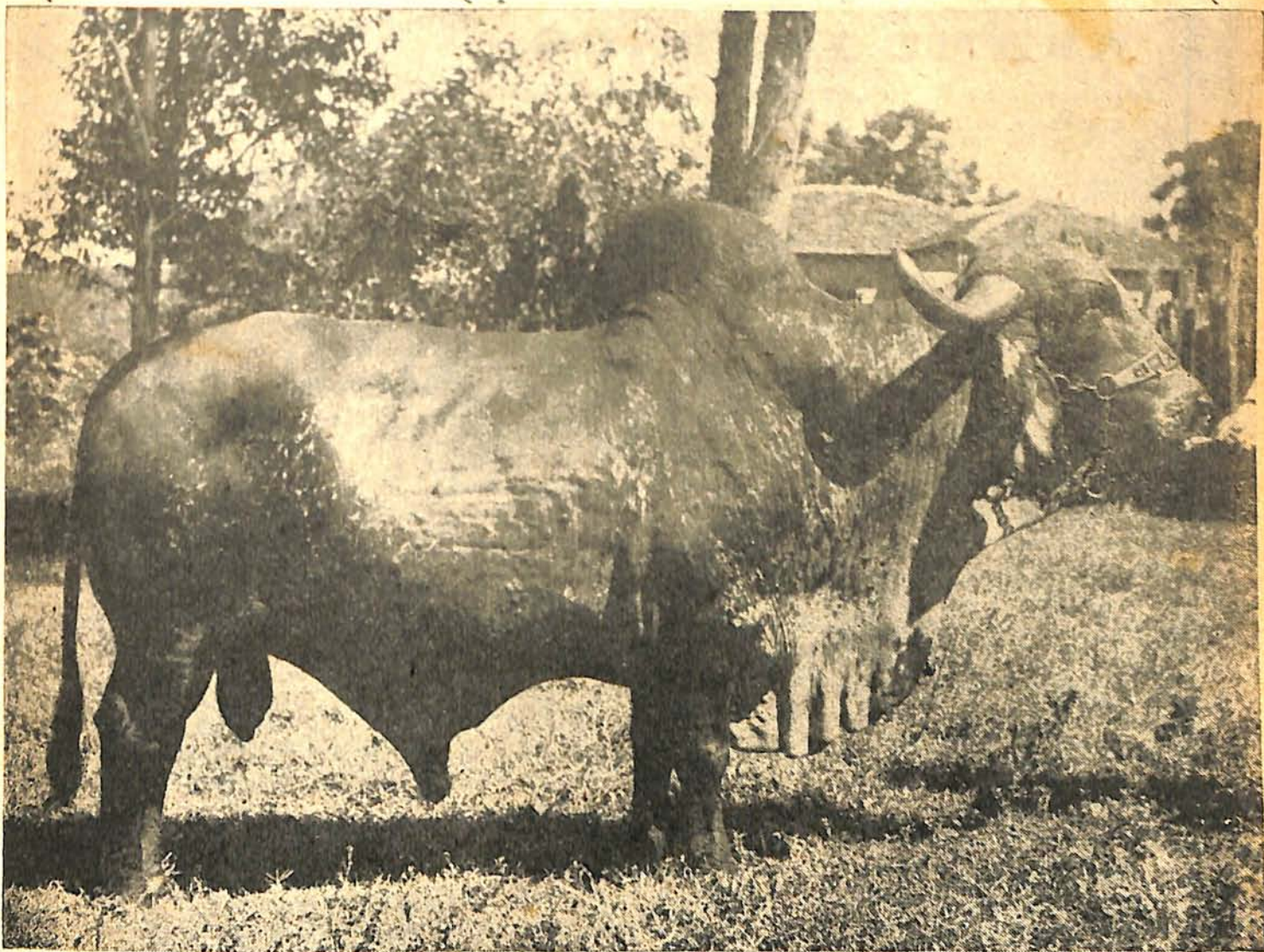
Mas além desses caracteres facilmente apreciáveis que podem certamente aparecer, como pôde esta recente introdução extranha mudar o patrimonio genético do zebú americano?

Para compreender inteiramente o que pôde acontecer, a gente deve considerar primeiro a evolução que ocorreu desde os últimos 25 anos no gado zebú americano. Antes da importação de 1924 deve-se admitir que nenhum grande progresso foi feito para melhorar os tipos ordinários. O zebú não teve "fixadores" de modo geral, apenas alguns

devotados criadores existiam e o número de gado zebú não era grande. Depois de 1924 a importação aumentou e o interesse desenvolveu-se devido em grande parte à excelente qualidade de alguns dos animais importados. Eles eram grandes, ossatura forte e indivíduos carnudos ainda que de raça indiana misturada de sangue predominantemente Guzerat com alguma evidência de Gir e Nelore.

Com a crescente apreciação do que poderiam ser bons tipos de zebú e os favoráveis quasi extraordinários resultados obtidos quando cruzados sobre bom tipo de gado de origem européia, o zebú ficou mais popular e grande número de criadores começou a aplicar sua habilidade para seu melhoramento. Este melhoramento foi particularmente evidente nos mais recentes anos, estimulado em grande escala pelo trabalho de experimentadores que demonstraram cientificamente a superior qualidade do zebú em produzir carne nas condições climáticas do Gulf Coast e outras ainda mais severas. Foi dito com toda exatidão que o gado zebú tem mostrado mais progresso nos anos recentes do que qualquer outra raça de bovinos na America. Isto assim é, e se tornou possível, porque havia muito mais espaço para o melhoramento de que existia para outras raças já fixadas. Consideráveis progressos podem ainda ser feitos antes que o tipo ideal de zebú para carne seja visto em grande número.

No marcado progresso que teve lugar, diversos reprodutores de grande mérito exerceram um importante papel, principalmente Maroto, Imp.



"Murice de Mandaguai" — um puro sangue da raça Gir. Criação do Dr. Pio de Almeida Prado, Jaú.

Manso. Reprodutor importado em 1924.

Dois de todos os que foram importados ficaram na cabeça. Os outros efetuaram considerável progresso mas o fato é que, como em todas as raças, aparecem relativamente poucos indivíduos de escól — grandes porque eles tinham classe — grandes porque eles caíram nas mãos de criadores experimentados que reconheceram seu valor e sabiam como usá-los e ainda grandes porque tiveram a oportunidade de deixar muitos descendentes.

Felizmente para o zebú americano, os dois maiores reprodutores e muitos de seus descendentes estavam e estão nas mãos de criadores experimentados que, enquanto eles estão aumentando o número de indivíduos, estão melhorando as qualidades gerais destas famílias. Como a criação destas e de outras boas famílias aumentam a população zebú como um todo, tornar-se-á mais uniforme enquanto os tipos gerais das famílias forem baseadas num tipo ideal comum. Si as famílias básicas diferem grande-

mente nos ideais ou "performance" então pôde haver uma tendência para menos uniformidade de toda a população mas mais uniformidades entre indivíduos dentro de uma família distinta.

Por enquanto, o último caso não ficou evidente no zebú americano exceto talvez em relação à tendência para uma ou várias linhagens vermelhas dentro de uma mesma população.

Agora voltemos atrás para a importação de 1946. Qual o significado genético que o zebú americano tem para o

ARAME FARPADO

Americano, rolos de 220 metros, um só fio n.º 11, farpas grandes e bem unidas. Novo, levemente enferrujado.

Rolo Cr.\$ 125,00

SOCIEDADE AGRO-MERCANTIL LOSACCO LTDA.

RUA FLORENCIO DE ABREU, 110

TEL. 3-7711

— SÃO PAULO

quadro do zebú brasileiro atravessando a ponte do Velho México para os Estados Unidos? Da mesma forma que na importação de 1924 três cousas podem ser esperadas. Primeiro eles mudarão a constituição genética pela contribuição de mais gens do Gir para os gens atualmente presentes ou melhor população geral. Estes gens tornar-se-ão manifestos através da existência de orelhas mais longas e caídas, cabeças mais planas, algumas manchas, talhe mais compacto e maior produção de leite. Segundo, um ou dois podem eventualmente, através sua prole, provar serem reprodutores superiores. Terceiro, como eles são diferentes do tipo corrente zebú e como não ha esforço para conservar as raças indianas puras nos Estados Unidos, haverá uma tendência a estabelecer estirpes de distintas famílias que,

embora absolutamente uniformes dentro delas mesmas, podem diminuir a presente tendência para um tipo de zebú americano mais uniforme.

O problema aparece: como devem estes animais recentemente importados ser usados para extrair-lhes o máximo proveito que eles podem dar? Certamente eles não poderiam ser usados indiscriminadamente. A atitude a ser tomada é a de que eles estão em experiência — o mero fato que são importados e de terem cem por cento de sangue indiano, embora de raças misturadas, não é garantia de que eles sejam animais superiores. Por esta razão eles poderiam ser usados no presente com precaução, especialmente nos melhores plantéis de raça predominantemente Guzerat.

Com os plantéis que já mostram alguma raça Gir, como os de estirpes vermelhas por

exemplo ou descendentes de tais reprodutores como Buster e Coallie, os reprodutores recentemente importados podem ser usados com menos probabilidade de causar variações fóra de tipo, porque eles devem ter mais gens em comum, isto é, eles devem ser mais homozigotos e a esperança de obter prole mais uniforme é aumentada, portanto.

Eles certamente poderiam ser usados para melhorar todos os zebús de mais baixa classificação, aqueles tipos ordinários que eram mesmo, com admiração, registrados em primeiro lugar. Considerável melhoria no tipo e qualidade póde ser obtida nestes, sobre o que não ha dúvida.

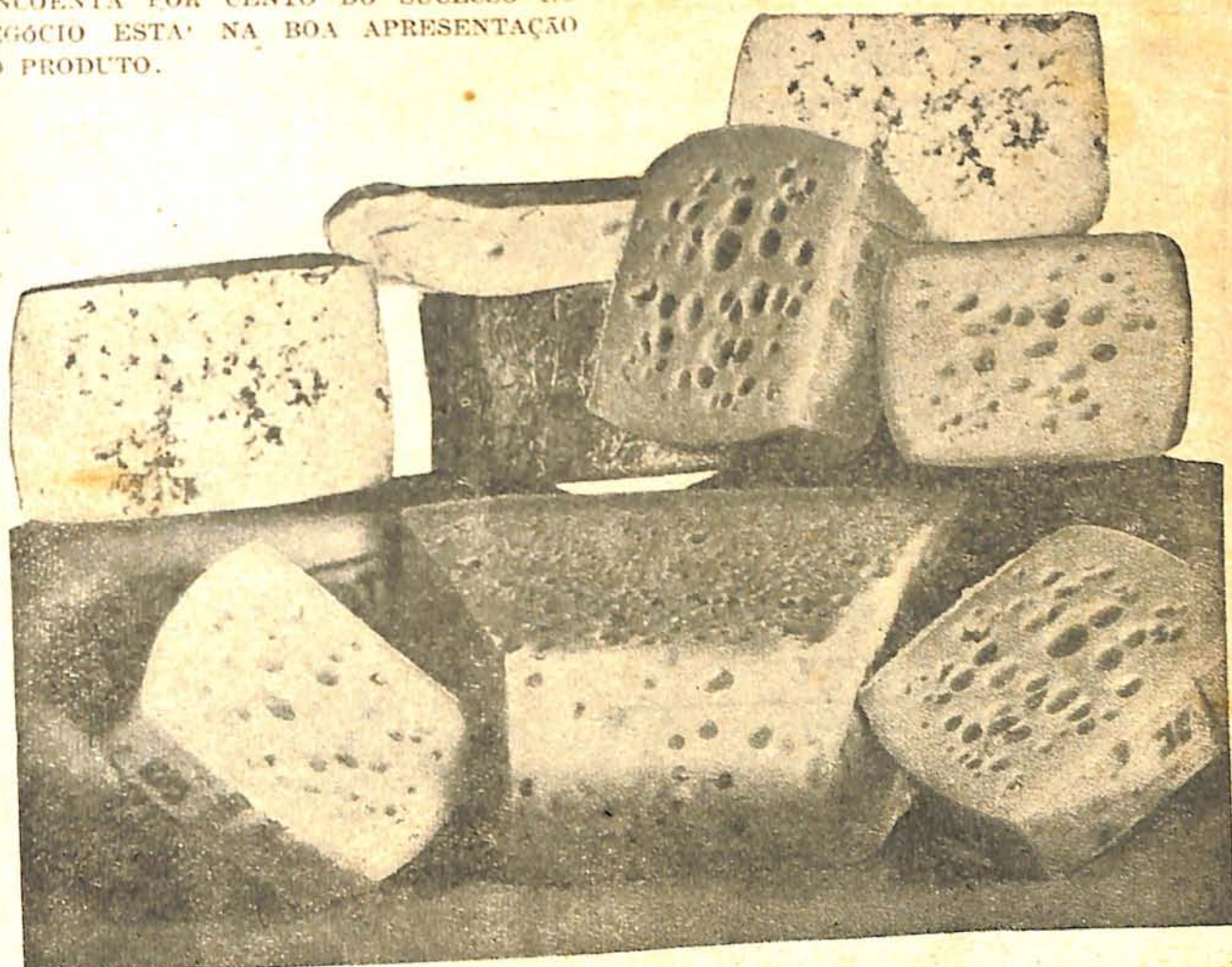
Ha no Brasil muito gado indiano superior de várias raças que poderia contribuir materialmente para o nível geral do zebú americano. Muitos podem ser achados iguais aos melhores do tipo americano. Resta ver, entretanto, si a recente importação por causa das razões acima citadas, póde trazer notável contribuição. Certamente si alguns indivíduos desta importação provarem através de sua prole serem reprodutores superiores, o criador americano saberá como dar-lhes o melhor emprego.

Soro antiofídico

PINHEIROS

medicação de urgência

CINCOENTA POR CENTO DO SUCESSO NO
NEGÓCIO ESTA NA BOA APRESENTAÇÃO
DO PRODUTO.



Vamos fazer queijos?

DR. JOSÉ DE ASSIS RIBEIRO

PREPARO E APRESENTAÇÃO DOS QUEIJOS

Depois de maturados, os queijos são preparados para o depósito, para o transporte ou para a exposição à venda.

Os cuidados devem ser de tal modo que, no depósito, sejam conservadas as boas qualidades do produto, no transporte não seja ele estragado, e, na exposição à venda se apresente atraente e com todos os elementos de identificação.

Preparo para depósito — depois de maturados, os queijos podem ser preparados para fi-

carem em depósito, isso no caso de não terem consumação imediata. As condições do depósito devem ser próprias, afim de serem evitadas alterações: ressecamento, amolecimento, fermentações anormais, parasitas (mofos, pontilhas, larvas, etc.). Queijos duros podem ficar em depósito sem maiores cuidados, bastando simples revestimento — de óleo comestível (para o Suíço) ou de substância aderente à crosta (com finalidade de substituir a parafina), como se usa no Parmesão. Esta substân-

Annunciato de Bíaso & Irmãos

Casa Fundada em 1913

Fabricante de latas e utensílios para indústria de laticínios.

Vasilhame para PRONTA ENTREGA

CAIXA POSTAL: 21 — TELEF.: 60

End. Teleg.: "Biazoirmãos"
Lambari — Sul de Minas

Exclusivistas para o Est. de
São Paulo:

CLÁ. FABIO BASTOS
COM. IND.

R. Florencio de Abreu, 367
SÃO PAULO



cia é mistura de roxo-rei, vermelhão, farinha de trigo, sebo bovino ou manteiga e água — o necessário para formar pasta, a quente. Esta massa é passada por sobre toda a superfície do Parmesão e deixada secar. Queijos duros podem ficar em depósito sem condições frigoríficas, evitando-se, porém, salas quentes ou excessivamente arejadas, de atmosfera muito úmida ou muito seca.

Queijos semi-duros — Prato, Edam, etc., podem ser mantidos em condições frigoríficas, ou então, em ambiente de 15-18° C, estando devidamente parafinados.

Queijos moles — Roquefort, Limburgo e outros só podem ser depositados em frigorífico, de preferência a 2 ou 3° C, si a conservação fôr por muito tempo. Si não o fôr, podem ser toleradas as condições normais da câmara de maturação.

Virar e limpar os queijos para evitar mofo, ponilhas e larvas.

Preparo para a venda — as fases deste preparo são: lavagem, raspagem, untura, parafinação, revestimento de papel e rotulagem, e, acondicionamento.

Lavagem — queijos duros e semi-duros são lavados em água de cal (solução de cal a 40%) esfregando-se neles uma escova dura. Algumas fábricas adotam simplesmente água em esfregamento grosseiro com sabugo de milho. O queijo Minas comum é sempre esfregado assim, o que constitui defeito.

Raspagem — Póde ser manual ou mecânica.

Em ambos os casos é feita com faca, sendo os queijos raspados em toda a superfície, retirando-se uma camada de 1 a 2 milímetros, arrasando mofo, limo seco, alguma sujidade superficial, etc. Queijos moles são simplesmente enxutos com pano, ou, raspados superficialmente, com cuidado, para retirada somente do limo superficial. Póde-se primeiro raspar para depois lavar.

Untura — somente o Parmesão é untado depois de maturado, para exposição à venda. Depois de esfregado, lavado e enxuto, é a sua superfície recoberta por uma substância preparada na hora. Esta substância que tem por finalidade substituir a parafina, e que o faz de modo barato, é preparada de diversas maneiras, sendo que a mais adotada é a seguinte: numa vasilha qualquer que possa ser aquecida (a vapor, a eletricidade ou a fogo direto), põem-se de 500 a 1.000 g. de roxo-rei; 250 a 500 g. de vermelhão; 50 a 100 g. de farinha de trigo, e, água — quantidade suficiente para formar pasta homogênea e cremosa, sob calor. Faz-se uma mistura destes ingredientes mantendo-a em agitação constante ao calor. Nos atuais entrepostos de queijos, está sendo exigida a instalação de aquecedor elétrico para este preparo. Alguns fabricantes usam juntar à mistura sebo bovino ou manteiga, e, para facilitar a secagem, adicionam-lhe óleo secante. Pó de sapato também é usado em vez de vermelhão. Daí as colorações superficiais com que se apresenta o Parmesão — chocolate, ou vermelho, ou preto.

Comumente, o queijo tipo Edam (Reno ou Palmira) é pintado externamente com solução alcoólica de carmin, ou magenta, ou azeite de linhaça colorido com fucsina.

A untura é procedida a mão ou com chumaço de pano ou algodão. Somente depois de seca a pintura é que os queijos podem ser manuseados. E, constitui defeito grave a não secagem da pintura, ou a sua preparação mal feita, sujando a mão que a toque, ou as prateleiras ou locais onde sejam colocados os queijos. Em julgamento destes queijos este detalhe deve ser levado em consideração.

Parafinação — todos os queijos semi-duros podem e devem ser parafinados.

Verifica-se que queijos moles ou muito macios não o podem ser. A parafinação póde ser efetuada antes do término da maturação, porém, o mais indicado é ser feita depois desta.

Quanto mais cedo for parafinado o queijo,



Embarque de queijo

menor será a perda da umidade. Entretanto, em se parafinando queijos no início da maturação, esta será defeituosa por não permitir desenvolvimento dos mofo úteis na crosta do queijo. A diminuição da perda da umidade pôde ser avaliada em 50%, pois, enquanto um queijo parafinado perde de 2 a 2,5% de seu peso em 60 dias, um não parafinado perderá, nas mesmas condições, de 4 a 5%. Esta manutenção de peso compensa largamente os gastos com a parafinação, mormente em se sabendo que os queijos, no final de sua maturação, durante o depósito e mesmo nos transportes continuam perdendo peso, perda esta que será muito menor si a superfície do produto estiver recoberta de uma camada que o impermeabilize, evitando ressecamento. Além disso, a parafina protege contra desenvolvimento de parasitas (larvas de moscas e ácaros), evita o aparecimento de mofo, e, melhora sensivelmente a apresentação do queijo.

Alguns industriais adotam a parafina pura, fundida a 105-110° C, porém, o mais aconselhável é misturar-se a parafina com outras substâncias, de modo a torná-la mais resistente. A mistura comumente feita é a seguinte:

Parafina — 10 a 12 k.

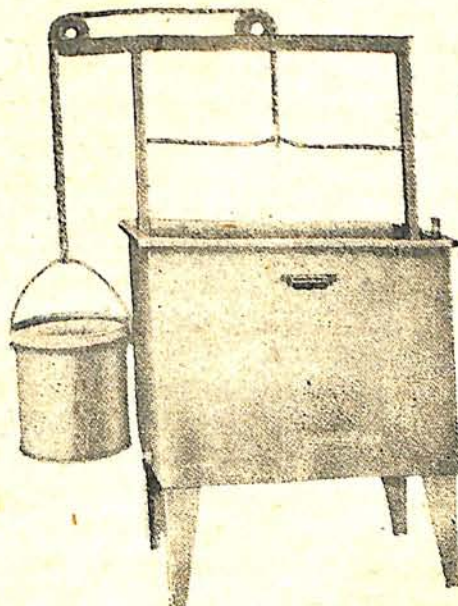
Cera de abelha — 3 a 4 k.

Breu — 0,5 a 1 k., e

Oleo de linhaça — 0,3 a 0,5 k.

Podem haver pequenas variações nestas quantidades.

Não se costuma adicionar corante à parafina.



Dispositivo metálico para fusão de parafina. Para queijos pequenos e médios. Simples aquecedores elétricos satisfazem plenamente.

Manteiga VIADUTO

A MANTEIGA DE PUREZA ABSOLUTA. —
QUALIDADE E SABOR INEGUALAVEIS.
— FABRICADA COM TODOS OS REQUISITOS
TÉCNICOS EM FÁBRICAS MODELARES.

Prefiram em sua mesa a melhor manteiga

Fabricantes: Alves, Azevedo & Cia.

RUA AURORA, 60 — SÃO PAULO

Fábricas em:

São Simão, Casa Branca, Rio Preto, Santa
Barbara do Monte Verde e Traituba.

MANTEIGA VIADUTO — sempre a melhor

A fina camada que se formará sobre o queijo se apresentará incolor. A mistura acima é fundida a 95-100° C, e, depois de homogeneizado já pôde servir. Os queijos depois de lavados, raspados, estando enxutos, são mergulhados na mistura, sempre mantida na temperatura indicada. Aí ficarão por 4-6 segundos. O contáto deve ser rápido para que se não formem bolhas e nem se queime a casca do queijo. A secagem também é rápida, e, o manuseio do queijo só deve ser feito depois desta secagem, para não se estragar o revestimento.

A camada de parafina deve ser delgada e flexível, sendo que em temperatura baixa, esta camada será grossa e facil de rachar, desca-
mando-se, o que dá máu aspecto ao queijo. Também se deve verificar a qualidade dos ingredientes, principalmente da própria parafina, que, não sendo purificada, apresentará cheiro desagradavel, o que constitue grande defeito, visto este cheiro ser absorvido pelo produto.

A fusão da mistura pôde ser em vasilha metálica, de fundo duplo, com circulação de vapor, ou em vasilha simples, com aquecimento elétrico. Há aparelhagem própria para a finalidade, conforme foto anexo. Deve-se afastar o uso de fogão, a fogo direto, pois, a instalação comumente observada deste utensílio na sala de acondicionamento de queijos constitue defeito, pela fumaça e pelo calor que desprende.

Alguns queijos macios, que costumeiramente não são parafinados, como o "fundido", alguns requeijões finos, que eram revestidos de papel de estanho, em vista da falta deste papel, estão recebendo a parafinação, com ótimo resultado. Observar, entretanto, que o produto deve estar com crosta relativamente firme, e,

a mistura de parafina deve se apresentar ótima, para não influir nos caracteres organoléticos destes queijos.

Revestimento em papel — O papel a ser usado varia com as características do queijo. Queijos como: Roquefort, Limburgo, Tilsite, os fundidos, etc., devem ser, preferentemente, envolvidos em papel de estanho ou de alumínio. Muitos industriais, no momento, estão deixando de fazer o "fundido" por falta de papel de estanho, o qual pôde ser substituído pela parafinação em condições próprias, seguindo-se de envolvimento em papel celofane.

Queijos semi-duros podem ser envolvidos em papel impermeavel, não absorvente. Deve-se afastar o uso de papel manilha comum, assim como o de jornal, que muitos fabricantes insistem em adotar, para o queijo Minas comum. Também a envoltura em folha de bananeira ou em palha de milho, prática esta, infelizmente ainda observavel em centros produtores de queijos Minas, de Ricota, de Provolone fresco, etc., deve ser formalmente condenada.

O melhor para o Prato e suas variedades é o papel celofane, que é pegado ao queijo depois de bem estirado com pano ligeiramente umedecido. O papel adere integralmente à superfi-



A embalagem adequada dos queijos é indispensavel não só para conservação, como para a apresentação comercial. Papel transparente, elástico e resistente deve ser o preferido.

cie do queijo, apresentando-se liso e firme, quando bem trabalhado. O remate do revestimento, no centro das faces superior e inferior do queijo, ligando as beiradas do papel, é feito com rótulo do produto. Para o tipo Edam (Reno ou Palmira) o emprego de latas esféricas, fechadas a vácuo, facilita sobretudo a conservação e a apresentação do produto.

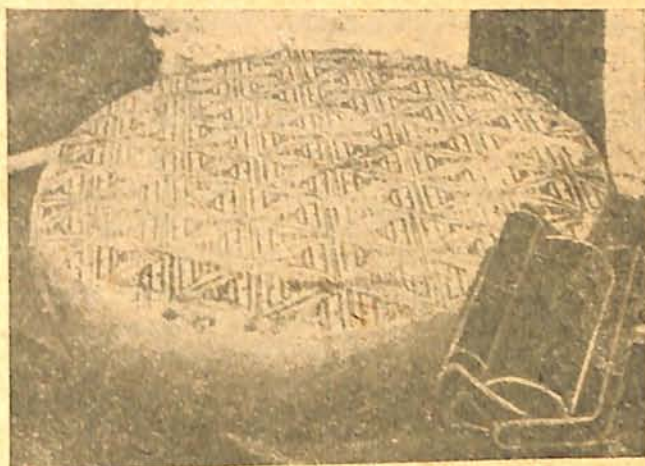
Pelas condições do queijo Minas comum, não é aconselhável seu revestimento em papel ao sair dos estabelecimentos produtores aos centros de consumo. É que em se tratando de queijo fresco, o papel se umedecerá no transporte e se estragará até chegar ao ponto de destino. O que se deve indicar no caso é o melhoramento nas condições de acondicionamento destes queijos.

Rotulagem — depois de envolvidos em papel celofane, os queijos devem ser rotulados. O rótulo deve conter as indicações previstas na regulamentação Federal vigente: produto, tipo, marca, estabelecimento de origem (nome do proprietário e sede — fazenda, distrito, município e Estado) carimbo da Inspeção Federal (círculo de 2 ou 3 cm. de diâmetro com os dizeres, em condições uniformes: Brasil — Inspeccionado — n.º do registro na DIPOA e S.I.F.), Indústria Brasileira, peso, data de fabricação, etc. A existência deste carimbo indica que o produto é oriundo de fábrica mantida sob Inspeção Federal, portanto, registrada na Divisão de Inspeção de Produtos de Origem Animal, do Departamento Nacional da Produção Animal, do Ministério da Agricultura, o que dispensa indicação de análise prévia do produto em laboratório oficial.

A distribuição de cores, de dizeres e de decorações no rótulo fica ao critério do industrial, não havendo dispositivos legais sobre o assunto, observadas as normas gerais de propaganda.

É interessante observar que um rótulo sugestivo melhora a apresentação do queijo, e, sabendo-se que metade da digestão se faz pelos olhos, uma rotulagem atraente é de grande efeito comercial.

Carimbagem — tem por finalidade indicar a origem do produto. O carimbo deve ser feito conforme modelo oficial. De preferência para fábricas filiadas, cujos queijos são enviados a estabelecimento matriz, esta carimbagem é necessária, para identificação. A carimbagem deve ser feita logo após a lavagem do queijo,



A carimbagem dos queijos é a base da sua identificação. Toda a extensão das faces planas dos queijos grandes deve ser carimbada com indicação da marca do produto

estando o mesmo enxuto e pronto para a para-finação. Somente queijos de crosta firme e bem formada devem ser carimbados. Dever-se-á usar tinta própria. A indicada pela DIPOA é a seguinte:

Eosina — 0,5 gr.

Alcool a 95º — 50,0 gr.

Água — 50 gr.

A aplicação pôde ser feita com pincel ou carimbo, mas, neste caso, devido ao álcool é preciso de cada vez ter o cuidado de lavar o carimbo para evitar a ação sempre ressecante do álcool quando demorada.

Esta tinta é de fácil obtenção. Entretanto, às vezes borra. Ter o cuidado de se evitar isso. Tinta de carimbo, não oleosa, também dá bons resultados. O único cuidado a ser observado com uma boa tinta é o de ela não conter substâncias que possam ser nocivas ao queijo (influência no cheiro e no gosto) ou ao consumidor.

Queijos grandes, preferentemente, devem ser carimbados em toda a extensão, com a marca e o nome do fabricante, como elemento de propaganda e identificação.

Acondicionamento — O Prato é quase sempre acondicionado em canudos de madeira (ripas) com divisões internas, separando-se os queijos de 3 em 3, para não se deformarem. Queijo Lanche são postos em caixas de madeira, retangulares. O vasilhame de madeira, com di-

visões internas (prateleiras) satisfazem plenamente às condições do nosso transporte.

O queijo Minas comum é acondicionado em jacás de taquara, forrados ou não de papel manilha, folha de bananeira, e, mais comumente, de palha de milho. Estas condições são sensivelmente condenáveis, porém, estão consagradas pelo uso. Entretanto, diversos industriais já estão adotando caixas ou canudos de madeira, tal qual se faz com o Prato. O único motivo do uso do jacá é de ordem econômica. Um jacá de taquara, apesar das dificuldades de sua confecção, é adquirido por Cr\$ 2,00, no máximo. E, nele caberão 10-12 queijos Minas. Em se tratando de canudo de madeira, para este mesmo número de queijos, o custo será de Cr\$ 8,00 ou Cr\$ 10,00, e, daí as dificuldades de adoção deste acondicionamento. É bem verdade que os canudos de madeira podem ter retorno, porém, isso não tem apresentado interesse, dadas as dificuldades apresentadas pelas empresas de transporte, ferro e rodoviário.

Dado o preço elevado que os queijos estão tendo, a obrigatoriedade de seu acondicionamento adequado pôde ser determinada pelos órgãos oficiais competentes.

O queijo Parmesão tem sido acondicionado ou em canudos de madeira, ou em jacás de taquara e, mesmo, em sacos de aniagem. Verifica-se que estas duas últimas condições não são aceitáveis.

Os detalhes gerais a serem observados e exigidos oficialmente, no acondicionamento de queijos são os seguintes:

1.º — o vasilhame de acondicionamento deve evitar deformação dos queijos. Para isso, as paredes externas devem ser resistentes, e, internamente existirão divisões de madeira fina, mórmente em se tratando de queijos moles.

2.º — deve evitar contaminação do produto, protegendo-o contra as impropriedades do ambiente comum de transporte, quer durante a permanência nas estações de embarque ou de baldeação, quer durante a estada nos vagões. Sabe-se que enquanto não dispuzermos de vagões frigoríficos, estas condições são péssimas, por isso, o acondicionamento deve ser o melhor possível.

Quanto à natureza do material a ser empregado, observar que devem ser afastadas as madeiras de cheiro forte, ou caixões que tenham servido para transporte de sabão, querosene, etc..

3.º — deve apresentar relativa garantia de

inviolabilidade. Em se tratando de jacás ou canudos, estes devem ter as aberturas amarradas com arame, cujo fecho final levará selo de chumbo.

4.º — devem apresentar indicações do produto contido, da procedência e do destino. Para isso se exige que cada volume tenha pegado uma etiqueta com todos os dizeres (conforme modelo ao lado). Em se tratando de caixa ou canudo de madeira, ainda se exige um carimbo gravado a fogo, com os dizeres, também conforme modelo ao lado. Indicações diversas (rotulo) pirogravadas na própria madeira ou litografadas em papel pregado à mesma, são de ótima indicação.

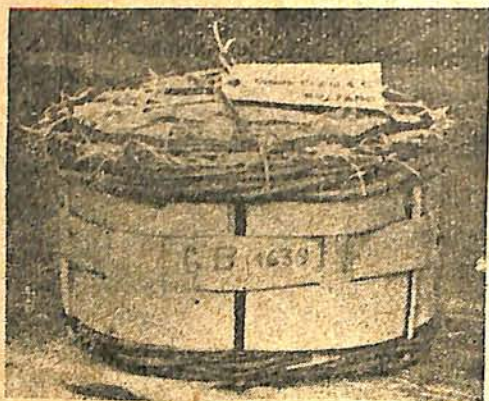
Analizando-se os jacás de taquara, de uso corrente, se verificam os seguintes inconvenientes:

a) — a parede externa não apresenta resistência necessária à proteção do produto, razão dos inúmeros queijos deformados encontrados nos pontos de destino, o que representa um prejuízo várias vezes superior ao valor do jacá.

b) — o entrelaçamento das taquaras deixa espaço bastante grande, não só para saída do soro, como para entrada do que existir no ambiente de permanência dos jacás. As condições dos jacás são péssimas, neste detalhe.

c) — garantia de inviolabilidade é quasi nula. O uso do selo de chumbo é evitado pela quasi totalidade dos fabricantes de queijos. Rutura do fecho de arame é feita com relativa facilidade. Daí os estravios de queijos durante o transporte. A percentagem média de perdas, do Sul de Minas ao Rio ou a S. Paulo é de 10 a 15%.

Instruções em execução, pela DIPOA, refe-



Acondicionamento característico do queijo Gorgonzola. O queijo enlatado em papel metálico e envolvido em palha de trigo e acondicionado em cesta de madeira.

rentes a rotulagem e a acondicionamento de queijos:

1.º — Os queijos no saírem das fábricas ou dos entrepostos deverão estar devidamente identificados (carimbados, marcados ou rotulados).

Quando se tratar de estabelecimento que rotule produtos oriundos de diversas fábricas, dando aos queijos uma só marca, para cada fábrica deverá existir rotulo próprio.

Em se tratando do Parmesão, que não é envolvido em papel, os dados de identificação podem constar de carimbo na própria crosta, ou de rotulo, de preferência metálico, que se fixará no corpo do queijo.

2.º — Os rotulos não poderão ter expressões imprecisas, como: Finíssimo, Superior, Creme de creme, etc. e nem indicações que deem idéia diferente do produto identificado. A indicação de tipo estrangeiro só será aceita si o queijo apresentar características que o aproximem do original.

Os rotulos terão as indicações previstas na recente regulamentação baixada pela Divisão de Inspeção de Produtos de Origem Animal. Assim, os que se interessarem em obter detalhes a respeito podem consultar os órgãos da DIPOA, ou remeterem consulta à Redação desta Revista.

3.º — É proibido o transporte de queijos a granel, qualquer que seja sua fase de fabricação. Só podem ser despachados queijos em condições de consumo, e, devidamente acondicionados. Os queijos Minas só serão despachados depois de devidamente dessorados (prensagem mínima de 5 k. de peso por quilo de queijo) e com mais de 6 dias de maturação.

O acondicionamento dos diversos tipos de queijos deve ser em canudos ou caixas de madeira, estando os queijos envolvidos em papel impermeável. Entretanto, queijos consistentes, de crosta formada, quando acondicionados em caixões próprios, podem não estar embrulhados, uma vez que nos pontos de destino seja feito o complemento do seu preparo à venda.

Fica proibido o uso de palha de milho, folha de bananeira, ou papel permeável no acondicionamento de queijos, qualquer que seja o seu tipo. Tratando-se de queijos Minas e Parmesão, podem ser tolerados jacás de taquara higiênicos, forrados de papel impermeável.



Vista de cima do acondicionamento de um queijo Gorgonzola.

Também panos próprios, limpos e enxutos, podem ser empregados envolvendo queijos em canudos.

Proíbe-se, terminantemente, o uso de sacos de aniagem, caixões servidos de querosene, sabão, etc., para acondicionamento de queijos.

4.º — Os jacás de queijos deverão ter o final do fecho de arame reforçado com selo de chumbo, no qual será gravado, por meio de pinça própria, a marca da inspeção.

É de toda a conveniência o uso de etiqueta identificadora do produto, da origem e do destino. Esta etiqueta deverá conter as indicações: nome do estabelecimento, proprietário, sede, produto, pesos — líquido e bruto, destino e destinatário. Na outra face constará um retângulo de 6,5x4,5 cm. com os dizeres do carimbo da Inspeção Federal. Também sobre etiquetas serão dados por intermédio desta Revista todos os esclarecimentos, aos interessados.

SRS. CRIADORES:

Comunicamos termos permanente estoque de produtos veterinários e dos afamados produtos do INSTITUTO VITAL BRASIL.

Temos à venda a vacina "CRISTAL VIOLETA PPP", contra a PESTE DOS LEITÕES.

DROGANOSSA

Praça da Liberdade, 130 — São Paulo

Fazemos remessa pelo Reembolso Postal

O GADO AFRICANDER

Antonio Teixeira Mendes Netto

Discorrendo sobre o gado Africander, estamos certos de que não apresentamos novidades dignas de nota aos criadores brasileiros, pois trata-se de uma raça bovina já conhecida em nosso País, a qual, a despeito da oposição manifestada pelo Ministério da Agricultura, foi introduzida em São Paulo em 1939.

Deve-se a iniciativa de sua introdução em nosso meio ao senhor Orlando de Almeida Prado, o qual, com a proficiência que lhe reconhecemos no estudo dos mais importantes problemas econômicos nacionais, deligenciou longo tempo junto às nossas autoridades no afã de conseguir a entrada, aqui, desse gado, o que obteve no ano referido.

Por sua sugestão, coube ao senhor Francisco Matarazzo Junior a primazia de importar os primeiros exemplares dessa bela raça africana, dois casais que foram levados para a fazenda "Amália", na zona da Mogiana, onde, pensamos, ainda se encontram.

Em uma das exposições nacionais, com o êxito costumeiro levadas a efeito em S. Paulo, esses animais foram exibidos ao público, que não se cansou de admirá-los.

Examinando-os por essa ocasião, tivemos oportunidade de ver confirmados os conceitos elogiosos que, sobre os

mesmos, havia emitido o senhor Orlando Almeida Prado.

Realmente, eram exemplares magníficos, de porte avantajado, copiosamente fornidos de massas musculares proporcionalmente distribuídas por todo o corpo, o que impressionava bem o observador, mesmo que não fosse entendido em bovinotecnia.

E que dizer da mansidão desses animais? Só não lhes pôs a mão quem não quizesse. Indiferentes aos rumores curiosos que se aglomeravam para vê-los, permaneciam eles impassíveis, entregues ao trabalho de ruminar os alimentos engulidos pouco antes. Essa docilidade, hoje levada muito em conta no melhoramento dos animais domésticos, denota claramente que o gado Africander possui índole pacífica, incapaz, portanto, de atitudes agressivas.

Parece não haver dúvidas a propósito da origem do gado Africander. No trabalho que, sobre essa raça, o senhor Orlando de Almeida Prado publicou, em 1939, na "Revista de Indústria Animal" de São Paulo, a certa altura lê-se o seguinte: "Na União Sul-Africana já se não discute a questão relativa à origem dessa excelente e velha raça bovina — eis que é opinião geral,

entre os entendidos no assunto, que o Africander constitui uma raça autóctone da região sul-africana compreendida entre o 10º e 33º paralelos sul".

De fato, Reinecke, que pensamos seja ainda diretor da Escola Agrícola de Potchefstroom, esclarece que "todas as circunstâncias indicam que o africander é gado indígena do sul da África".

Idêntico parecer tem a respeito o professor Bosman, ao acentuar que o gado da raça Africander é oriundo do continente africano, com raízes no gado hotentote, e deve ter sido, por longo tempo, uma raça pura de gado indígena".

Também o professor Paulino Cavalcante, eminente zebutequista patricio, que não faz elogios àquela raça, diz em sua magnífica monografia denominada "O Zebú", que o Africander "se encontra em toda a África do sul", dando a entender que ele é oriundo dessa região.

Efetivamente, a raça Africander é encontrada, "com todas as características de puro sangue, desde o território da União Sul-Africana até o sul e norte da Rodésia, bem como no sudoeste africano e português, nas ilhas Maurício, em Kênia, no Congo Belga, etc.".



Reprodutor trazido para o Sr. Orlando de Almeida Prado.

Sabe-se que, no decorrer da guerra dos Boers, o rebanho Africander, então existente no Transvaal, foi praticamente destruído, em virtude das operações militares realizadas durante essa luta incrível, tendo-se operado sua reconstituição muito mais tarde, com reprodutores encontrados em longínquas paragens, escapos da sanha dos exércitos combatentes.

Criadores zelosos e inteligentes, ao procederem à recomposição dos rebanhos, lograram na raça prediados capazes de a credenciarem como produtora de leite e carne, sobretudo desta última utilidade. Não perderam tempo e constituíram, em 1912, a Associação de Criadores de Gado Africander, com seu "Herd-Book", o qual conta presentemente 200 associados, mais ou menos.

Todavia, orientação defeituosa foi impressa à seleção, o que deu causa a severas críticas de numerosos criadores ciosos de seus rebanhos e que, por essa razão plausível, resolveram, em 1926, reformar a entidade e estabelecer novo padrão para a raça.

Esse padrão, conforme um artigo de A. Spindler, publicado na Revue de Zootechnie e citado por Pacheco Jordão, e que aqui reproduzimos, baseia-se nos seguintes característicos: "cabeça relativamente larga de frontal; arcadas superciliares proeminentes, terminando o frontal no alto, entre os chifres, em linha curva. Nazais relativamente longos e ligeiramente arqueados. Espelho e maxilares largos; ganachas potentes e bem descidas. Chifres longos, dirigidos para baixo e para trás. Orelhas pequenas e cobertas de pêlos finos. A nuca deve ser forte e potente, terminada em bossa, sempre mais pronunciada nos machos. Barbela estendida para trás, sob o ventre. A entrada do peito deve ser larga e os membros bem afastados. Costelas bem arqueadas. As massas musculares, do rim à "culote", devem ser bem desenvolvidas (A depressão aparente do dorso em seu meio é devida ao desenvolvimento muscular da região do rim). Cochas arredondadas, sem descerem até os jarretes com a mesma amplitude. Jarretes direitos. Cau-

da longa e delgada. Pêlo curto, brilhante e fino. Pêlo espessa, mas sem rugas".

Essas, em linhas gerais, as principais condições a que deve a raça africander satisfazer para obter registro no respectivo "Herd-Book".

Outros caracteres, como rusticidade, resistência às moléstias e climas, capacidade de engorda, produção, peso, medidas, rendimento líquido, índole, mucosas e quejandos, não mencionados no padrão referido, são ainda exigidos, com toda a certeza.

Quanto à cor, pela sua maior frequência e preferência dos criadores, foi escolhida a vermelha.

Como produtora de leite, conquanto não resida nesse atributo o maior valor da raça, a vaca Africander quando submetida a tratamento adequado nada fica a dever às outras, conhecidas como especialistas na produção de leite.

O senhor Orlando de Almeida Prado cita, a propósito, o caso da vaca Kroonstad Mooi River II, campeã africander que, no 4.º mês de lactação produziu, no período de 48 horas, 28 quilos e 829 gramas de leite, com 4,75% de gordura e 9,35 de sólidos não gordurosos, observando-se que seu leite é tão rico em manteiga como em sólidos não gordurosos.

Com a intenção de melhor demonstrar a capacidade leiteira da raça africander, o senhor Almeida Prado faz o seu confronto com as demais raças leiteiras apuradas, como a seguir se vê na página seguinte:

Não é lícito, pois, à vista do que aí se expõe, tirar-se outra conclusão senão a de que a raça Africander é realmente leiteira.

Flamenga	300 d. lactação	— 3.800 l. leite e 4,22 riqueza
Guernsei	300 " "	— 3.000 " " " 5,00 "
Jersey	300 " "	— 2.200 " " " 6,60 "
Simental	300 " "	— 3.500 " " " 3,75 "
Schwyz	300 " "	— 3.200 " " " 3,90 "
Normanda	300 " "	— 3.400 " " " 4,30 "
Holandêsa	300 " "	— 5.438 " " " 3,38 "
AFRICANDER	120 " "	— 1.620 " " " 4,50 "

O verdadeiro valor da raça Africander está em sua indiscutível faculdade de engorda.

"É notável o sucesso que os Boers vêm obtendo no aprimoramento da conformação da raça para o corte, principalmente quanto às seguintes particularidades: — o maior comprimento e largura do tronco; a linha mais reta do dorso; o bom desenvolvimento da região dos rins; as coxas bem torneadas", esclarece ainda o senhor Almeida Prado.

Com esse trabalho inteligente e perseverante, objetivam seus criadores a obtenção de um novilho cada vez mais apropriado ao corte, de acordo com o paladar do mais exigente consumidor.

"Conquanto o Africander não cresça tão rapidamente como o gado de corte de algumas das raças inglesas", cita o professor Bosman "o caso de ser verificado, na Universidade de Pretória, pesos de 817 quilos, ou seja, 54,5 arrobas, em bois de boa aparência, com, exatamente, 3 anos de idade". "O mesmo profes-

sor menciona ainda o fato de um novilho que aquela Universidade enviou à Exposição de Gado Gordo de Johannesburg, em 1924; esse novilho, com a idade de 21 meses, pesava 479 quilos ou 31 arrobas, ou 301,5 quilos de carne, cuja porcentagem foi, como vemos, de 63% sobre o peso bruto. Segundo o testemunho daquele ilustre professor, esse novilho Africander, de 21 meses de idade apenas, foi classificado, quanto ao peso por ida-

novilho Africander de 1 ano e 9 meses	- 542,5 ks. ou 36 @
" " " 1 " e 10 "	- 597,0 " " 39,5@
" " " 2 " e 9 "	- 656,5 " " 43,5@
" " " 3 " e —	- 819,5 " " 54,5@

de, em 4.º lugar, batendo, entretanto, nesse particular, vários exemplares de Angus e Shorthorns", assim se refere o senhor Orlando de Almeida Prado em seu excelente artigo sobre o gado africander, publicado na citada Revista de Indústria Animal, ano de 1939, no qual, como vê o leitor, louvamos repetidamen-

Notas

Estabelecimentos que contribuem para manutenção da seção "O Leite e seus Derivados", em nossas páginas:

A. J. Byington — Alves, Azevedo & Cia. — Gonçalves Salles & Cia. — Usina Domínio — Usina União de Laticínios — Fábrica Prod. Al. "Vigor" S.A. — Coop. Central de Laticínios — Laticínios "Léco".

te para escrever as presentes considerações em torno do futuro gado dos Boers.

Terminando estas notas, re-produzimos mais estes dados daquele valioso trabalho, a respeito da produção de carne de novilho africander, em relação ao seu peso e idade:

E conclue aquele senhor: "Esses pesos, postos em confronto com os de gado de raças européias próprias para o corte, depõem favoravelmente ao gado africander". E a qualidade da carne é ótima. Que o digam os estudiosos do assunto e os entendidos e apreciem os criadores patrióticos.



ROLHAS METÁLICAS (CROWNCORK) S. A

FÁBRICA DE ROLHAS METÁLICAS PARA

VASILHAME DE LEITE, CERVEJAS E ÁGUAS MINERAIS

São Paulo

Rua Cachoeira n.º 1827

Fone: 9-4139

PRIMEIRA CLASSIFICAÇÃO ANUAL

Com o presente trabalho temos a satisfação de dar à publicidade a primeira classificação anual das lactações completadas durante o primeiro período de vida do Serviço de Controle Leiteiro da Associação Paulista de Criadores de Bovinos.

Na presente classificação, contrariando o título "anual", figuram lactações encerradas em 1945 e 1946. Deve-se isso à fase inicial dos serviços, pois, sendo iniciados os controles em Fevereiro de 1945, durante aquele ano poucas foram as lactações encerradas e, também, porque o material existente apresentava ainda pouco interesse. Agora, reunidos os resultados de 1945 e de 1946, podemos fornecer aos nossos criadores e estudiosos algo de concreto, marcas que expressem qualquer coisa de real.

Esta primeira classificação encerra os resultados de 9 lactações encerradas aos 365 dias e de outras 226 (incluídas as 9 primeiras) encerradas aos 300 dias e menos. Nela estão incluídos os resultados dos controles levados a efeito em onze diferentes planteis. Dêsses, nove são constituídos de vacas da raça holandêsa, variedade preta e branca, um da raça holandêsa, variedade vermelha e branca e um último da raça Jersey.

Como se poderá observar, os animais puros de pedigree, isto é, aqueles puros de origem, dado o reduzido número de planteis de puros em nosso meio, estão pouco representados. Ainda persistem os efeitos do desinteresse pela criação de gado da raça holandêsa que se observou durante vários anos. Além do mais, o nosso serviço de Controle Leiteiro ainda é muito novo e não adquiriu a confian-



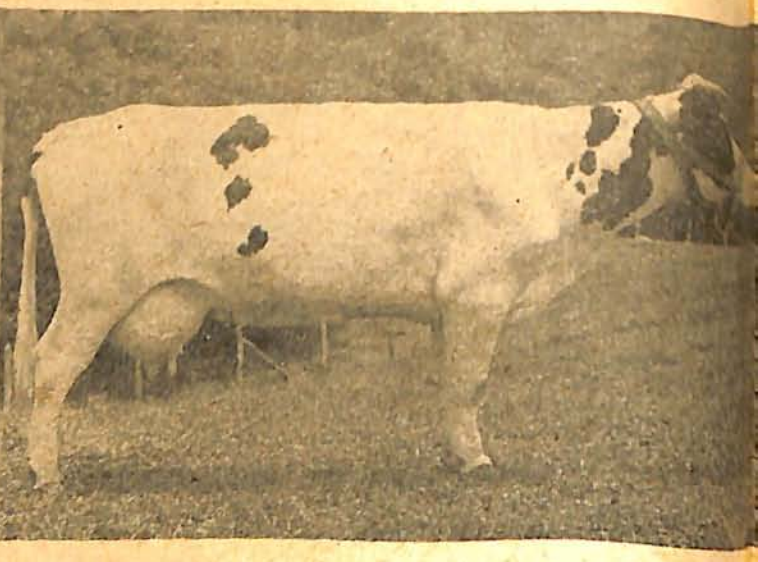
GAZETINHA II — Holandeza, preta e branca, mestiça, 3 a 4 anos. 3.368 quilos de leite e 126,3 quilos de gordura, com 3,74%, em 300 dias. Criador: Dr. João de Moraes Barros. 1.º lugar em produção de leite e M. G. em sua classe.



RITA — Holandeza, preta e branca, pura de origem, de 4 a 6 anos. 2.597 quilos de leite e 108,3 quilos de gordura com 4,16%, em 300 dias. Criador: Dr. João de Moraes Barros. 1.º lugar em produção de leite e M. G. em sua classe.



MAGNÓLIA — Holandeza, preta e branca, pura por cruz, de mais de 6 anos. 5.195 quilos de leite e 196,2 quilos de gordura e 3,77% em 300 dias. Criador: Colégio Adventista Brasileiro. 1.º lugar em produção de M. G. em sua classe.



CARÍCIA — Holandeza, preta e branca, pura por cruz, de 4 a 6 anos. 5.242,5 quilos de leite e 171,9% quilos de gordura com 3,25% em 300 dias. Criador: Colégio Adventista Brasileiro. 1.º lugar em produção de leite em sua classe.

CARIOCA — Holandeza, vermelha e branca, mestiça de 3 a 4 anos. 3.983 quilos de leite e 166,2 quilos de gordura com 4,17% de M. G. em 300 dias. Criador Sr. Orlando de Barros Pereira. 1.º lugar em produção de M. G. em sua classe.

CACHOPA — Holandeza, vermelha e branca, mestiça de 3 a 4 anos. 4.120 quilos de leite e 159,9 quilos de gordura com 3,88% de M. G. em 300 dias. Criador: Sr. Orlando de Barros Pereira. 1.º lugar em produção de leite em sua classe.





JAVANESA — Holandeza, preta e branca, mestiça, de mais de 6 anos. 5.253 quilos de leite e 213,9 quilos de gordura com 4,07% em 365 dias. Criador: Dr. João de Moraes Barros. 1.º lugar em produção de leite e M. G. em sua classe.

MELINDROSA — Holandeza, preta e branca, mestiça, com menos de 3 anos. 3.776 quilos de leite e 152,4 quilos de gordura e 4,03%, em 300 dias. Criador: Dr. João de Moraes Barros. 1.º lugar em produção de leite e de M. G. em sua classe.

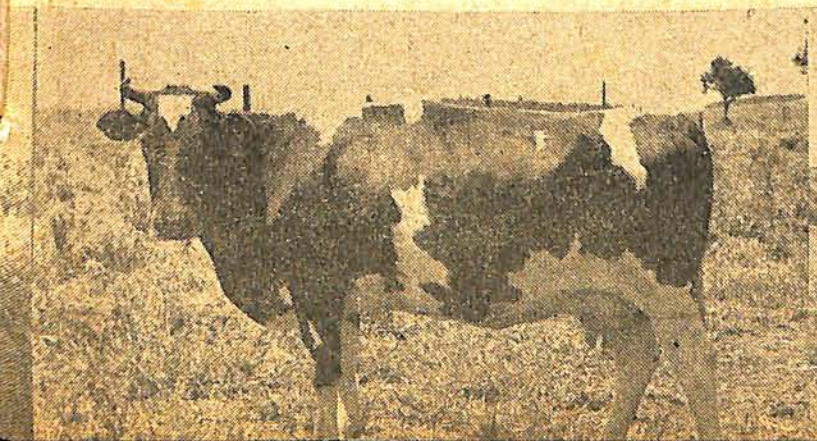


BONECA — Holandeza, preta e branca, pura por cruz, de mais de 6 anos. 5.496 quilos de leite e 176,2 quilos de gordura, com 3,22% de M. G. em 300 dias. Criador: Colégio Adventista Brasileiro. 1.º lugar em produção de leite em sua classe.

FORTALEZA — Holandeza, preta e branca pura por cruz, com as duas melhores lactações em leite e matéria gorda nas classes de menos de 3 e de 3 a 4 anos. Produziu 5.388 quilos de leite e 189,3 quilos de gordura com 3,51% de M. G. em 300 dias na 2a. lactação controlada. Criador: Colégio Adventista Brasileiro.

CARÍCIA — Holandeza, vermelha e branca, mestiça, de mais de 6 anos. 3.754 quilos de leite e 192 quilos de gordura com 5,11% de M. G. em 300 dias. Criador: Sr. Orlando de Barros Pereira. 1.º lugar em produção de gordura em sua classe.

ALEGRIA — Holandeza, vermelha e branca, mestiça de 4 a 6 anos. 4.116 quilos de leite e 191 quilos de gordura com 4,59% de M. G. em 300 dias. Criador: Sr. Orlando de Barros Pereira. 1.º lugar em produção de leite e matéria gorda em sua classe.



ça e a compreensão dos nossos criadores. Sabemos, entretanto, que muitos dentre aqueles que estão iniciando ou reiniciando a criação do Holandês, pensam em inscrever seus animais neste serviço e se ainda não o fizeram é porque o preparo do rebanho e da fazenda nos tempos que correm não são coisas simples.

Dos rebanhos puros por cruza e mestiços já se pôde ter uma idéia do seu progresso, do ponto em que se acham como rebanhos leiteiros no Estado de São Paulo. Para 4 lactações de vacas puras de origem temos 77 outras de puras por cruza e 98 de mestiças. Em 226 lactações temos 4 de puras de origem, 83 de puras por cruza e 137 de mestiças, das raças Holandêsas as duas variedades e Jersey.

Nas relações que seguem os resultados das lactações estão classificados de acôrdo com a produção de leite e de gordura ou matéria gorda; de acôrdo com a duração das lactações, e de acôrdo ainda, com a raça, variedade, grão de sangue e idade da produtora. Foram organizadas, pois, duas listas de produções, a primeira, por ordem decrescente, de produção de leite de (365 dias e de 300 dias e menos) incluindo todas as lactações controladas e a segunda, de produção de gordura, estando incluídas apenas as cinco melhores produções (de 365 dias e de 300 dias e menos).

Do ponto de vista da duração das lactações, estabelecemos duas categorias, uma de 365 dias e outra de 300 dias e menos. Quanto ao grão de sangue, na impossibilidade de fazermos uma separação completa de acôrdo com as várias classificações estabelecidas no Registro Genealógico da A. P. C. B., resolvemos reunir as vacas em três grupos: 1.º de animais puros de origem ou puros de pedigree; 2.º de puros por cruza (de origem conhecida e desconhecida, não considerando também se Holstein-Friesian ou se de outra origem) e 3.º de vacas mestiças, de $\frac{1}{2}$, $\frac{3}{4}$, $\frac{7}{8}$ de sangue Holandês, Holstein-Friesian, ou Holando-Argentino, e mesmo as não registradas mas reconhecidas de sangue holandês.

Quanto à classificação por idade, na impossibilidade, também, de reunir todas as vacas num só grupo ou separá-las por classes, de acôrdo com o regulamen-

to, (7 classes), sob pena de prejudicar o trabalho por excesso de subdivisão, adotamos o seguinte critério que nos pareceu mais razoável: 1.º grupo de vacas até 3 anos, isto é, que iniciaram sua lactação antes de completados os 3 anos; no 2.º grupo aquelas de idades compreendidas entre 3 e 4 anos, abrangendo novilhas de 1a. e 2a. cria, adiantadas; no 3.º grupo acham-se as de 4 a 6 anos, incluindo vacas de 2a., 3a. e até 4a. crias e finalmente, no 4.º grupo aquelas de mais de 6 anos, com várias crias. Deixamos de fazer a classificação pelo número de crias, porque êsse critério não nos pareceu razoável e até criticável sob o ponto de vista zootécnico. Como a maioria das vacas controladas é de registradas, nos louvamos nos dados fornecidos pelo Registro. Quanto àquelas mestiças e não registradas cuja data do nascimento não pôde ser determinada com segurança, nos baseamos na leitura da taboa dentária de acôrdo com o seu desgaste e também na informação dos criadores. O fator idade é de suma importância, sem dúvida alguma. Êle é tomado por base nos restantes serviços de controle leiteiro do mundo, outra das razões porque assim procedemos.

Os resultados surpreendentes que esta primeira classificação anual apresenta podem ser examinados nos Quadros I e II, de Produções médias, registrando respectivamente as de 365 e 300 e menos. No primeiro quadro o número reduzido de lactações não permite uma análise satisfatória com referência às médias; no quadro II, porém, com as suas 226 lactações e que representa de fato o trabalho do nosso Serviço de Controle Leiteiro, temos então oportunidade de observar resultados que para nós dêsse serviço constituíram surpresa e o mesmo talvez aconteça com outros.

Como se pôde concluir dessas marcas, elas representam produções obtidas nas varias condições em nosso ambiente, uma em ótimas condições de exploração, outras em situações verdadeiramente deficientes. Dão uma idéia bem concreta da situação média do nosso rebanho de puras por cruza da raça holandêsa. Dentre as mestiças $\frac{3}{4}$, $\frac{7}{8}$ e não registradas também as marcas aqui assi-

naladas estão bem próximas da verdadeira realidade de nosso rebanho.

Nos quadros III, IV, V e VI, estão classificadas as melhores produtoras de cada categoria e classe. As vacas cujos nomes aparecem nestes quadros são as detentoras dos títulos de "Melhor produtora de leite ou de matéria gorda de 1945-1946", na raça, grão de sangue e idade em que aparecem.

Assim, na classe de mais de 6 anos, puras de origem da raça holandesa, p e b, GRAUNA, nos 365 e nos 300 dias sagrou-se como a melhor produtora de leite e de matéria gorda nos anos de 1945-46. Grauna, pela sua produção levantou, também, o título de "Maior produtora de leite e de matéria gorda nos anos de 1945-46 no Estado de S. Paulo".

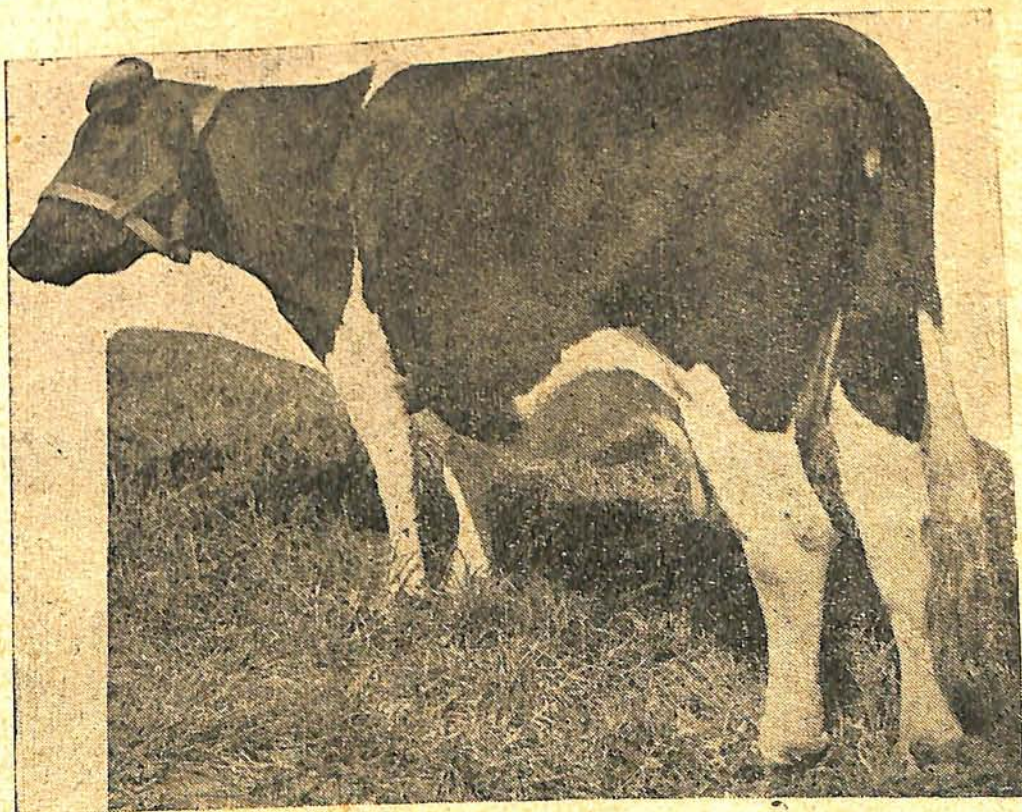
Com a publicação desta primeira classificação anual deixamos registrados aqui os nossos mais sinceros agradecimentos aos Srs. criadores que conosco veem cooperando, nos auxiliando e incentivando na luta para o progresso do nosso Serviço de Controle Leiteiro; à diretoria da Associação Paulista de Criadores de Bovinos que nos tem prestigiado continuamente e, também, particularmente, aos nossos auxiliares diretos, os controladores dedicados, Snrs. Luiz Simões Vieira e João Baldim.

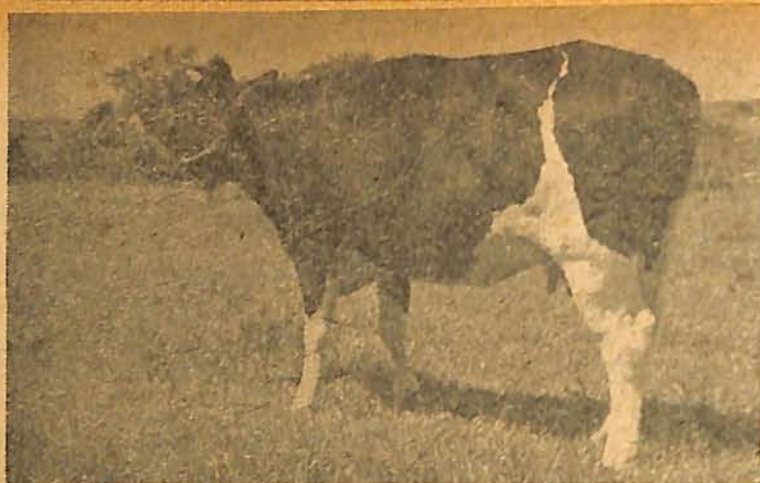
Encerrando a apresentação desta publicação, dirigimos aos criadores de gado das raças leiteiras um apêlo para que considerem bem o que é e o que pôde ser o Serviço de Controle Leiteiro em nosso ambiente. Estes primeiros resultados são muito pequenos para que se possa avaliar das verdadeiras e futuras vantagens de um serviço dessa natureza e, no entanto, pergunte-se aqueles que nos tem apoiado quais os benefícios até agora observados com o Controle Leiteiro da A. P. C. B. ? O controle leiteiro já foi justamente considerado como o prado de corridas da vaca leiteira. Ele auxilia de modo positivo o criador no seu trabalho de seleção e serve de base sólida para a criação e escolha de futuros reprodutores.

Hoje, podemos afirmar, além de tudo, que o controle leiteiro, na forma como vem sendo praticado pela Associação Paulista de Criadores de Bovinos, apresenta os elementos mais uteis, mais vivos e mais honestos para o comércio de gado leiteiro. A simples publicação dos resultados parciais e finais das lactações implica na mais sincera e mais correta publicidade que um criador pôde fazer de seu rebanho.

Dr. Fidelis Alves Netto

Grauna — raça holandesa, pura de origem, de mais de 6 anos. 7.105 quilos de leite e 301,1 quilos de matéria gorda, com 4,23 % de M.G. em 365 dias. Criador: Dr. Joaquim de Barros Alcantara. A melhor produção de leite e matéria gorda registrada nos anos de 1945-1946.

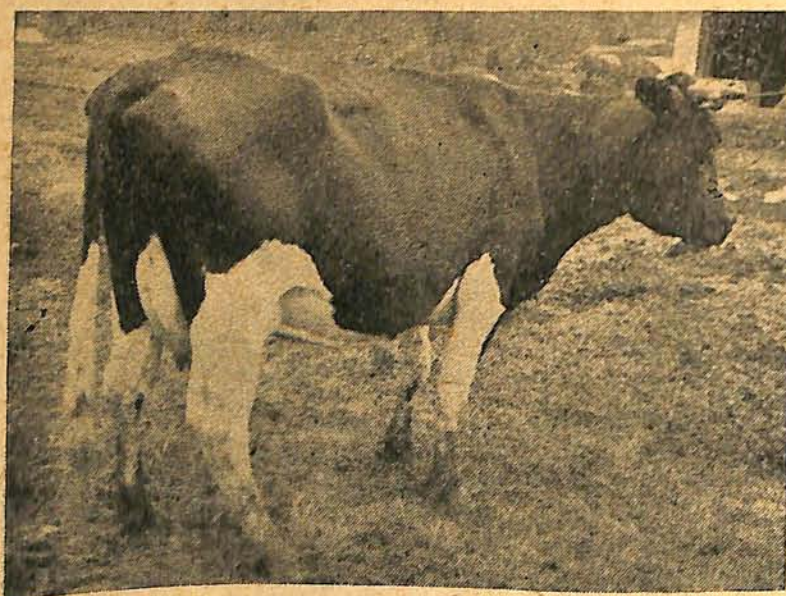




CAMPINEIRA — Holandesa, preta e branca, pura por cruz, de mais de 6 anos. 5.286 quilos de leite e 212,4 quilos de gordura com 4,01% de M.G., em 365 dias. Criador: Dr. João de Moraes Barros. 2.º lugar em produção de leite e M. G. em sua classe.



MIMOSA — Holandesa, preta e branca, pura de origem, de mais de 6 anos. 3.986 quilos de leite e 155,45 quilos de gordura com 3,89% de M.G., em 300 dias. Criador: Dr. João de Moraes Barros. 2.º lugar em produção de leite e de M.G. em sua classe.

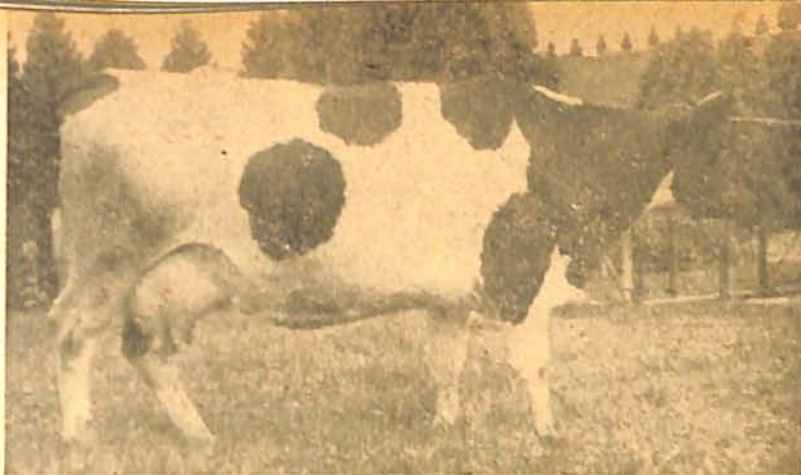


BARROZA — Holandesa, preta e branca, mestiça, com menos de 3 anos. 2.758 quilos de leite e 127,5 quilos de gordura com 4,62% de M.G. em 300 dias. Criador: Dr. Joaquim de Barros Alcantara. 2.º lugar em produção de M.G. em sua classe.



IPIRANGA — Holandesa, vermelha e branca, mestiça, de mais de 6 anos. 4.182 quilos de leite e 155,1 quilos de gordura com 3,70% de M.G. em 300 dias. Criador: Sr. Orlando de Barros Pereira. 2.º lugar em produção de leite em sua classe.

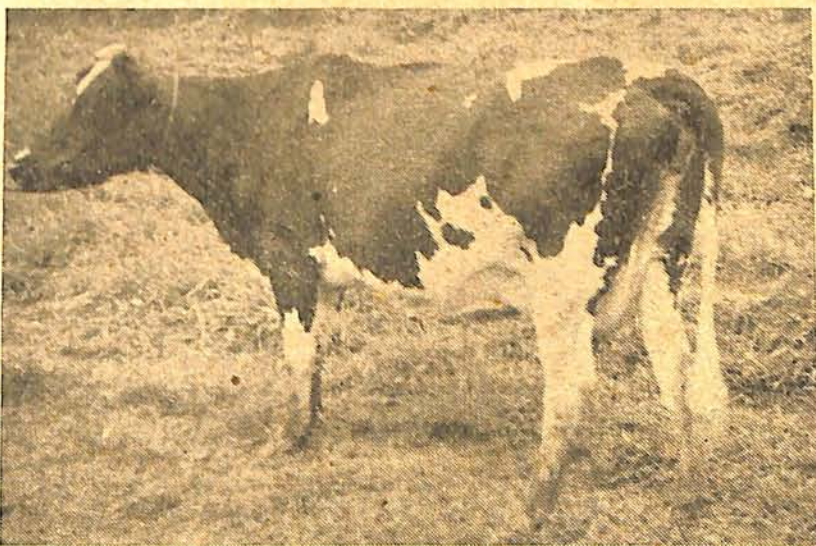
UNICA — Holandesa, preta e branca, pura por cruza, de mais de 6 anos. 6.390 quilos de leite e 236,9 quilos de gordura com 3,77% de M.G., em 365 dias. Criador: Sr. Carlos A. W. Auerbach. 1.º lugar em produção de leite e de M.G., em sua classe.



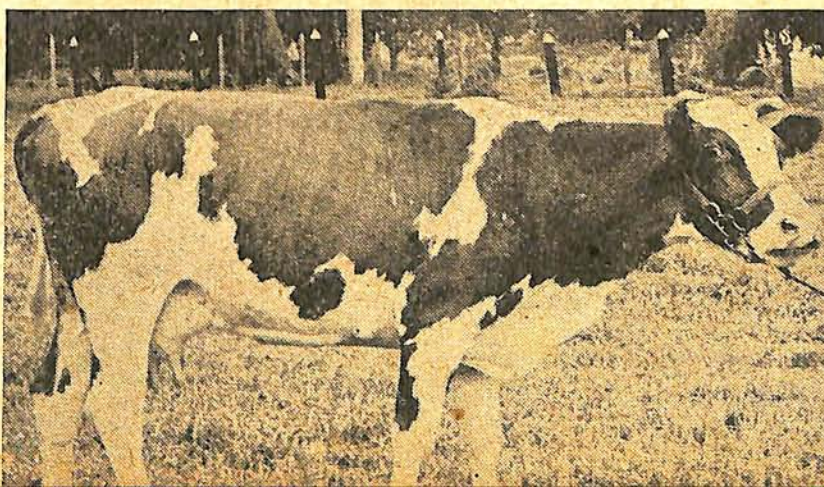
URANIA — Holandesa, preta e branca, mestiça, de 4 a 6 anos. 5.180 quilos de leite e 180,7 quilos de gordura com 3,48% de M.G., em 365 dias. Criador: Dr. Joaquim de Barros Alcantara. 1.º lugar em produção de leite e de M.G., em sua classe.



CAMPINEIRA — Holandesa, preta e branca, mestiça, de mais de 6 anos. 4.705 quilos de leite e 199,2 quilos de gordura, com 4,23% de M.G., em 300 dias. Criador: Dr. Joaquim de Barros Alcantara. 1.º lugar em produção de M.G. em sua classe.



DUQUESA — Holandesa, vermelha e branca, mestiça, de mais de 6 anos. 4.607 quilos de leite e 159,6 quilos de gordura com 3,46% de M.G., em 300 dias. Criador: Sr. Orlando de Barros Pereira. 1.º lugar em produção de leite em sua classe.



Q U A D R O — 1

PRODUÇÕES MÉDIAS REGISTRADAS EM 365 DIAS

1945-1946

<i>H i s t ó r i c o</i>	<i>vacas</i>	<i>Produção de Leite (ks.)</i>	<i>Produção de M.G. (ks.)</i>	<i>Percent. de M.G.</i>	<i>Idade (média) anos</i>
RAÇA HOLANDESA, variedade p e b, puras e mestiças, média de ...	9	4.951,4	200,23	4,04	6,3
RAÇA HOLANDESA, variedade p e b, média de ...	9				
Puras de origem, média de ...	1	7.105,0	301,10	4,23	mais de 6
Puras por cruz, média de ...	4	5.056,7	195,00	3,85	6,½
Mestiças, média de ...	4	4.307,3	180,17	4,18	6,0
RAÇA HOLANDESA, variedade p e b					
Puras de origem					
De mais de 6 anos, média de ...	1	7.105,0	301,10	4,23	—
Puras por cruz					
De 4 a 6 anos, média de ...	1	3.514,0	129,90	3,69	—
De mais de 6 anos, média de ...	3	5.571,0	216,80	3,89	—
Mestiças					
De 4 a 6 anos, média de ...	2	4.405,0	170,00	3,85	—
De mais de 6 anos, média de ...	2	4.210,5	190,35	4,52	—

Q U A D R O — I I

PRODUÇÕES MÉDIAS REGISTRADAS 300 DIAS E MENOS

(1945-1946)

<i>H i s t ó r i c o</i>	<i>vacas</i>	<i>(ks.) de leite Produção</i>	<i>Produção de M.G. (ks.)</i>	<i>Percent. de M.G.</i>	<i>Dias (n.º médio)</i>	<i>Idade (média) anos</i>
PRODUÇÃO MÉDIA DE TODAS VACAS REGISTRADAS NO SERVIÇO DE CONTROLE LEITEIRO	226	3.327,8	131,89	3,96	267,1	5,½
RAÇA HOLANDESA, variedades preta e branca, vermelha e branca, média de ...	221	3.337,6	131,63	3,94	266,7	5,½
RAÇA HOLANDESA, variedade preta e branca, média de ...	179	3.347,2	131,37	3,92	266,5	5,8 m.

RAÇA HOLANDESA, variedade vermelha e branca, média de .

RAÇA HOLANDESA, var. p e b

puras de origem, média de
 puras por cruza, média de
 mestiças, média de

RAÇA HOLANDESA, var. v e b

puras por cruza, média de
 mestiças, média de

RAÇA JERSEY, puras por cruza, média de

RAÇA HOLANDESA, var. p e b

puras de origem
 De 4 a 6 anos
 De mais de 6 anos, média de
 puras por cruza
 Até 3 anos, média de
 De 3 a 4 anos, média de
 De 4 a 6 anos, média de
 De mais de 6 anos, média de
 mestiças

Até 3 anos, média de
 De 3 a 4 anos, média de
 De 4 a 6 anos, média de
 De mais de 6 anos, média de

RAÇA HOLANDESA, var. v e b

puras por cruza
 De mais de 6 anos
 mestiças
 Até 3 anos
 De 3 a 4 anos, média de
 De 4 a 6 anos, média de
 De mais de 6 anos, média de

RAÇA JERSEY, puras por cruza
 De 4 a 6 anos, média de

	vacas	(ks.) de leite Produção	Produção de M. G. (ks.)	Percent. de M. G.	Dias (n.º médio)	Idade (média- anos)
RAÇA HOLANDESA, variedade vermelha e branca, média de .	42	3.296,6	132,25	4,01	267,3	5,1 m.
RAÇA HOLANDESA, var. p e b						
puras de origem, média de	4	3.655,0	147,53	4,03	260,5	6, 1/2
puras por cruza, média de	77	3.515,6	133,59	3,79	270,2	5,1 m
mestiças, média de	98	3.202,6	128,97	4,02	264,0	6,0
RAÇA HOLANDESA, var. v e b						
puras por cruza, média de	1	3.339,0	111,60	3,34	239,0	7,0
mestiças, média de	41	3.295,5	132,75	4,02	268,0	5,0
RAÇA JERSEY, puras por cruza, média de	5	2.899,4	147,56	5,08	286,8	5,0
RAÇA HOLANDESA, var. p e b						
puras de origem	—					
De 4 a 6 anos	1	2.597,0	108,30	4,16	300,0	—
De mais de 6 anos, média de	3	4.007,3	160,61	4,00	240,6	—
puras por cruza	—					
Até 3 anos, média de	11	3.075,0	106,77	3,47	259,4	—
De 3 a 4 anos, média de	12	3.464,6	132,41	3,81	280,3	—
De 4 a 6 anos, média de	28	3.391,4	130,58	3,85	270,7	—
De mais de 6 anos, média de	26	3.858,4	148,66	3,85	269,6	—
mestiças	—					
Até 3 anos, média de	4	2.694,5	116,57	4,32	264,5	—
De 3 a 4 anos, média de	4	3.008,2	114,67	3,81	289,7	—
De 4 a 6 anos, média de	27	3.307,5	132,85	4,01	277,7	—
De mais de 6 anos, média de	63	3.201,8	129,00	4,02	256,2	—
RAÇA HOLANDESA, var. v e b						
puras por cruza	—					
De mais de 6 anos	1	3.339,0	111,60	3,34	239,0	—
mestiças	—					
Até 3 anos	1	3.039,0	131,10	4,31	300,0	—
De 3 a 4 anos, média de	11	3.546,3	141,62	3,99	300,0	—
De 4 a 6 anos, média de	17	3.178,6	127,84	4,02	258,8	—
De mais de 6 anos, média de	12	3.252,7	131,72	4,04	248,3	—
RAÇA JERSEY, puras por cruza	—					
De 4 a 6 anos, média de	5	2.899,4	147,56	5,08	286,8	—

Q U A D R O — I I I

MELHORES PRODUTORAS DE LEITE EM 365 DIAS

1945-1946

Raça e grão de sangue	Nome da vaca	Produção de leite (ks.)	Prod. de M.G. (ks.)	Percent. de M. G.	Orde- nha	Criador
RAÇA HOLANDESA, p e b						
Puras de origem						
De mais de 6 anos	Grauna	7.105	301,1	4,23	3x	Joaquim Barros Alcântara
Puras por cruz						
De 4 a 6 anos	Ena II	3.514	129,9	3,69	2x	Soc. Civil Faz. M. Amélia
De mais de 6 anos	Única	6.390	236,9	3,77	3x	Carlos A. W. Auerbach
Mestiças						
De 4 a 6 anos	Urânia	5.180	180,7	3,48	3x	Joaquim Barros Alcântara
De mais de 6 anos	Javanês	5.253	213,9	4,07	2x	João de Moraes Barros

Q U A D R O — I V

MELHORES PRODUTORAS DE LEITE EM 300 DIAS E MENOS

1945-1946

Raça e grão de sangue	Nome da vaca	Produção de leite (ks.)	Prod. de M.G. (ks.)	Percent. de M. G.	Orde- nha	Criador
RAÇA HOLANDESA, p e b						
Puras de origem						
De 4 a 6 anos	Rita	2.597	108,3	4,16	2x	João de Moraes Barros
De mais de 6 anos	Grauna	6.420	265,2	4,13	3x	Joaquim Barros Alcântara
Puras por cruz						
Até 3 anos	Fortaleza	4.537,5	154,8	3,41	3x	Col. Adventista Brasileiro
De 3 a 4 anos	Fortaleza	5.388	189,3	3,51	3x	Col. Adventista Brasileiro
De 4 a 6 anos	Carícia	5.242,5	171,9	3,25	3x	Col. Adventista Brasileiro
De mais de 6 anos	Boneca	5.496	176,2	3,22	3x	Col. Adventista Brasileiro
Mestiças						
Até 3 anos	Melindrosa	3.776	152,4	4,03	2x	João de Moraes Barros
De 3 a 4 anos	Gazetinha II	3.368	126,3	3,74	2x	João de Moraes Barros

Raça e grão de sangue	Nome da vaca	Produção de leite (ks.)	Prod. de M.G. (ks.)	Percent. de M.G.	Ordem de nascimento	Criador
De 4 a 6 anos	Moema	4.728	178,8	3,78	2x	Caio Pinto Guimarães
De mais de 6 anos	Fábula	5.062	194,1	3,83	2x	Lafayette A. de S. Camargo
RAÇA HOLANDESA, v e b						
Puras por cruza						
De mais de 6 anos	Mombuca	3.339	111,6	3,34	2x	Orlande de Barros Pereira
Mestiças						
Até 3 anos	Ramona	3.039	131,1	4,31	2x	Orlando de B. Pereira
De 3 a 4 anos	Cachopa	4.120	159,9	3,88	2x	Orlando de B. Pereira
De 4 a 6 anos	Alegria	4.166	191,4	4,59	2x	Orlando de A. Pereira
De mais de 6 anos	Duquesa	4.607	159,6	3,46	2x	Orlando de B. Pereira
RAÇA JERSEY						
Puras por cruza						
De 4 a 6 anos	Purdla Bolhayes	3.450	185,1	5,36	2x	Zelly Dias Figueiredo



PANACEA — Holandesa, preta e branca, mestiça, para cruza, de 3 a 4 anos. 4.595 quilos de leite e 151,2 quilos de gordura com 3,29% de M.G., em 300 dias. Criador: Colegio Adventista Brasileiro. 2.º lugar em produção de leite em sua classe.



ITATIBA — Holandesa, preta e branca, mestiça, de 3 a 4 anos. 3.932 quilos de leite e 142,4 quilos de gordura, com 3,56% de M.G. em 300 dias. Criador: Sr. Orlande de Barros Pereira, 2.º lugar em produção de leite em sua classe.

Q U A D R O — V

MELHORES PRODUTORAS DE MATÉRIA GORDA EM 365 DIAS

1945-1946

Raça e grão de sangue	Nome da vaca	Produção de leite (ks.)	Prod. de M.G. (ks.)	Percent. de M. G.	Or-de-nha	Criador
RAÇA HOLANDESA, p e b						
Puras de origem						
De mais de 6 anos	Grauna	301,1	7.105	4,23	3x	Joaquim Barros Alcântara
Puras por cruza						
De 4 a 6 anos	Ena II	129,9	3.514	3,69	2x	Soc. Civil Faz. M. Amélia
De mais de 6 anos	Única	236,9	6.390	3,77	3x	Carlos A. W. Auerbach
Mestiças						
De 4 a 6 anos	Urânia	180,7	5.180	3,48	3x	Joaquim Barros Alcântara
De mais 6 anos	Javanésa	213,9	5.253	4,07	2x	João de Moraes Barros

Q U A D R O — V I

MELHORES PRODUTORAS DE MATÉRIA GORDA EM 300 DIAS E MENOS

1945-1946

Raça e grão de sangue	Nome da vaca	Produção de leite (ks.)	Prod. de M.G. (ks.)	Percent. de M. G.	Or-de-nha	Criador
RAÇA HOLANDESA, p e b						
Puras de origem						
De 4 a 6 anos	Rita	108,3	2.597	4,16	2x	João de Moraes Barros
De mais de 6 anos	Grauna	265,2	6.420	4,13	3x	Joaquim Barros Alcântara

Puras por cruza

Até 3 anos	Fortaleza	154,8	4.537,5	3,41	3x	Col. Adventista Brasileiro
De 3 a 4 anos	Fortaleza	189,3	5.388	3,51	3x	Col. Adventista Brasileiro
De 4 a 6 anos	Malta	191,4	4.936	3,87	2x	Lafayette A. de S. Camargo
De mais de 6 anos	Magnólia	196,2	5.195	3,77	3x	Col. Adventista Brasileiro
Mestiças						
Até 3 anos	Melindrosa	152,4	3.776	4,03	2x	João de Moraes Barros
De 3 a 4 anos	Gazetinha II	126,3	3.368	3,74	2x	João de Moraes Barros
De 4 a 6 anos	Balaíca	190,2	4.479	4,26	2x	Lafayette A. de S. Camargo
De mais de 6 anos	Campineira	199,2	4.705	4,82	3x	Joaquim Barros Alcântara

RAÇA HOLANDESA, v e b

Puras por cruza

De mais de 6 anos	Mombuca	111,6	3.339	3,34	2x	Orlando de Barros Pereira
Mestiças						
Até 3 anos	Ramona	131,1	3.039	4,31	2x	Orlando de Barros Pereira
De 3 a 4 anos	Carioca	166,2	3.983	4,17	2x	Orlando de Barros Pereira
De 4 a 6 anos	Alegria	191,4	4.166	4,59	2x	Orlando de Barros Pereira
De mais de 6 anos	Carícia	192,0	3.754	5,11	2x	Orlando de Barros Pereira

RAÇA JERSEY

Puras por cruza

De 4 a 6 anos	Purdla Bollhays .	185,1	3,450	5,36	2x	Zelly Dias Figueiredo
---------------------	-------------------	-------	-------	------	----	-----------------------

CLASSIFICAÇÃO POR PRODUÇÃO DE LEITE

Todas lactações

CATEGORIA DE 365 DIAS

N.º do S.C.L.	Nome da vaca	Produção de leite (ks.)	Produção de M.G. (ks.)	Percent. de M.G.	Ordem	Criador
---------------	--------------	-------------------------	------------------------	------------------	-------	---------

RAÇA HOLANDESA, variedade preta e branca

Puras de origem

De mais de 6 anos (5.^a, 6.^a e 7 classes)

58	Grauna	7.105	301,1	4,23	3x	Joaquim Barros Alcântara
----	--------	-------	-------	------	----	--------------------------

Puras por cruza

De 4 a 6 anos (3.^a e 4.^a classes)

272	Ema II	3.514	129,9	3,69	2x	Sociedade Civil Fazenda Maria Amélia
342	Única	6.390	236,9	3,77	3x	Carlos Alberto Willy Auerbach
296	Campineira	5.286	212,4	4,01	2x	João de Moraes Barros
67	Invejada	5.037	201,1	3,99	3x	Joaquim Barros Alcântara

Mestiças

De 4 a 6 anos (3.^a e 4.^a classes)

75	Urânia	5.180	180,7	3,48	3x	Joaquim Barros Alcântara
166	Figueira II	3.630	159,3	4,30	2x	José Teófilo Fleury Filho

De mais de 6 anos (5.^a, 6.^a e 7.^a classes)

347	Javanêsa	5.253	213,9	4,07	2x	João de Moraes Barros
171	Vilanêsa	3.168	166,8	5,26	2x	José Teófilo Fleury Filho

CATEGORIA DE 300 DIAS E MENOS

N.º do S.C.L.	Nome da vaca	Produção de leite (ks.)	Produção de M.G. (ks.)	Percent. de M.G.	Duração da lact. — dias	Ordemada	Criador
---------------------	--------------------	-------------------------------	------------------------------	------------------------	-------------------------------	----------	---------

RAÇA HOLANDESA, variedade preta e branca

Puras de origem

De 4 a 6 anos (3. ^a e 4. ^o classes)							
348	Rita	2.597	108,3	4,16	300	2x	João de Moraes Barros
De mais de 6 anos (5. ^a , 6. ^a e 7. ^a classes)							
58	Grauna	6.420	265,2	4,13	300	3x	Joaquim Barros Alcântara
298	Mimosa	3.986	155,45	3,89	300	2x	João de Moraes Barros
93	Miss Angai	1.617	61,2	3,78	142	3x	D. Bertha M. Weiszflog

RAÇA HOLANDESA, variedade preta e branca

Puras por cruz

Até 3 anos (1.^a classe)

45	Fortaleza	4.537,5	154,8	3,41	300	3x	Colégio Adventista Brasileiro
120	Falua	4.427	140,7	3,17	300	3x	Colégio Adventista Brasileiro
206	Buena Pinta	4.017	113,4	2,82	300	3x	Carlos A. Willy Auerbach
309	Maquêsa	3.966	135,9	3,42	300	3x	Colégio Adventista Brasileiro
48	Aliança	3.930	128,0	3,31	269	3x	Colégio Adventista Brasileiro
100	Favorita	3.612	120,3	3,33	300	3x	Colégio Adventista Brasileiro
345	Sorocaba	2.781	120,3	4,32	300	2x	João de Moraes Barros
364	Bandeira	2.726,5	111,1	4,07	287	2x	Soc. Civil Faz. Maria Amélia
381	Baronêsa	1.705	63,9	3,75	235	3x	Joaquim Barros Alcântara
462	Balalaica	1.048	42,1	4,02	159	2x	Joaquim Barros Alcântara
411	Indiana	1.046	44,0	4,20	104	2x	João de Moraes Barros
De 3 a 4 anos (2. ^a classe)							
45	Fortaleza	5.388	189,3	3,51	300	3x	Colégio Adventista Brasileiro
390	Panacéia	4.595	151,2	3,29	300	3x	Colégio Adventista Brasileiro
203	Linda Flôr	4.400	161,9	3,68	281	2x	Lafayette A. de S. Camargo

N. ^o do S.C.L.	Nome da vaca	Produção de leite (ks.)	Produção de M.G. (ks.)	Percent. de M.G.	Duração da lact. — dias	Orde- nhada	Criador
269	Devota II	3.820,5	144,3	3,77	300	2x	Soc. Civil Faz. Maria Amélia
332	Maravilha	3.750	143,1	3,81	300	3x	Colégio Adventista Brasileiro
208	Inglezinha	3.679	140,8	3,82	280	3x	Joaquim Barros Alcântara
306	Nina II	3.363	136,8	4,07	300	2x	Soc. Civil Faz. Maria Amélia
307	Bagé II	3.225	139,6	4,33	267	2x	Soc. Civil Faz. Maria Amélia
355	Guariba	3.004	124,8	4,15	300	2x	João de Moraes Barros
320	Brasileira	2.925	107,1	3,66	300	3x	Joaquim Barros Alcântara
349	Ligeira	1.768	76,4	4,32	253	2x	João de Moraes Barros
368	Barbacena	1.678	73,7	4,39	183	2x	Soc. Civil Faz. Maria Amélia
De 4 a 6 anos (3. ^a a 4. ^a classes)							
226	Carícia	5.242,5	171,9	3,25	300	3x	Colégio Adventista Brasileiro
46	Belinha	5.027	175,5	3,48	300	3x	Colégio Adventista Brasileiro
33	Malta	4.936	191,4	3,87	300	2x	Lafayette A. Souza Camargo
114	Pinda	4.663	175,8	3,77	300	2x	Lafayette A. Souza Camargo
296	Campineira	4.466	181,8	4,07	300	2x	João de Moraes Barros
142	Angai	4.170	144,0	3,45	300	3x	Colégio Adventista Brasileiro
417	Divida	4.109	148,8	3,62	300	2x	João de Moraes Barros
140	Rainha	3.892	150,6	3,86	300	3x	Colégio Adventista Brasileiro
360	Darcy	3.699	142,5	3,85	300	2x	Soc. Civil Faz. Maria Amélia
370	Argentina	3.460	133,8	3,86	300	3x	Joaquim Barros Alcântara
27	Kermesse	3.454	158,0	4,57	266	2x	Lafayette A. Souza Camargo
300	Cativa	3.427	143,2	4,18	259	2x	João de Moraes Barros
344	Garopa	3.401	137,7	4,04	300	2x	João de Moraes Barros
379	Amélia	3.301	121,2	3,67	300	3x	Joaquim Barros Alcântara
26	Paula III	3.294	123,7	3,75	247	2x	Lafayette A. Souza Camargo
116	Naná	3.280,5	140,7	4,28	243	2x	Lafayette A. Souza Camargo
272	Ema II	3.005	111,3	3,70	300	2x	Soc. Civil Faz. Maria Amélia
371	Araponga	2.994	114,9	3,83	300	3x	Joaquim Barros Alcântara
122	Roca	2.967	114,1	3,84	230	3x	Joaquim Barros Alcântara
297	Dudinha	2.921	121,1	4,14	281	2x	João de Moraes Barros
273	Audácia II	2.866	112,1	3,91	283	2x	Soc. Civil Faz. Maria Amélia

274	Bolívia		2.766	106,8	3,86	241	2x	Soc. Civil Faz. Maria Amélia
380	Alagóas		2.694	90,6	3,36	230	3x	Joaquim Barros Alcântara
401	Corruira		2.567	108,3	4,21	300	2x	João de Moraes Barros
198	Luva		2.358	93,6	3,98	144	2x	Lafayette A. Souza Camargo
322	Brinquinha		2.111	77,1	3,65	224	2x	Soc. Civil Faz. Maria Amélia
271	Abelha II		1.981	80,4	4,05	205	2x	Soc. Civil Faz. Maria Amélia
388	Oncinha		1.909	85,4	4,47	227	2x	João de Moraes Barros

De mais de 6 anos (5.^a, 6.^a e 7.^a classes)

225	Boneca		5.496	176,2	3,22	300	3x	Colégio Adventista Brasileiro
342	Única		5.329	192,9	3,62	300	3x	Carlos A. Willy Auerbach
50	Magnólia		5.195	196,2	3,77	300	3x	Colégio Adventista Brasileiro
202	Mancha		4.826	195,7	4,05	280	2x	Lafayette A. Souza Camargo
316	Cambuquinha		4.728	169,5	3,58	300	3x	Joaquim Barros Alcântara
57	Calçadinha		4.454	165,0	3,70	300	3x	Joaquim Barros Alcântara
67	Invejada		4.449	174,0	3,91	300	3x	Joaquim Barros Alcântara
389	Faxina II		4.399	174,6	3,96	300	2x	João de Moraes Barros
358	Carioca		4.202	165,9	3,94	300	2x	João de Moraes Barros
304	Vitoriosa		4.200	180,0	4,28	274	2x	João de Moraes Barros
36	Boina		4.131	161,1	3,89	300	2x	Lafayette A. Souza Camargo
99	Silhueta		4.078,5	164,1	4,02	300	2x	Lafayette A. Souza Camargo
210	Araçá		4.012,5	169,2	4,21	300	2x	João de Moraes Barros
47	Lorena		3.978	145,2	3,64	300	3x	Colégio Adventista Brasileiro
342	Baronesa		3.673	159,3	4,33	300	2x	João de Moraes Barros
34	Cançoneta		3.621	134,4	3,71	300	2x	Lafayette A. Souza Camargo
228	Paula II		3.504	144,0	3,53	197	3x	Colégio Adventista Brasileiro
138	Salamanca		3.474	128,4	3,69	223	2x	Lafayette A. Souza Camargo
340	Medalha		3.449,5	124,2	3,54	300	3x	Joaquim Barros Alcântara
136	Mme. Butterfly		3.430	115,9	3,37	236	2x	Lafayette A. Souza Camargo
113	Premissa		3.278	123,9	3,78	243	2x	Lafayette A. Souza Camargo
421	Aurora		3.010	131,1	4,35	300	2x	João de Moraes Barros
385	Cocada		2.719	102,6	3,77	230	2x	João de Moraes Barros
377	Mariposa		2.673	106,6	3,99	238	2x	João de Moraes Barros
301	Caveira II		2.110	87,5	4,15	158	2x	João de Moraes Barros
356	Anarquía		1.901	77,8	4,09	133	2x	João de Moraes Barros

N.º do S. U. L.	Nome da vaca	Produção de leite (ks.)	Produção de M. G. (ks.)	Percent. de M. G.	Duração da lact. — dias	Ordemhada	Criador
RAÇA HOLANDESA, variedade preta e branca							
Mestiças (1/2, 3/4, 7/8 e não registradas)							
Até 3 anos (1.ª classe)							
353	Melindrosa	3.776	152,4	4,03	300	2x	João de Moraes Barros
213	Soberana	2.945	126,6	4,30	260	2x	João de Moraes Barros
234	Barroza	2.758	127,5	4,62	300	3x	Joaquim Barros Alcântara
433	Bordada	1.299	59,8	4,60	198	3x	Joaquim Barros Alcântara
De 3 a 4 anos (2.ª classe)							
357	Gazetinha II	3.368	126,3	3,74	300	2x	João de Moraes Barros
366	Fiteira	3.241	111,0	3,42	300	2x	Soc. Civil Faz. Maria Amélia
374	Menina	3.063	122,7	4,00	300	2x	João de Moraes Barros
302	Odalisca	2.361	98,7	4,18	259	2x	João de Moraes Barros
De 4 a 6 anos (3.ª e 4.ª classes)							
9	Moema	4.728	178,8	3,78	300	2x	Caio Pinto Guimarães
29	Balaia	4.479	190,2	4,26	300	2x	Lafayette A. Souza Camargo
141	Traituba	4.441,5	172,5	3,88	300	3x	Colégio Adventista Brasileiro
139	Professora	4.381,5	148,5	3,39	300	3x	Colégio Adventista Brasileiro
74	Tosca	4.321,5	168,0	3,88	300	3x	Joaquim Barros Alcântara
75	Urânia	4.237	150,6	3,55	300	3x	Joaquim Barros Alcântara
5	Titina	4.138	141,6	3,42	300	2x	Caio Pinto Guimarães
6	Maravilha	3.871,5	120,0	3,09	300	2x	Caio Pinto Guimarães
231	Barreira	3.867	159,6	4,12	300	3x	Carlos A. Willy Auerbach
115	Cimalha	3.810	161,4	4,23	255	2x	Lafayette A. Souza Camargo
214	Marota	3.690	165,3	4,47	300	2x	João de Moraes Barros
201	Alegria	3.629	140,0	3,85	256	2x	Lafayette A. Souza Camargo
383	Faceira	3.485	149,1	4,27	300	2x	João de Moraes Barros
352	Lipa	3.236	140,7	4,34	300	2x	João de Moraes Barros
354	Jaca	3.205	149,1	4,65	300	2x	João de Moraes Barros
54	Veneza	3.203	121,4	3,79	285	2x	J. Teófilo Fleury Filho

376	Esperança	3.124	131,4	4,20	300	2x	João de Moraes Barros
212	Campineira II	3.086	133,7	4,33	274	2x	João de Moraes Barros
166	Figueira II	2.983,5	131,4	4,38	300	2x	J. Teófilo Fleury Filho
103	Fortaleza	2.938	137,3	4,67	283	2x	J. Teófilo Fleury Filho
375	Dondoca	2.703	114,9	4,25	300	2x	J. Teófilo Fleury Filho
104	Mineira	2.630	104,5	4,05	291	2x	João de Moraes Barros
419	Dadá	2.368	104,4	4,41	210	2x	João de Moraes Barros
172	Mentira	2.293,5	98,7	4,30	300	2x	J. Teófilo Fleury Filho
373	Araras	2.216	79,0	3,57	278	3x	Joaquim Barros Alcântara
412	Bela	1.455	59,5	4,09	172	2x	João de Moraes Barros
341	Aurora	783	35,4	4,51	104	2x	Joaquim Barros Alcântara

De mais de 6 anos (5.^a, 6.^a e 7.^a classes)

135	Fábula	5.062	194,1	3,83	300	2x	Lafayette A. Souza Camargo
143	Hansa	4.812	175,5	3,64	300	3x	Carlos A. Willy Auerbach
49	Valiza	4.713	170,2	3,61	300	3x	Colégio Adventista Brasileiro
121	Campineira	4.705	199,2	4,82	300	3x	Joaquim Barros Alcântara
347	Javanêsa	4.567	184,8	4,04	300	2x	João de Moraes Barros
382	Noiva	4.516	177,0	3,91	300	2x	João de Moraes Barros
43	Tigelinha	4.498	173,1	3,84	300	2x	Lafayette A. Souza Camargo
137	Revolta	4.496	177,3	3,94	300	2x	Lafayette A. Souza Camargo
268	Pintura	4.375	192,6	4,40	300	2x	João de Moraes Barros
132	Vila Rica	4.352	184,2	4,23	300	2x	Lafayette A. Souza Camargo
266	Saudade	4.314	160,2	3,71	280	2x	João de Moraes Barros
319	Maravilha	4.291	184,5	4,29	300	3x	Joaquim Barros Alcântara
384	Rebeca	4.286	169,2	3,94	300	2x	João de Moraes Barros
37	Jarra	4.271	155,1	3,63	300	2x	Lafayette A. Souza Camargo
387	Moderna	4.206	187,2	4,45	300	2x	João de Moraes Barros
346	Lorena	4.175	169,5	4,05	300	2x	João de Moraes Barros
406	Pipoca	4.165,5	162,9	3,91	300	2x	João de Moraes Barros
209	Negrinha	4.139	173,3	4,19	270	2x	João de Moraes Barros
318	Saira	4.124	173,4	4,20	300	3x	Joaquim Barros Alcântara
78	Haia	4.123	159,6	3,87	300	3x	Joaquim Barros Alcântara
78	Haia	4.066	153,0	3,76	300	3x	Joaquim Barros Alcântara
9	Glória	3.996	178,8	4,47	300	2x	Caio Pinto Guimarães
82	Herdeira	3.981	131,7	3,30	300	2x	Caio Pinto Guimarães

N.º do S.C.B.	Nome da vaca	Produção de leite (ks.)	Produção de M.G. (ks.)	Percent. de M.G.	Duração da lact. — dias	Orde- nhada	Criador
205	Araponga	3.883	147,7	3,80	234	2x	Lafayette A. Souza Camargo
41	Ramona	3.845	147,3	3,83	300	2x	Lafayette A. Souza Camargo
317	Conquista	3.767	163,3	4,33	258	3x	Joaquim Barros Alcântara
391	Aliança	3.729	147,0	3,94	300	3x	Joaquim Barros Alcântara
197	Cabrocha	3.677	155,35	4,34	256	2x	Lafayette A. Souza Camargo
422	Maravilha	3.493	126,9	3,63	300	2x	Soc. Civil Faz. Maria Amélia
372	Palmeira	3.456	136,8	3,95	300	3x	Joaquim Barros Alcântara
70	Neblina	3.455	155,3	4,50	253	2x	Joaquim Barros Alcântara
365	Bonita	3.408	135,9	3,98	300	2x	Soc. Civil Faz. Maria Amélia
134	Maringá	3.336	135,2	4,05	236	2x	Lafayette A. Souza Camargo
267	Delicada	3.327	135,0	4,05	300	2x	João de Moraes Barros
207	Beleza	3.252	125,7	3,86	285	3x	Joaquim Barros Alcântara
254	Borboleta	3.250	138,3	4,26	300	3x	Joaquim Barros Alcântara
76	Manchada	3.207	113,7	3,85	219	3x	Joaquim Barros Alcântara
133	Granfina	3.050	116,1	3,81	235	2x	Lafayette A. Souza Camargo
425	Novidade	2.839,5	108,0	3,80	300	2x	Soc. Civil Faz. Maria Amélia
289	Xumbada	2.737	109,8	4,00	271	3x	Joaquim Barros Alcântara
175	Fartura	2.728,5	116,25	4,26	300	2x	J. Teófilo Fleury Filho
171	Vilanêsa	2.700	146,25	5,41	300	2x	J. Teófilo Fleury Filho
367	Vitória	2.683	98,1	3,65	206	2x	Soc. Civil Faz. Maria Amélia
101	Meia Noite	2.572	115,3	4,48	282	2x	J. Teófilo Fleury Filho
369	Baia	2.529	99,9	3,94	300	3x	Joaquim Barros Alcântara
235	Liberdade	2.509	106,9	4,26	248	3x	Joaquim Barros Alcântara
174	Batatinha	2.491	98,6	3,95	300	2x	J. Teófilo Fleury Filho
362	Castanha	2.295	97,7	4,26	231	2x	Soc. Civil Faz. Maria Amélia
426	Campineira	2.194	98,9	4,50	261	2x	Soc. Civil Faz. Maria Amélia
147	Boa Vista	1.971	86,8	4,40	157	2x	J. Teófilo Fleury Filho
158	Fornosa	1.896	78,6	4,14	200	2x	J. Teófilo Fleury Filho
157	Veluda	1.821	74,4	4,08	187	2x	J. Teófilo Fleury Filho
183	Mulata	1.776	88,2	4,97	273	2x	J. Teófilo Fleury Filho
323	Marilha	1.771	53,3	3,00	148	2x	Soc. Civil Faz. Maria Amélia
299	Princesa	1.757	70,9	4,21	197	2x	João de Moraes Barros
148	Cachoeira	1.698	70,6	4,15	160	2x	J. Teófilo Fleury Filho

200	Dansarina	1.574	58,8	3,73	108	2x	Lafayette A. Souza Camargo
154	Soberana	1.370	62,2	4,53	170	2x	J. Teófilo Fleury Filho
159	Cara Branca	1.277	52,5	4,11	130	2x	J. Teófilo Fleury Filho
155	Cabrocha	1.198	51,6	4,30	131	2x	J. Teófilo Fleury Filho
150	Cachopa	1.052	44,5	4,23	131	2x	J. Teófilo Fleury Filho
164	Pintura	968	35,1	3,62	131	2x	J. Teófilo Fleury Filho
217	Azeitona	941	38,2	4,05	100	2x	J. Teófilo Fleury Filho

RAÇA HOLANDESA, variedade vermelha e branca

Puras por cruz

De mais de 6 anos (5.^a, 6.^a, e 7.^a classes)

189	Mombuca	3.339	111,6	3,34	239	2x	Orlando Barros Pereira
-----	---------	-------	-------	------	-----	----	------------------------

Mestiças

Até 3 anos (1.^a classe)

252	Ramona	3.039	131,1	4,31	300	2x	Orlando Barros Pereira
-----	--------	-------	-------	------	-----	----	------------------------

De 3 a 4 anos (2.^a classe)

315	Cachopa	4.120	159,9	3,88	300	2x	Orlando Barros Pereira
88	Itatiba	3.992	142,4	3,56	300	2x	Orlando Barros Pereira
333	Carioca	3.983	166,2	4,17	300	2x	Orlando Barros Pereira
286	Granfina	3.716	146,2	3,90	300	2x	Orlando Barros Pereira
55	Vidraça	3.598	155,7	4,32	300	2x	Orlando Barros Pereira
253	Mutuca	3.482	135,9	3,90	300	2x	Orlando Barros Pereira
314	Alvorada	3.417	145,5	4,25	300	2x	Orlando Barros Pereira
339	Normanda	3.396	140,1	4,12	300	2x	Orlando Barros Pereira
107	Ponibinha	3.337	122,4	3,66	300	2x	Orlando Barros Pereira
338	Cascadura	3.135	126,0	4,01	300	2x	Orlando Barros Pereira
89	Resposta	2.834	117,6	4,14	300	2x	Orlando Barros Pereira

De 4 a 6 anos (3.^a e 4.^a classes)

335	Alegria	4.166	191,4	4,59	300	2x	Orlando Barros Pereira
336	Sonata	4.158	156,9	3,77	300	2x	Orlando Barros Pereira
112	Favela	3.875	150,6	3,88	300	2x	Orlando Barros Pereira
287	Cristalina	3.656	153,6	4,20	300	2x	Orlando Barros Pereira

N.º do S.C.L.	Nome da vaca	Produção de leite (ks.)	Produção de M.G. (ks.)	Percent. de M.G.	Duração da lact. — dias	Orde- nhada	Criador
283	Conga	3.613	144,3	3,99	235	2x	Orlando Barros Pereira
285	Garça	3.563	156,35	4,38	265	2x	Orlando Barros Pereira
313	Baia	3.462	142,5	4,11	300	2x	Orlando Barros Pereira
111	Orgia	3.424	147,0	4,29	300	2x	Orlando Barros Pereira
108	Rumba	3.332	138,6	4,15	267	2x	Orlando Barros Pereira
102	Tafetá	3.234	135,0	4,17	300	2x	Orlando Barros Pereira
288	Havaiana	3.203	122,7	3,83	232	2x	Orlando Barros Pereira
126	Formosa	3.147	106,0	3,36	247	2x	Orlando Barros Pereira
392	Maringá	2.489	105,5	4,23	247	2x	Orlando Barros Pereira
218	Traituba	2.470	97,1	3,92	244	2x	Orlando Barros Pereira
123	Serpentina	2.444	92,3	3,77	201	2x	Orlando Barros Pereira
105	Barbacena	2.336	79,3	3,39	226	2x	Orlando Barros Pereira
220	Barcelona	1.464	54,25	3,70	125	2x	Orlando Barros Pereira
De mais de 6 anos (5. ^a , 6. ^a e 7. ^a classes)							
106	Duquesa	4.607	159,6	3,46	300	2x	Orlando Barros Pereira
109	Ypiranga	4.182	155,1	3,70	300	2x	Orlando Barros Pereira
310	Carícia	3.754	192,0	5,11	300	2x	Orlando Barros Pereira
125	Amazonas	3.662	183,7	5,01	251	2x	Orlando Barros Pereira
188	Moeda	3.396	116,8	4,02	262	2x	Orlando Barros Pereira
219	Limeira	3.264	137,4	4,29	223	2x	Orlando Barros Pereira
124	Mimosa	4.145	140,3	4,46	273	2x	Orlando Barros Pereira
221	Combuca	3.136	128,5	4,09	212	2x	Orlando Barros Pereira
393	Senhorinha	3.011	118,1	3,92	254	2x	Orlando Barros Pereira
190	Pirã	2.948,5	96,75	3,28	250	2x	Orlando Barros Pereira
334	Lindoia	2.253	94,8	4,20	190	2x	Orlando Barros Pereira
51	Pagã	1.674	57,6	3,43	165	2x	Orlando Barros Pereira

RAÇA JERSEY

Puras por cruz

De 4 a 6 anos (3.^a e 4.^a classes)

243	Purdla Bolhayes	3.450	185,1	5,36	300	2x	Zelly Dias Figueiredo
240	Erna Bolhayes	3.212	169,8	5,28	300	2x	Zelly Dias Figueiredo

CATEGORIA DE 300 DIAS E MENOS

N.º do S.C.L.	Nome da vaca	Produção de leite (kgs.)	Produção de M.G. (kgs.)	Percent. de M.G.	Duração da lact. — dias	Ordem	Criador
RAÇA HOLANDÊSA, variedade preta e branca							
Puras de origem							
De 4 a 6 anos (3.ª e 4.ª classes)							
348	Rita	108,3	2.597	4,16	300	2x	João de Moraes Barros
De mais de 6 anos (5.ª, 6.ª, e 7.ª classes)							
58	Grauna	265,2	6.420	4,13	300	3x	Joaquim Barros Alcântara
298	Mimosa	155,45	3.986	3,89	300	2x	João de Moraes Barros
93	Miss Angai	61,2	1.617	3,78	142	3x	D. Bertha Moraes Weiszflog
Puras por cruz (as 5 melhores produções)							
Até 3 anos (1.ª classe)							
45	Fortaleza	154,8	4.537,5	3,41	300	3x	Colégio Adventista Brasileiro
120	Falua	140,7	4.427	3,17	300	3x	Colégio Adventista Brasileiro
309	Marquêsa	135,9	3.966	3,42	300	3x	Colégio Adventista Brasileiro
48	Aliança	128,0	3.930	3,31	269	3x	Colégio Adventista Brasileiro
100	Favorita	120,3	3.612	3,33	300	3x	Colégio Adventista Brasileiro
De 3 a 4 anos (2.ª classe)							
45	Fortaleza	189,3	5.388	3,51	300	3x	Colégio Adventista Brasileiro
203	Linda Flôr	161,9	4.400	3,68	281	2x	Lafayette A. Souza Camargo
390	Panacéia	151,2	4.595	3,29	300	3x	Colégio Adventista Brasileiro
269	Devota	144,3	3.820,5	3,77	300	2x	Soc. Cível Faz. Maria Amélia
332	Maravilha	143,1	3.750	3,81	300	3x	Colégio Adventista Brasileiro
De 4 a 6 anos (3.ª e 4.ª classes)							
33	Malta	191,4	4.936	3,87	300	2x	Lafayette A. Souza Camargo
296	Campineira	181,8	4.466	4,07	300	2x	João de Moraes Barros
114	Pinda	175,8	4.633	3,77	300	2x	Lafayette A. Souza Camargo
46	Belinha	175,5	5.027	3,48	300	3x	Colégio Adventista Brasileiro
226	Carícia	171,9	5.242,5	3,25	300	3x	Colégio Adventista Brasileiro

N. ^o do S.C.I.	Nome da vaca	Produção de leite (ks.)	Produção de M.G. (ks.)	Percent. de M.G.	Duração da lact. — dias	Orde- nhada	Criador
De mais de 6 anos (5. ^a , 6. ^a e 7. ^a classes)							
50	Magnólia	196,2	5.195	3,77	300	3x	Colégio Adventista Brasileiro
202	Mancha	195,7	4.826	4,05	280	2x	Lafayette A. Souza Camargo
324	Única	192,9	5.329	3,62	300	3x	Carlos A. Willy Auerbach
304	Vitoriosa	180,0	4.200	4,28	274	2x	João de Moraes Barros
225	Boneca	176,2	5.496	3,22	300	3x	Colégio Adventista Brasileiro
Mestiças							
Até 3 anos (1. ^a classe)							
353	Melindrosa	152,4	3.776	4,03	300	2x	João de Moraes Barros
234	Barroza	127,5	2.758	4,62	300	3x	Joaquim Barros Alcântara
213	Soberana	126,6	2.945	4,30	260	2x	João de Moraes Barros
433	Bordada	59,8	1.299	4,60	198	3x	Joaquim Barros Alcântara
De 3 a 4 anos (2. ^a classe)							
357	Gazetinha II	126,3	3.368	3,74	300	2x	João de Moraes Barros
374	Menina	122,7	3.063	4,00	300	2x	João de Moraes Barros
366	Fiteira	111,0	3.241	3,42	300	2x	Soc. Civil Faz. Maria Amélia
302	Odalisca	98,7	2.361	4,18	259	2x	João de Moraes Barros
De 4 a 6 anos (3. ^a e 4. ^a classes)							
29	Balalaica	190,2	4.477	4,26	300	2x	Lafayette A. Souza Camargo
9	Moema	178,8	4.728	3,78	300	2x	Caio Pinto Guimarães
141	Traituba	172,5	4.441,5	3,88	300	3x	Colégio Adventista Brasileiro
74	Tosca	168,0	4.321,5	3,88	300	3x	Joaquim Barros Alcântara
214	Marota	165,3	3.690	4,47	300	2x	João de Moraes Barros
De mais de 6 anos (5. ^a , 6. ^a e 7. ^a classes)							
121	Campineira	199,2	4.705	4,82	300	3x	Joaquim Barros Alcântara
135	Fábula	194,1	5.062	3,83	300	2x	Lafayette A. Souza Camargo
268	Pintura	192,6	4.375	4,40	300	2x	João de Moraes Barros
387	Moderna	187,2	4.206	4,45	300	2x	João de Moraes Barros
347	Javanêsa	184,8	4.567	4,04	300	2x	João de Moraes Barros

e branca

RAÇA HOLANDESA, variedade vermelha

Puras por cruz

De mais de 6 anos (5. ^a , 6. ^a e 7. ^a classes)			
189	Mombuca	111,6	239
		3,339	3,34
Mestiças			
Até 3 anos (1. ^a classe)			
252	Ramona	131,1	300
		3,039	4,31
De 3 a 4 anos (2. ^a classe)			
333	Carioca	166,2	300
315	Cachopa	159,9	300
55	Viçosa	155,7	300
286	Granfina	146,2	300
314	Alvorada	145,5	300
		3,417	4,25
De 4 a 6 anos (3. ^a e 4. ^a classes)			
335	Alegria	191,4	300
336	Sonata	156,9	300
285	Garça	156,35	265
287	Cristalina	153,6	300
112	Favela	150,6	300
		3,875	3,88
De mais de 6 anos (5. ^a , 6. ^a e 7. ^a classes)			
310	Carícia	192,0	300
125	Amazonas	183,7	251
106	Duquesa	159,6	300
109	Ypiranga	155,1	300
124	Mimosa	140,3	273
		3,145	4,46

Puras por cruz

De 4 a 6 anos (3.^a e 4.^a classes)

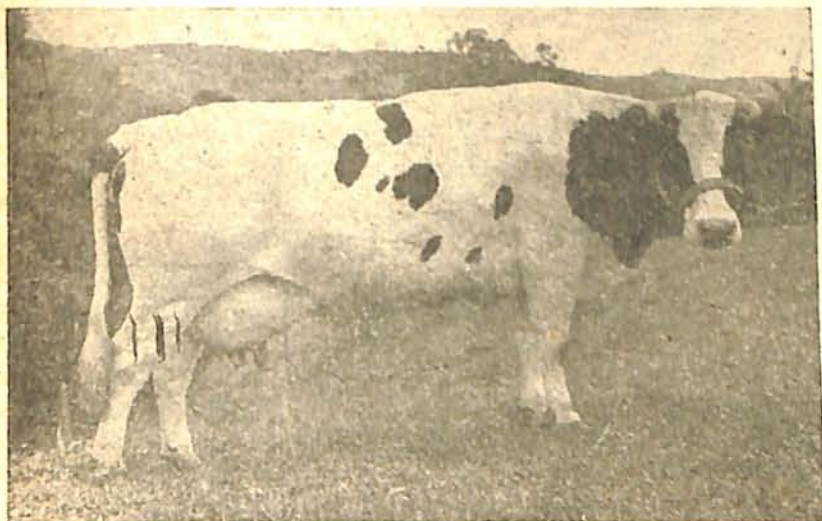
RAÇA JERSEY

243	Purdla Bollhayes	185,1	300
240	Erna Bollhayes	169,8	300
237	Nesla Bollhayes	146,7	300
236	Nayde Bollhayes	130,2	300
241	Rusa Bollhayes	106,0	234
		2,012	5,26
		3,450	5,36
		3,212	5,28
		3,059	4,79
		2,764	4,71
		2,012	5,26

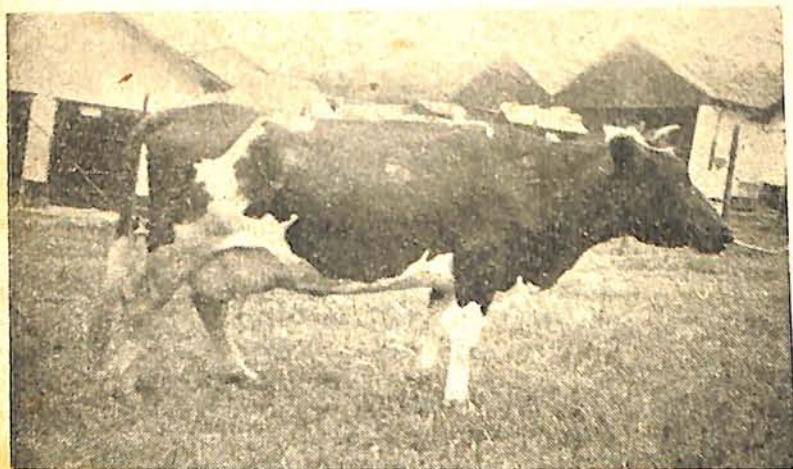
OBSERVAÇÕES: — 2x e 3x significa = ordenha duas vezes e ordenha 3 vezes. As vacas que figuram com 3 ordenhas, em geral, são ordenhadas assim no principio da lactação e posteriormente passam ao regime de duas ordenhas.



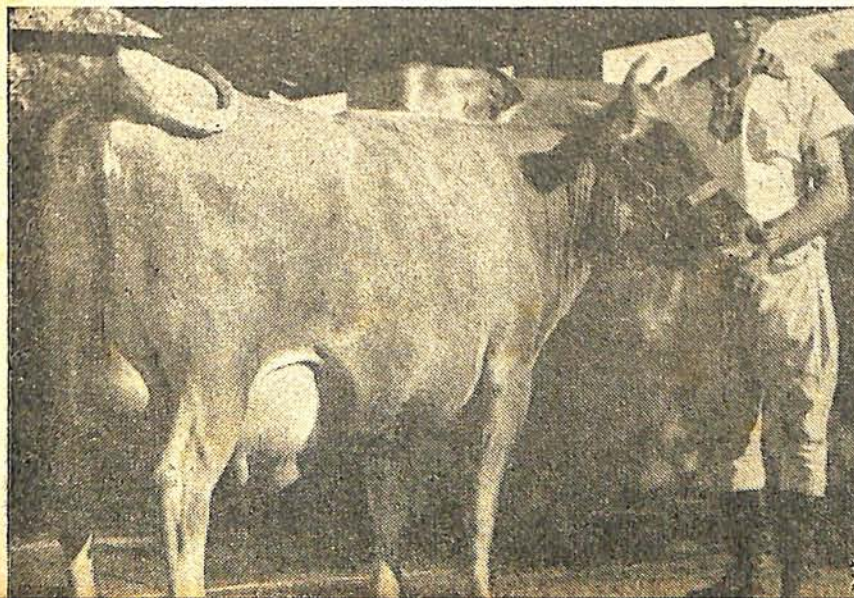
FALUA — Holandesa, preta e branca, pura por cruza, de menos de 3 anos. 4.427 quilos de leite e 140,7 quilos de gordura, com 3,17% de M.G., em 300 dias. Criador: Colegio Adventista Brasileiro. 2.º lugar em produção de leite e de M.G. em sua classe.



BELINHA — Holandesa, preta e branca, pura por cruza, de 4 a 6 anos. 5.027 quilos de leite e 175,5 quilos de gordura, com 3,48% de M.G. em 300 dias. Criador: Colegio Adventista Brasileiro. 2.º lugar em produção de leite em sua classe.



HANSA — Holandesa, preta e branca, mestiça de mais de 6 anos. - 4.812 quilos de leite e 175,5 quilos de gordura, com 3,64% de M.G., em 300 dias. Criador: Sr. Carlos A. W. Auerbach. 2.º lugar em produção de leite em sua classe.



PURDLA BOLLHAYES - Jersey, pura por cruza, de 4 a 6 anos. 3.450 quilos de leite e 185,1 quilos de gordura com 5,36% de M. G. em 300 dias. Criador Zelly Dias Figueiredo. 1.º lugar em produção de leite e de M. G. em sua classe.

COMBATE AS PARASITAS

A luta contra este parasita tem duas fases similares às que se utilizam para combater os ácaros (produtores de sarna): 1.º — destruir os adultos no momento de dar o banho e 2.º — aos doze ou quinze dias, para eliminar as larvas que saíram dos ovos, pois sempre permanecem férteis e resistentes à ação do primeiro banho.

E' preciso combater os piolhos porque suas picadas são incomodas, determinando inquietude, desassocego, enfraquecimento e ainda anemia dos animais, já que são parasitas sugadores de sangue.

Os animais se subtraem à ação dos mesmos coçando-se com os dentes, com o bico ou com os membros, ocasionando escoriações, perda de pêlos, penas, etc. em si mesmos. Nos bovinos existem várias classes de piolhos: o *Haematopinus eurysternus* e o *Haematopinus tenuirostris*, de coloração cinzento-amarelado, o primeiro e mais opaco, o segundo.

Tratamento — Como não é prático fazê-lo individualmente, realiza-se em forma coletiva. Uma fórmula muito usada por sua eficácia é a seguinte: Arsenio — 20 quilos; soda cáustica — 8 quilos; soda cristalizada — 10 quilos e água suficiente para preparar 10.000 litros de solução. Em um recipiente de ferro de 300 litros de capacidade se colocam os 8 quilos de soda cáustica sobre a qual se vertem 20 litros de água. A soda se dissolve produzindo calor;

então vai-se juntando, pouco a pouco, o arsenico, de modo que o calor desprendido seja aproveitado até o ponto que quasi chegue à ebulição; agrega-se logo um pouco de água fria e segue-se jogando arsenico com muita precaução, agitando a mistura com um pau. Depois de dissolvido o arsenico se agregam os 10 quilos de soda cristal e se completa o volume com água, até fazer 100 litros no total.

Usa-se um litro deste preparado para fazer 100 litros de água do banho.

No porco — Luta-se contra o *Haematopinus suis*, com petróleo ou óleo de máquina já queimado, preparando uma emulsão com: Petróleo cru, 9 litros; Sabão amarelo 250 grs. e água 2 litros. Dissolve-se o sabão em 2 litros de água fervente e junta-se pouco a pouco, o petróleo, agitando durante 10 a 14 minutos. Desta emulsão toma-se um litro para cada 10 litros de água, agitando-se bem.

Nas aves — Para combater o piolho desta espécie, basta às vezes impregnar a cabeça do pinto, por exemplo, lugar onde com mais frequência se agrupam os parasitos, com umas gotas de azeite ou querosene diluido; assim, provoca-se a asfixia, ainda quando nas aves adultas o melhor sistema é encerrá-las em um caixão hermeticamente fechado. Tirar a cabeça da ave para que respire livremente e não se intoxique e, então, queimar enxofre no caixão. O piolho chama-se *Dermanysus gallinae*.

Refinaril

O AMIGO DA CRIAÇÃO

FARELO COM 28 o/o DE PROTEINA

A BASE DAS BOAS

Rações balanceadas



A COMPOSIÇÃO QUÍMICA DOS ALIMENTOS
E ELEMENTO ESSENCIAL NA AVALIAÇÃO
DA ENERGIA NUTRITIVA.

Henrique F. Raimo

Med. Vet.-D. F. A.



VALOR NUTRITIVO DOS ALIMENTOS

BASES PARA SEU CONHECIMENTO

O valor nutritivo dos alimentos empregados na avicultura, poderá ser avaliado através de diversos métodos, tais como:

- 1 — composição química.
- 2 — análise microscópica.
- 3 — análise biológica.
 - a) palatabilidade.
 - b) digestibilidade.
 - c) valor energético.
 - d) valor no crescimento e reprodução.

Composição química — A análise química

revela a composição dos alimentos em princípios nutritivos brutos, em diferentes percentagens.

A composição química dos alimentos é elemento essencial na avaliação da energia nutritiva dos alimentos. No entanto, deve ser associada a outros métodos de avaliação, afim de que se obtenha um quadro real do valor nutritivo do alimento analisado em sua estrutura química.

As substâncias mais comumente dosadas nos alimentos, se referem a:



A boa alimentação deve começar desde cedo.

- a) humidade.
- b) proteína bruta.
- c) matéria graxa — (extrato etéreo).
- d) fibra bruta.
- e) matéria mineral — (cinzas).

Proteína bruta — Entende-se por proteína bruta, a quantidade de azoto encontrada no alimento analisado, multiplicada pelo coeficiente 6,25. Este fator é empregado devido ao fato que as proteínas apresentam um teor aproximado de 16% de azoto.

A análise química revela a quantidade de proteína dos alimentos. Não indica porém, a qualidade da proteína ou as proporções dos diferentes amino-ácidos. Desse modo, a análise química, poucos informes dá, com respeito ao valor biológico da proteína.

O valor biológico dos concentrados proteicos, de um modo geral, é medido nos próprios animais, como seja pela retenção do azoto e crescimento.

O valor biológico de uma proteína pôde ser representado pela sua capacidade nutritiva, quer na manutenção, quer no crescimento das aves.

Essa capacidade, pôde se transformar em expressão numérica, definida pela percentagem do azoto absorvido que o organismo retém, não aparecendo desse modo, como produto de excreção urinária.

A expressão numérica poderá ser:

$$\text{Valor biológico} = \frac{\text{Azoto retido}}{\text{Azoto absorvido}} \times 100$$

Matéria graxa — A matéria graxa das análises químicas dos alimentos se refere a todas as substâncias solúveis nos dissolventes da gordura.

Nas análises, o dissolvente empregado é o éter.

As substâncias graxas são de valor relativo na alimentação das aves, visto sua assimila-

ção ser demorada, permanecendo depositada como reserva de calor e de energia. Portanto, vale como índice seguro, seu valor encontrado nas análises.

Fibra bruta — Como fibra ou celulose se conhece a parte lenhosa da parede das células dos vegetais.

Como é digerida em pequena percentagem pelas aves (1 a 13%), a análise química representa segura indicação dos alimentos ricos ou pobres em fibras.

Matéria mineral — Como substância mineral ou também como "cinzas", se conhece o resíduo mineral das análises.

O teor em cinzas, revelado pelas análises, é de valor relativo, visto não especificar as quantidades dos diferentes minerais.

Outras análises são necessárias, afim de precisar as percentagens dos minerais, presentes nos alimentos. Feito isso, os resultados encontrados, são de grande valor para se conhecer o teor exato nos diferentes minerais, de uma ração balanceada.

Como "extrativos não azotados" das análises químicas, se conhecem as matérias livres de azoto e que constituem a massa do total dos nutrientes dos alimentos.

Os "extrativos não azotados", somados às "fibras", dão o total de matéria hidrocarbonada ou hidratos de carbono de um alimento.

O teor em vitaminas dos alimentos, obtidos quasi sempre, através de provas biológicas em ratos e pintos, são de grande valor na avaliação da potência vitamínica dos alimentos.

Análise microscópica — A análise microscópica é mais empregada no exame das misturas, para a pesquisa dos componentes da ração e mais ainda para reconhecer a presença de substâncias adulterantes ou de alimentos pouco usados na alimentação das aves.

Análise biológica — A análise biológica dos alimentos constituiu a fase final dos trabalhos de pesquisa do valor nutritivo dos alimentos.

Desde que a composição química não representava uma indicação exata do valor nutritivo dos alimentos, os pesquisadores encaminharam os estudos para o próprio organismo animal, analisando o comportamento dos alimentos, após a ingestão.

Portanto, as provas experimentais sobre o valor nutritivo dos alimentos, têm por base, os próprios animais, submetidos à alimentação controlada, das fontes nutritivas a serem estudadas.

Na análise biológica dos alimentos, devemos

considerar: palatabilidade, digestibilidade, valor energético e valor no crescimento e reprodução.

Palatabilidade — A palatabilidade, ou seja o sabor que os alimentos apresentam, é a primeira condição que determina o valor biológico dos alimentos.

Os alimentos pouco apetecidos não são consumidos prontamente e nem em quantidades suficientes para promover o crescimento ou estimular a produção.

Nas aves, os alimentos pouco apetecidos, permanecem mais tempo no papo e quando ingeridos, prejudicam a secreção dos sucos digestivos.

As provas experimentais revelam que os grãos são mais apetecidos do que os alimentos moídos; o trigo é mais apetecido do que os outros cereais; as misturas grosseiras são mais apetecidas do que as finamente moídas e que os concentrados proteicos de origem vegetal.

Digestibilidade — Os nutrientes dos alimentos não se transferem diretamente para o corpo das aves ou ovos produzidos, sofrendo transformações químicas durante os processos de digestão e assimilação, antes de se depositarem nos tecidos do corpo e nos ovos.

Portanto, uma parte dos nutrientes é assimilada pelo organismo e outra é eliminada pelas fezes.

Desse modo, podemos concluir que, digestibilidade de um alimento, vem a ser a diferença entre o total de nutrientes ingeridos e o total dos mesmos nutrientes eliminados pelas fezes.

O coeficiente de digestibilidade pôde ser expresso pela fórmula:

$$C.D. = \frac{\text{Matéria digerida}}{\text{Matéria ingerida}} \times 100$$

sendo,

Matéria digerida = matéria ingerida — matéria eliminada pelas fezes.

Com relação às aves, quasi todos os alimentos empregados no balanceamento das rações, têm o coeficiente de digestibilidade dos diferentes nutrientes, bem conhecidos, obtidos em testes de alimentação com aves.

Portanto, quando se desejar obter o total de nutrientes digestíveis de uma ração avícola, basta somar os totais dos diferentes nutrientes digestíveis de cada alimento que entra na mistura.

LYSOSULFIN

VETERINÁRIO
Sulfamidoterapia

INDICAÇÕES Faringites, pielites, pneumonias, mastites, adenites (garrotilho dos cavalos) etc., pneumo enterite dos bezerros, diarréia dos leitões, feridas infecciosas, abcessos, queimaduras e abortos.

SOLICITE LITERATURA ELUCIDATIVA



RUA TAQUARÍ, 1338
SÃO PAULO

LABORATÓRIOS LYSOFORM S.A.

RUA LAVRADÓ, 70-A
RIO DE JANEIRO

FILIAL DE PORTO ALEGRE - Rua Cap. Moninha, 113 - Fone 5654

lanam • Casa de Amigos

ROLHAS PARA LEITE



A maior fábrica de rolhas metálicas para frascos de leite e de outros tipos aprovados pelo Departamento de Fiscalização do Leite

do Rio de Janeiro e de S. Paulo. — Máquinas para arolhar frascos de leite, garrafas comuns, etc.

INDÚSTRIA PEDRO GIORGI LIMITADA

FABRICA DE ROLHAS METALICAS

R. Benjamin Constant, 77 — Tel. 2-3725

Telegr.: "GIORGI" —/— S. PAULO

Com relação à digestibilidade dos alimentos, foram constatados, em provas experimentais:

1.º — que as aves novas e sadias, digerem melhor do que as aves velhas e com sinais de doença;

2.º — que os alimentos de origem animal, de um modo geral, são digeridos melhor do que os alimentos de origem vegetal. Motiva esta diferença, o fato de que os vegetais contêm mais fibras.

3.º — que a mistura de vários alimentos, em uma ração balanceada, tem influência sobre a digestibilidade de cada um, melhorando-a, de um modo geral.

4.º — O leite representa um alimento que favorece a digestibilidade dos outros, quando é associado nas misturas.

Valor energético — O valor energético dos alimentos, ou seja dos alimentos produtores de energia, é medido através de aparelhagem especial, constituída pelos calorímetros.

O animal é colocado em câmara especial, de modo que, o ar que entra ou que sai, seja controlado e analisado. Os alimentos, fezes e urina são pesados e analisados.

A quantidade de carbono e azoto armazenada ou perdida pôde ser medida. Obtidos esses resultados, poderá ser conhecido quanto de proteína do corpo ou de gordura foi armazenado ou perdido, e assim, do mesmo modo, o ganho ou perda em energia.

Valor no crescimento e reprodução — Os alimentos podem ter seu valor medido, através de provas experimentais, alimentando pintos e aves em reprodução.

Para se avaliar o valor nutritivo de um ali-

mento, em comparação com outro, no crescimento dos pintos, devemos considerar o seguinte:

1.º — O número de pintos necessário à demonstração de diferenças no crescimento, deverá ser de 20 a 25 pintos para cada lote em prova.

2.º — A duração da prova comparativa do crescimento dos pintos deverá ser de 8 semanas. Os pintos reagem mais sensivelmente aos fatores do crescimento, presentes nos alimentos, nas 1.ªs semanas de idade, do que em outra idade.

3.º — A quantidade de alimento ingerida é um fator decisivo na determinação da razão de crescimento. A medida que os frangos ganham em peso, uma proporção maior de alimentos é empregada para a manutenção desse peso e proporção menor é assimilada para manter o ritmo do crescimento.

4.º — A percentagem de proteína nas rações tem grande influência sobre a razão de crescimento. Rações mais ricas em proteínas, determinam um ganho maior em peso dos pintos, do que rações com baixa percentagem de proteína.

5.º — O teor em vitaminas das rações, de um modo especial, em vitamina G (Riboflavina), influe sobre a razão de crescimento dos pintos.

Valor na reprodução — Os alimentos apresentam resultados diferentes, em relação aos resultados obtidos na reprodução. Os ovos incubados, de lotes de galinhas alimentadas com diversos alimentos, em diferentes proporções, apresentam resultados desiguais.

Isto demonstra que, os alimentos podem ter seu valor medido pelos resultados da incubação. É bem conhecida e determinada a influência benéfica na reprodução, das proteínas de origem animal e os resultados deficientes apresentados pelo farelo de sementes de algodão.

Outrossim, foi determinada de modo preciso, a influência benéfica das vitaminas D e G, na razão de reprodução.

Desse modo, podemos concluir que, uma mistura que forneça às aves reprodutoras, os nutrientes necessários à boa eclosão dos ovos, é uma mistura satisfatória, tanto para as aves em crescimento, como para as poedeiras.

RECEITUÁRIO PRÁTICO

“APRENDA E ENSINE”

Leitor Amigo. Encontrará você, aqui, uma série de pequenos ensinamentos práticos e que a todo momento necessitamos em nossas fazendas. Se você precisar de algum conselho para fazer isto ou aquilo, consulte-nos, que teremos o máximo prazer em atendê-lo. Se você tiver, também, alguma coisa para divulgar, envie-nos, que teremos o máximo prazer em publicá-la.

Compostos arsenicais — Adubos para plantas — Fabricação de vinagre de mel — Formulas e procedimentos para achar superficies, volumes e fazer calculos de interesse.

Compostos arsenicais — Entre estes o mais utilizado é o arseniato de chumbo que é um pó branco, muito leve e tóxico para o homem e os animais, como todos os derivados do arsenico. Por isso seu uso exige cuidadosas precauções. Geralmente é aplicado de mistura com a cal para evitar a presença de arsenico livre que poderia ser prejudicial para os vegetais, ficando assim a mistura com reação neutra. Não é solúvel e por isso é empregado em suspensão, utilizando algum adesivo para que permaneça mais tempo fixado à superfície da folhagem. Seu uso está muito divulgado na luta contra os insetos mastigadores. Uma das formulas de preparo é a seguinte:

Arseniato de chumbo em pó 300 grs.
Água 100 litros

Outra fórmula, partindo da pasta que se vende no comércio, ainda que menos usada, é a seguinte:

Arseniato de chumbo em pasta ... 600 grs.
Água 100 litros

Para evitar a toxicidade deste composto substitui-se pelo arseniato de cálcio ou de zinco que servem de veículos para obter a ação do arsenico contra as pragas das larvas das frutas.

Algumas das fórmulas de preparo são as seguintes:

Arseniato de chumbo 500 grs.
Cal viva 1 quilo
Água 100 litros

Arseniato de cálcio 250 grs.
Cal viva 1 quilo
Água 100 litros

Quando algum destes compostos deve ser aplicado a sêco podem ser utilizadas estas fórmulas:



MOURÕES serrados para CERCAS

DE EUCALIPTO, Wolmanizados (imunizados) contra

PODRIDÃO, CUPIM E INSETOS

Por tratamento moderno em Auto-Clave.

INCOMBUSTÍVEIS - LONGA DURAÇÃO.

PLENA SATISFAÇÃO EM TODO SENTIDO.

Deposito permanente para pronta entrega.

Peça prospelo com preços

PRESERVAÇÃO DE MADEIRAS LTDA

2-4522 RUA QUINTINO BOCAIUVA, 176 Prema

SÃO PAULO

Arseniato de chumbo	10 a 15 quilos
Cal extinta em pó	100 quilos
Arseniato de cálcio	5 a 10 quilos
Cal extinta em pó	100 quilos

Em muitos casos também se utilizam compostos à base de verde de Paris que é um acetato-arsenito de cobre, uma de cujas fórmulas é a seguinte:

Verde de Paris	150 grs.
Cal viva	300 grs.
Água	100 litros

A preparação se efetua obtendo primeiro o leite de cal, apagando a cal viva com parte de água. Depois com esse leite vai-se obtendo uma pasta homogênea com o verde de Paris, pasta que é diluída no resto de água.

Quando este composto se deseja aplicar a seco utiliza-se a fórmula seguinte:

Verde de Paris	5 a 10 quilos
Cal extinta em pó	100 quilos

Às vezes os compostos arsenicais se utilizam associados a outras substâncias, como o polissulfureto de cálcio e o sulfato de nicotina para a luta contra a sarna da macieira e o pulgão lanígero; associado à calda bordaleza para atacar a varíola, a sarna das plantas de frutas de caroço; misturado aos azeites pulverizáveis para destruir os insetos mastigadores e

as cochonilhas. A preparação se efetua no mesmo recipiente do pulverizador; faz-se uma parte do arseniato com um pouco de água e logo se junta à calda bordaleza ou ao polissulfureto já colocados no tanque do pulverizador com seu agitador em movimento para facilitar a suspensão do pó do arseniato.

OUTROS CONHECIMENTOS DE INTERESSE PARA O AGRICULTOR

Adubos para as plantas — A formação dos tecidos da planta, os elementos para o seu desenvolvimento surgem da própria terra na qual está localizada. Absorve dela uma série de elementos químicos, alguns que incorpora em grandes quantidades, como o nitrogênio, o fósforo e o potássio e outros em pequenas quantidades como sódio, enxofre, manganês, magnésio, zinco, boro, ferro, cobre, etc. A falta desses elementos nas proporções requeridas pela planta provoca diferentes consequências. Assim é que o nitrogênio em escassez dá lugar a que a planta cresça debilmente, com escasso desenvolvimento, com folhas pequenas e de cor amarelenta; a falta de potássio produz folhas de cor marrom, que depois se encartucham e caem e a árvore parece que vai secando, o mesmo acontecendo com os brotos terminais; a falta de fósforo provoca cor bronzeada nas folhas e forma curtos nós nos galhos; a falta de cálcio adelgaça as raízes e as descora, etc. Sobre tudo nos pomares é necessário repôr na terra os elementos que as colheitas de frutos vão tirando até empobrece-la de tal forma que não fica em condições de continuar brindando a planta nos elementos suficientes para as colheitas ulteriores.

Estudos experimentais efetuados nos Estados Unidos determinaram os elementos que os diferentes pomares vão tirando cada ano por hectare e que podem ser grupados no quadro seguinte:

Em quilos por ano — hectare

	Nitrogênio	Anidrido fosfórico	Potássio	Cálcio	Magnésio
Macieiras	66,8	17,9	71,5	73,4	30,1
Pereiras	33,6	8,1	37,8	43,5	12,3
Marmeleiros	51,6	17,4	64,8	73,8	21,6
Pecegueiros	33,9	10,2	43,5	47,1	14,7
Laranjeiras	60,0	22,0	99,0	—	—

Esta referência parcial pôde dar uma idéia das necessidades que a terra sente de que se

Ihe devolvam esses elementos subtraídos e a esse fato obedece a prática do uso dos adubos para devolver essas substâncias indispensáveis para a vida e desenvolvimento das plantas.

Interessa conhecer a composição fundamental dos adubos mais usuais entre nós:

	Nitrogenio %	Fósforo %	Potássio %
Estercor	0,5	0,25	0,7
Farinha de osso	0,5-4	20,30	0,2
Sangue sêco	10,13	1,0	0,7
Resíduos de frigorífico	1-6	20-25	-
Salitre potássico	15-16	-	-
Sulfato de Potássio	-	-	80-96

Um bom adubo deve incorporar os principais elementos: nitrogênio, fósforo e potássio, nas quantidades que são exigidas pelas plantas e, por isso, costuma-se misturar alguns deles para obter um resultado mais completo. Deve-se saber que quando as plantas são jovens necessita-se juntar maior quantidade de nitrogênio, pois é o elemento necessário para crescer e robustecer, em troca, quando são plantas grandes e começam a dar frutos, são necessários fósforo e potássio.

Uma boa mistura de adubos é a seguinte:

Sangue sêco		100 quilos por hectare
Farinha de osso		1.000 quilos por hectare
Sulfato de potássio	.	150 quilos por hectare

É grande a quantidade de adubos que se utiliza, sendo contribuição importante aqueles fornecidos pelos próprios vegetais, juntando os detritos que se formam por quedas de folhas, galhos, frutos, etc., que se depositam em fossas na terra para que sofram seu processo de fermentação e fiquem em condições de atuar como fertilizantes. Os resíduos animais, o salitre do Chile, a cal, os fosfatos naturais ou os preparados por precipitação; as cinzas, os compostos químicos, o sangue, o pó de ossos e o estercor, são os adubos mais utilizados. O estercor, que proporciona uma quantidade de elementos úteis, é necessário cuidá-lo para aproveitar todos os elementos solúveis e voláteis. Por isso, convém seja depositado em fossas que tenham um piso impermeável para evitar que filtrem os elementos solúveis.

Esse piso pode ser feito em plano inclinado afim de recolher as águas residuais em peque-

CONTRA O
"CURUQUERÊ"



do algodoeiro e de outras plantas, as moscas ou bichos das frutas, abelha "cachorro" ou "irapua" dos pomares, etc.

ARSENIATOS
"JUPITER"

DE ALUMÍNIO E DE CHUMBO

em pó 30-32% de As_2O_5

em pasta... 15-16% de As_2O_5

Para o preparo de calda bordalesa

SULFATO DE COBRE "NEVAZUL"
(cristais bem miúdos)

Contra "oidios" ou "brancos",
"ácaros", etc.

ENXOFRE DUPLO VENTILADO
"JUPITER"

Para pulverizações
PO BORDALES ALFA "JUPITER"
(Fungicida energético com
16% de cobre)

VERDE PARIS
(Verde de Schweinfurth) e outros
PRODUTOS QUÍMICOS AGRÍCOLAS
e INDUSTRIAIS

ADUBOS QUÍMICOS ORGÂNICOS
"POLYSU" e "JUPITER"

FORMICIDA "JUPITER"
O Carrasco da Saúva

PRODUTOS QUÍMICOS

"ELEKEIROZ" S/A

SÃO BENTO 503 - CAIXA POSTAL 255
SÃO PAULO

NAS CIDADES... NO INTERIOR... EM TODO O BRASIL



*Desnatadeiras
Massey-Harris
canadense*

LUBRIFICAÇÃO
AUTOMÁTICA

Distribuidores:



P.A. ALMEIDA & CIA.

QUIMO - LACTO - TÉCNICA
R. AUGUSTO SEVERO, 105 CAIXA, 954 TELEF.: 4-4312 e 4-4644 TELEGR. VYRAM

SÃO PAULO

na camara. Para evitar a evaporação do nitrogênio convem amontoá-lo em pequenos montículos e recobri-los por uma camada de terra humifera de 15 centimentros de espessura mais ou menos. Convem pôr sobre o depósito do estercor uma pequena coberta afim de evitar o excesso de lavagem pelas chuvas e quando se desseca deve-se humedecer o material para favorecer a fermentação microbiana. Sem que se possam fazer cálculos exatos, pelas condições especiais deste fertilizante, pôde dizer-se em termos gerais que se podem empregar de 3 a 4 toneladas de estercor por hectare. Um cálculo aproximado confere ao estercor, tal qual se apresenta no momento de ser utilizado, a seguinte composição para 1.000 quilos:

Nitrogenio	de 3 a 8 quilos
Acido fosfórico	de 2 a 9 quilos
Potassa	de 2 a 10 quilos
Cal	de 6 a 27 quilos

Muitas vezes o estercor deve ser misturado com adubos químicos, conforme a natureza da terra de que se trate. Por isso, em uma exploração racional interessa praticar as análises químicas da terra para modificá-la e fertilizá-la corretamente, dando-lhe os elementos de que mais necessita. Ademais, nesse caso con-

vem obter informações sobre o adubo que é necessário para cada plantação que se realiza.

Uma prática muito usada é a de adubos verdes, que provêm da sementeira de certas plantas, especialmente leguminosas, que antes de alcançar seu desenvolvimento total são enterradas no sólo que se quer fertilizar. Dessa maneira incorpora-se à terra o nitrogenio que as plantas vão absorvendo da atmosfera, e como se enterram antes de desenvolvimento, incorporam em sua decomposição uma quantidade de elementos minerais que enriquecem o terreno. Entre as plantas mais utilizadas com esse objetivo podem citar-se: a soja, o lupino e outros. Quando se trata de terrenos muito ácidos, antes de enterrar essas plantas convem aplicar sobre a terra uma calagem, que se pôde efetuar formando montículos de cal viva de 50 quilos aproximadamente cada um, recobertos com terra para que se apaguem lentamente e depois se esparramam no sólo. A proporção por hectare pôde ser de 600 a 1.200 quilos de cal. Ainda que não seja com esse propósito, a cal pôde incorporar-se à terra quando esta se ache empobrecida desse elemento tão importante para a alimentação das plantas.

FABRICAÇÃO DE VINAGRE DE MEL

É um produto de facil comercialização que pôde ser preparado na fazenda sem grandes complicações. Misturam-se a 50 litros de agua, preferentemente de chuva, 6 quilos de mel e leva-se à fervura, revolvendo frequentemente.

Depois de meia hora retira-se do fogo e quando estiver ao redor de 30° C, coloca-se em um barril de 100 litros e se juntam 5 litros de bom vinagre de vinho. Cobre-se o barril com uma tela metálica ou um pano. Si se puder colocar a própria tampa do barril, praticam-se dois orificios na parte superior para efetuar circulação de ar que facilita a fermentação acetica.

O lugar mais indicado para colocar o barril é na cozinha cuja temperatura facilita o processo de fermentação que inicialmente será alcoolica e posteriormente acetica.

Convem efetuar essa operação na primavera ou verão para que a temperatura baixa não impeça o processo. Ao cabo de três meses a elaboração estará terminada, quando convem engarrafar e arrolhar bem porque deixando a mistura no barril pôde ficar turva. Outra fórmula de preparação pôde efetuar-se do seguinte modo: Tomam-se 48 litros de agua que se faz ferver, juntando 2.750 gramas de mel e 300 gramas de tartaro; mantem-se em fervura durante 15 ou 20 minutos, filtra-se, deixa-se

esfriar a 30° C, junta-se 1 quilo de levedura de cerveja, 6 litros de álcool a 50° C e 6 litros de vinagre de vinho. Coloca-se a mistura num barril como na fórmula anterior e espera-se a efetivação do processo fermentativo.

FORMULAS E PROCEDIMENTOS PARA ACHAR SUPERFICIES, VOLUMES E FAZER OUTROS CALCULOS DE INTERESSE

Na vida diária do campo apresentam-se problemas concretos de necessária e urgente solução que devem ser resolvidos com os poucos conhecimentos que dispomos à mão. Consideramos, por isso, que pôde ser útil administrar algumas fórmulas e solução de problemas práticos com a aplicação de princípios geométricos e aritméticos elementares.

Vejamos primeiro o modo de calcular as superfícies planas. Muito frequentemente se apresenta a necessidade de resolver estes casos sobre campos, poteiros, galpões, casas, etc.

Para isso é indispensável conhecer a solução das superfícies das diferentes formas geométricas.

O quadrado — Um terreno ou figura quadrada que tenha, portanto, seus quatro lados



Fig. 1

iguais, é preciso achar sua superfície pela fórmula

Superfície = $a \times a$ na qual a representa o comprimento de um lado. Se si quizer saber quanto mede a diagonal D desse quadrado, conhecendo o comprimento do lado, teremos:

$$D = a \times 1.4142.$$

Retângulo — A superfície se achará multi-

plicando o comprimento de cada um dos lados (figura 2)

$$S = a \times b$$

Si se desejar achar o comprimento de um dos lados, por exemplo conhecer a extensão de uma cerca que fecha um retângulo por um lado mais comprido (b) que o que já conhecemos (a) e conhecendo ademais a superfície do campo de que se trata, teremos:

$$b = \frac{S}{a}$$

Si, ao contrário, necessitamos conhecer o outro costado, porque já temos a medida do lado (b) teremos:

$$a = \frac{S}{b}$$

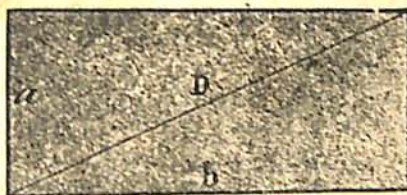


Fig. 2

Para não pensar que estes casos possam não resultar uteis na prática pense-se no caso de que conhecida a superfície de um campo adquirido possa medir-se o lado que dá para a estrada, porém que o outro lado, que poderia ser o menor do retângulo, não pôde medir-se porque se acha inundado ou porque é cruzado por um rio caudaloso, etc.

Si por qualquer circunstância é necessário conhecer o comprimento da diagonal desse retângulo teremos que recorrer à raiz quadrada da soma dos quadrados dos lados.

(E' esta uma operação simples porém em cujos conhecimentos não podemos entrar e que por outro lado é de uso comum):

$$D = \sqrt{(a \times a) + (b \times b)}$$

Triângulo — Si a superfície que considera-

FENOTIAZIN

Vermifugo do Seculo XX

NÃO E' TOXICO! NÃO TEM GOSTO! NÃO TEM CHEIRO!
100% DE EFICIÊNCIA EM QUASI TODOS OS CASOS
DE VEMINOSES DE CAVALOS, VACAS, CÃES, CABRAS.
PORCOS, AVES, ETC.

Literaturas e pedidos à

Industria Brasileira de Produtos Quimicos Ltda.

PRAÇA CORNELIA, 96 — TELEFONE: 5-0303

SÃO PAULO

Tripla proteção!

ENVOLTÓRIO
VOLANTE
DE
MADEIRA

PAPEL
VEGETAL
ESTERILIZADO

CINTA DE
GARANTIA

O novo processo de acondicionamento agora usado na Manteiga "Aviação", é o que se pode idealizar de mais perfeito e racional. Tudo foi previsto para assegurar-lhe uma proteção eficaz contra as inclemências da temperatura. Este perfeito sistema de acondicionamento significa três vezes mais proteção à sua saúde. Em lugar de qualquer outra, prefira "Aviação".



mos tem a forma de um triângulo e conhecemos a base (b) e a altura (a), podemos achar a superfície assim:

$$S = \frac{b \times a}{2} \text{ que é igual: } \frac{a}{2} \times b$$

Si se tratasse de um triângulo que tivesse seus três lados iguais, quer dizer, em equilátero, a superfície pôde calcular-se conhecendo unicamente o comprimento de um de seus lados. Por exemplo, em um monte que se formou em triângulo com seus três lados exatamente iguais, que medem 72 metros e necessitamos

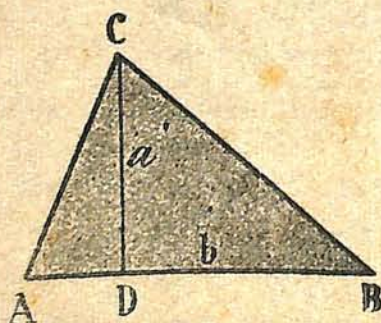


Fig. 3

conhecer sua superfície com esse unico dado, temos:

$$3 = (72 \times 72) \times 0,433 = 2.244 \text{ metros } 67 \text{ dec. } 20 \text{ c.}$$

Quando se trata de um triângulo, um de cujos ângulos é reto, quer dizer que mede 90°, pelo que se chama um triângulo retângulo, chamamos aos lados que formam dito ângulo reto de catetos (b e c) e ao outro lado, que é maior, a hipotenusa (a). Neste caso a superfície ser-nos-á dada pela fórmula geral que já indicamos para o triângulo; porém temos que como o quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos catetos, ou seja $(a \times a) = (b \times b) + (c \times c)$ podemos averiguar a extensão de cada um destes lados do triângulo de acordo com a seguinte fórmula: (o quadrado de um número se acha multiplicando esse número por si mesmo e para expressá-lo se escreve, por exemplo a^2).

$$a = \sqrt{a^2 - b^2}$$

$$b = \sqrt{a^2 - b^2}$$

$$c = \sqrt{b^2 - c^2}$$

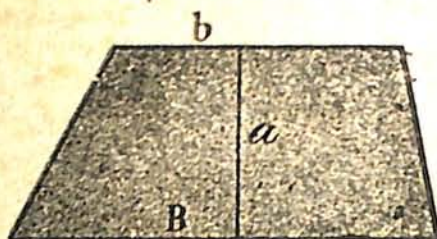


Fig. 4

Trapezio — Si a superfície a achar adquire a forma de um trapezio como indica a figura 4, que tem dois lados paralelos e uma forma irregular, para encontrar sua área total necessitamos conhecer o comprimento de suas duas bases (B + b) e a de sua altura (a).

$$\text{Superfície} = \frac{B + b}{2} \times a$$

Fazenda RETIRO FELIZ

criação de animais puro sangue
da raça

NELORE

VENDE REPRODUTORES

Para informações, na própria fazenda em ENGENHEIRO HERMILLO (E. F. Sorocabana) com o Sr. RUFINO SOARES ou com o proprietário Dr. OCTAVIO DA ROCHA MIRANDA à

PRAÇA FLORIANO, 31
2.º Andar RIO DE JANEIRO



Sua Carta Chegou

Sr. C. V. F. — Machado, Est. de Minas Gerais.

O prezado leitor informa ter lido em uma revista americana um artigo sobre a desidratação das forragens, facilitando assim a conservação, acrescentando na ocasião da distribuição da ração, a água necessária para hidratar a forragem. E que está no propósito de desintegrar a cana, desidratando-a por exposição ao sol, em terreiros adequados, quantidade necessária para alguns meses seguidos. Assim sendo, ele pergunta se tal sistema é bom, prático e bem aceito pelo gado. A este respeito, eis o que nos escreve o Dr. Breno M. Andrade, nosso redator em alimentação:

A desidratação da cana forrageira é inteiramente desaconselhável para a alimentação dos animais. Isto porque, a grande vantagem do forrageamento com cana é a sua porcentagem elevada de água, a sua excelência, justamente na época em que as pastagens se encontram ressequidas e imprestáveis à alimentação do gado. A cana é um alimento volumoso, relativamente pobre em sentido geral. Em proteína é extremamente pobre oferecendo todavia a vantagem de ser muito rica em hidratos de carbono (açúcar). Pela desidratação grande parte do caldo se perde, pela referida necessidade de se picar a cana em pedaços pequenos ou mesmo desfibrá-la. Pela desidratação a cana se torna seca, fibrosa, impalatável.

Para os suínos não é aconselhável o arrastamento com cana pois os porcos, pelo seu sistema digestivo, não digerem eficientemente a celulose. Os bezerros desmamados podem rece-

AOS ASSOCIADOS DA A. P. C. B. E NOSSOS LEITORES

Comunicamos aos nossos associados e leitores que esta REVISTA criou uma SECÇÃO DE INFORMAÇÕES JURÍDICAS, na qual publicará as consultas que forem enviadas à Associação Paulista de Criadores de Bovinos, a partir do próximo número de fevereiro.

Esta nova SECÇÃO será dirigida pelo advogado DR. HELY LOPES MEIRELLES, que, além de atender aos consulentes passará a colaborar conosco, sobre questões jurídicas de interesse rural, dando às suas colaborações um cunho eminentemente prático, de modo a manter os lavradores e pecuaristas ao par das leis e decisões judiciais que interessem, de perto, às suas atividades.

ber uma pequena ração de cana desintegrada. É necessário que a cana seja picada, ou desintegrada no mesmo dia em que vai ser consumida para evitar fermentações prejudiciais que se desenvolvem muito rapidamente.

SEMENTES DE CAPIM

novas - analisadas - germinação garantida
selecionadas.

VARIETADES:

CATINGUEIRO ROXO (gordura) —
JARAGUA' (limpo, colhido no cacho)
— CABELO DE NEGRO — COLONIAO
— RHODES (clorís) — MARMELADA
DE CAVALO.

Solicitem lista de preços à
SOC. AGRO-MERCANTIL LOSACCO LTDA.
RUA FLORENCIO DE ABREU, 110 — S. PAULO

Artigos em geral para a agricultura.

(16-11 a 15-12-946) •

Produções (ks.)	M. G.	%
Leite	M. G.	

PROPRIETARIORacA

Produções (ks.)	M. G.	%
Leite	M. G.	

SRID

Nome da vaca

File

Vacas submetidas a três ordenhas. Divisão A.

6.390,0	3,77	Hol. p b PCOD	—	Carlos Alberto W. Auerbach.
4.595,0	3,29	Hol. p b PCOC	—	Colégio Adventista Brasileiro.

Vacas submetidas a três e duas ordenhas. Divisão B.

3.729,0	3,94	Hol. p b n r	—	Joaquim Barros Alcântara.
3.301,0	121,2	Hol. p b PCOD	—	Joaquim Barros Alcântara.

Vacas submetidas a duas ordenhas. Divisão B.

5.253,0	213,9	4,07	Hol. p b	7/8	—	João Moraes Barros.
4.516,0	177,0	3,91	Hol. p b	7/8	—	João Moraes Barros.
4.399,0	174,6	3,96	Hol. p b	PCOD	—	João Moraes Barros.
4.165,5	162,9	3,91	Hol. p b	1/2	—	João Moraes Barros.
4.109,0	148,8	3,62	Hol. p b	PCOC	—	João Moraes Barros.
3.010,0	131,1	4,35	Hol. p b	PCOC	—	João Moraes Barros.
2.567,0	108,3	4,21	Hol. p b	PCOC	—	João Moraes Barros.

Vacas submetidas a duas ordenhas. Divisão A.

3,493,0	126,9	3,63	Hol. p b 7/8	—	Sociedade Civil Fazenda Maria Amélia.
2.839,5	108,0	3,80	Hol. p b n r	—	Sociedade Civil Fazenda Maria Amélia.

RÉSULTADOS DE CONTROLE

CRIADOR

N.º SOLNome da vaca

Ques.	Ans.	Cont.
Ques. 1	Ans. 1	
Ques. 2	Ans. 2	
Ques. 3	Ans. 3	
Ques. 4	Ans. 4	
Ques. 5	Ans. 5	
Ques. 6	Ans. 6	
Ques. 7	Ans. 7	
Ques. 8	Ans. 8	
Ques. 9	Ans. 9	
Ques. 10	Ans. 10	
Ques. 11	Ans. 11	
Ques. 12	Ans. 12	
Ques. 13	Ans. 13	
Ques. 14	Ans. 14	
Ques. 15	Ans. 15	
Ques. 16	Ans. 16	
Ques. 17	Ans. 17	
Ques. 18	Ans. 18	
Ques. 19	Ans. 19	
Ques. 20	Ans. 20	
Ques. 21	Ans. 21	
Ques. 22	Ans. 22	
Ques. 23	Ans. 23	
Ques. 24	Ans. 24	
Ques. 25	Ans. 25	
Ques. 26	Ans. 26	
Ques. 27	Ans. 27	
Ques. 28	Ans. 28	
Ques. 29	Ans. 29	
Ques. 30	Ans. 30	
Ques. 31	Ans. 31	
Ques. 32	Ans. 32	
Ques. 33	Ans. 33	
Ques. 34	Ans. 34	
Ques. 35	Ans. 35	
Ques. 36	Ans. 36	
Ques. 37	Ans. 37	
Ques. 38	Ans. 38	
Ques. 39	Ans. 39	
Ques. 40	Ans. 40	
Ques. 41	Ans. 41	
Ques. 42	Ans. 42	
Ques. 43	Ans. 43	
Ques. 44	Ans. 44	
Ques. 45	Ans. 45	
Ques. 46	Ans. 46	
Ques. 47	Ans. 47	
Ques. 48	Ans. 48	
Ques. 49	Ans. 49	
Ques. 50	Ans. 50	
Ques. 51	Ans. 51	
Ques. 52	Ans. 52	
Ques. 53	Ans. 53	
Ques. 54	Ans. 54	
Ques. 55	Ans. 55	
Ques. 56	Ans. 56	
Ques. 57	Ans. 57	
Ques. 58	Ans. 58	
Ques. 59	Ans. 59	
Ques. 60	Ans. 60	
Ques. 61	Ans. 61	
Ques. 62	Ans. 62	
Ques. 63	Ans. 63	
Ques. 64	Ans. 64	
Ques. 65	Ans. 65	
Ques. 66	Ans. 66	
Ques. 67	Ans. 67	
Ques. 68	Ans. 68	
Ques. 69	Ans. 69	
Ques. 70	Ans. 70	
Ques. 71	Ans. 71	
Ques. 72	Ans. 72	
Ques. 73	Ans. 73	
Ques. 74	Ans. 74	
Ques. 75	Ans. 75	
Ques. 76	Ans. 76	
Ques. 77	Ans. 77	
Ques. 78	Ans. 78	
Ques. 79	Ans. 79	
Ques. 80	Ans. 80	
Ques. 81	Ans. 81	
Ques. 82	Ans. 82	
Ques. 83	Ans. 83	
Ques. 84	Ans. 84	
Ques. 85	Ans. 85	
Ques. 86	Ans. 86	
Ques. 87	Ans. 87	
Ques. 88	Ans. 88	
Ques. 89	Ans. 89	
Ques. 90	Ans. 90	
Ques. 91	Ans. 91	
Ques. 92	Ans. 92	
Ques. 93	Ans. 93	
Ques. 94	Ans. 94	
Ques. 95	Ans. 95	
Ques. 96	Ans. 96	
Ques. 97	Ans. 97	
Ques. 98	Ans. 98	
Ques. 99	Ans. 99	
Ques. 100	Ans. 100	

Prod. de leite (kg.)

Prod. de
M. G. (kg.)

Perc.
de M. G.

Dias de lactaçãoR A C A

Colégio Adventista Brasileiro. Santo Amaro. Controle em 2/12/46. Regime de semi-estabulação c/ três e duas ordenhas.

46	Belinha	2. ^a	7. ^o	16,890	0,553	3,27	190	Hol. p b PCOC
48	Aliança	2. ^a	8. ^o	13,510	0,467	3,45	229	Hol. p b PCOC
49	Valisa	7. ^a	7. ^o	19,170	0,635	3,31	194	Hol. p b 7/8
100	Favorita	2. ^a	8. ^o	8,320	0,295	3,54	236	Hol. p b PCOC
120	Falua	3. ^a	7. ^o	13,770	0,435	3,15	207	Hol. p b PCOC
139	Professora	5. ^a	7. ^o	12,670	0,400	3,15	188	Hol. p b 7/8
140	Rainha	4. ^a	7. ^o	10,270	0,420	4,08	199	Hol. p b PCOD
141	Traituba	5. ^a	7. ^o	13,010	0,464	3,56	198	Hol. p b 7/8
142	Angai	5. ^a	6. ^o	15,050	0,469	3,11	182	Hol. p b PCOD
225	Boneca	5. ^a	5. ^o	18,890	0,558	2,95	142	Hol. p b PCOC
226	Carícia	5. ^a	4. ^o	20,770	0,645	3,10	91	Hol. p b PCOC
227	Pérola	7. ^a	3. ^o	21,240	0,735	3,46	78	Hol. p b PCOC
390	Panacéia	2. ^a	10. ^o	14,050	0,480	3,41	284	Hol. p b PCOC
460	Platéia Sent.	1. ^a	7. ^o	13,930	0,530	3,80	200	Hol. p b PCOC
461	Marréca	3. ^a	6. ^o	11,500	0,459	4,00	202	Hol. p b PCOC
477	Paulista	3. ^a	6. ^o	20,350	0,611	3,00	172	Hol. p b PCOC
478	Farroupilha S.	1. ^a	6. ^o	16,040	0,556	3,46	177	Hol. p b PCOC

Orlando Barros Pereira, Fazenda Santa Filomena, Rio Claro. Controle em 29/11/46. Regime de campo com ração suplementar, duas ordenhas.

51	Pagã	7. ^a	7. ^o	15,490	0,571	3,68	190	Hol. v b 7/8
61	Bôa Vista	4. ^a	2. ^o	16,070	0,594	3,69	24	Hol. v b 3/4
62	Portuguesa	3. ^a	2. ^o	15,880	0,610	3,84	29	Hol. v b 3/4
63	Guanabara	3. ^a	2. ^o	20,240	0,823	4,06	24	Hol. v b 7/8
65	Lanterna	3. ^a	2. ^o	10,770	0,333	3,09	40	Hol. v b 3/4
66	Valquiria	3. ^a	1. ^o	17,710	0,831	4,69	4	Hol. v b 7/8
105	Barbacena	4. ^a	5. ^o	16,060	0,538	3,34	127	Hol. v b 3/4
106	Duquesa	5. ^a	7. ^o	20,550	0,861	4,18	181	Hol. v b n r
109	Ypiranga	5. ^a	5. ^o	15,680	0,649	4,13	113	Hol. v b n r
111	Orgia	5. ^a	6. ^o	12,750	0,491	3,85	168	Hol. v b 7/8
112	Favéla	5. ^a	7. ^o	12,460	0,391	3,13	179	Hol. v b 3/4
123	Serpentina	5. ^a	7. ^o	14,060	0,564	4,01	222	Hol. v b 7/8
126	Formosa	5. ^a	7. ^o	13,020	0,407	3,12	181	Hol. v b 1/2
188	Moeda	7. ^a	6. ^o	12,060	0,420	3,48	161	Hol. v b n r
189	Mombuca	7. ^a	7. ^o	12,110	0,455	3,75	182	Hol. v b PCOD
218	Traituba	5. ^a	1. ^o	9,120	0,375	4,11	14	Hol. v b 3/4
221	Combuca	7. ^a	3. ^o	12,910	0,428	3,31	70	Hol. v b 3/4
283	Conga	5. ^a	4. ^o	16,020	0,580	3,62	87	Hol. v b 3/4
334	Lindóia	6. ^a	2. ^o	15,830	0,486	3,07	40	Hol. v b 7/8
336	Sonata	5. ^a	1. ^o	10,910	0,394	3,61	1	Hol. v b 7/8
339	Normanda	3. ^a	2. ^o	15,070	0,589	3,90	36	Hol. v b 3/4
427	Paulistana	2. ^a	8. ^o	13,320	0,542	4,06	221	Hol. v b 7/8

C R I A D O R	N.º SOL	Nome da vaca	Ole.	Cont.	Prod. de leite (ks.)	Prod. de M. G. (ks.)	Peso. de M. G.	Dias de lactação	R A Q A	
									Hol.	v b
	479	Rosquinha	2. ^a	6. ^o	14,490	0,577	3,98	173	Hol.	v b 3/4
	488	Fartura	2. ^a	5. ^o	12,600	0,460	3,65	123	Hol.	v b 7/8
	489	Sempre Viva	3. ^a	5. ^o	12,390	0,589	4,75	187	Hol.	v b 3/4
Joaquim Barros Alcântara. Fazenda S. Pedro, Caçapava. Controle em 10/12/46. Regime de campo com ração suplementar, duas ordenhas.	56	Alfenas		2. ^o	11,530	0,529	4,58	65	Hol.	p b
	57	Calçadinha	7. ^a	6. ^o	7,110	0,263	3,69	163	Hol.	p b PCOD
	64	Alzira	3. ^a	2. ^o	11,500	0,385	3,34	47	Hol.	p b PCOC
	68	Barbacena		1. ^o	10,800	0,398	3,68	—	Hol.	p b
	69	Baleia		1. ^o	11,780	0,440	3,73	28	Hol.	p b
	70	Neblina	7. ^a	3. ^o	9,450	0,389	4,11	78	Hol.	p b 7/8
	74	Tosca	4. ^a	6. ^o	10,530	0,415	3,94	155	Hol.	p b 3/4
	75	Urânia	4. ^a	8. ^o	9,780	0,354	3,61	236	Hol.	p b 7/8
	121	Campineira	6. ^a	7. ^o	10,010	0,382	3,82	220	Hol.	p b 3/4
	122	Roca	4. ^a	9. ^o	5,950	0,239	4,01	252	Hol.	p b PCOD
	207	Beleza	5. ^a	8. ^o	7,200	0,294	4,08	212	Hol.	p b n r
	208	Inglesinha	3. ^a	7. ^o	7,710	0,274	3,55	193	Hol.	p b PCOD
	234	Barroza	2. ^a	3. ^o	12,310	0,507	4,11	63	Hol.	p b 7/8
	235	Liberdade		3. ^o	12,980	0,537	4,13	63	Hol.	p b n r
	289	Xumbada		2. ^o	11,830	0,560	4,73	65	Hol.	p b n r
	316	Cambuquira	7. ^a	2. ^o	15,260	0,482	3,16	42	Hol.	p b PCOD
	317	Conquista		3. ^o	14,090	0,641	4,52	75	Hol.	p b n r
	369	Baia		1. ^o	11,870	0,471	3,96	28	Hol.	p b n r
	391	Aliança		10. ^o	5,830	0,273	4,68	293	Hol.	p b n r
	395	Miragem	4. ^a	9. ^o	10,620	0,380	3,57	262	Hol.	p b PCOD
	396	Cascata	1. ^a	9. ^o	7,970	0,320	4,01	256	Hol.	p b 7/8
	397	Brandina	1. ^a	9. ^o	9,650	0,404	4,18	249	Hol.	p b 7/8
	398	Canêla	1. ^a	9. ^o	5,920	0,272	4,59	257	Hol.	p b PCOC
	399	Belinha	1. ^a	9. ^o	6,250	0,296	1,73	218	Hol.	p b PCOC
	428	Amapola	4. ^a	8. ^o	10,960	0,448	4,08	232	Hol.	p b 7/8
	429	Balinha	1. ^a	8. ^o	7,800	0,391	5,01	241	Hol.	p b 7/8
	430	Cabrita	1. ^a	8. ^o	7,670	0,329	4,28	229	Hol.	p b PCOD
	431	Bacana	1. ^a	8. ^o	7,710	0,288	3,73	224	Hol.	p b
	432	Boneca del Plata	1. ^a	8. ^o	8,520	0,325	3,81	236	Hol.	p b PCOD
	434	Aliada		8. ^o	8,290	0,333	4,01	230	Hol.	p b 7/8
	436	Araruta	4. ^a	8. ^o	10,710	0,480	4,48	230	Hol.	p b 7/8
	463	Bonita del Plata	1. ^a	7. ^o	7,770	0,382	4,91	194	Hol.	p b PCOD
	490	Bonita Helena		5. ^o	8,600	0,297	3,45	132	Hol.	p b

491	Boémia	5.º	8,570	0,346	4,03	126	Hol. p b
492	Caviuna	1.ª	7,840	0,263	3,35	132	Hol. p b PCOD
493	Barquinha	5.º	9,060	0,337	3,71	123	Hol. p b
494	Áustria	5.º	11,450	0,402	3,51	126	Hol. p b

Carlos A. W. Auerbach, Fazenda Bela Vista, Mogi das Cruzes. Controle em 8/12/46. Regime de semi-estabulação, com três ordenhas.	59	Bena	2.ª	11,880	0,405	3,40	246	Hol. p b PCOC
	72	Anilla	2.ª	12,780	0,469	3,67	35	Hol. p b PCOD
	73	Alba	1.º	17,640	0,691	3,91	34	Hol. p b
	79	Delta	1.º	18,530	0,698	3,76	28	Hol. p b 3/4
	143	Hansa	6.ª	14,270	0,439	3,07	193	Hol. p b 3/4
	206	Buena Pinta	2.ª	20,400	0,658	3,22	97	Hol. p b PCOC
	231	Barreira	6.ª	16,410	0,627	3,82	110	Hol. p b 3/4
	400	Verónica	8.º	8,960	0,364	4,06	269	Hol. p b n r
	464	Sabina	1.ª	14,590	0,495	3,39	185	Hol. p b PCOD
	465	Sata Prilly	1.ª	13,660	0,532	3,89	184	Hol. p b PCOD
	466	Yantje	2.ª	18,770	0,703	3,74	183	Hol. p b PCOC
	467	Pantalla	1.ª	14,700	0,573	3,89	182	Hol. p b PCOD
	468	Canilla	2.ª	16,480	0,593	3,59	183	Hol. p b PCOD
	495	Arcádia	1.ª	15,070	0,552	3,66	180	Hol. p b PCOD
	496	Quaresma	1.ª	13,970	0,565	4,04	159	Hol. p b n r
	497	Véra	3.ª	19,340	0,820	4,23	119	Hol. v b n r

João Morais Barros, Fazenda Boa Vista, Campinas. Controle em 30/11/46. Regime de campo com ração suplementar, duas ordenhas.	212	Campineira II	4.ª	4,540	0,192	4,23	215	Hol. p b 7/8
	266	Saudade	7.ª	7,240	0,273	3,77	198	Hol. p b 1/2
	298	Mimosa	6.ª	17,810	0,568	3,19	4	Hol. p b P. O.
	359	Madalena's L. 2 ..	2.ª	13,450	0,473	3,51	100	Hol. p b P. O.
	382	Noiva	5.ª	7,400	0,232	3,13	295	Hol. p b 7/8
	388	Oncinha	4.ª	10,360	0,370	3,57	50	Hol. p b PCOC
	389	Faxina II	6.ª	10,730	0,415	3,86	292	Hol. p b PCOD
	401	Corruira	3.ª	9,120	0,316	3,46	284	Hol. p b PCOC
	402	Pitanga	5.ª	8,670	0,411	4,74	248	Hol. p b PCOC
	404	Itapira	5.ª	14,730	0,582	3,95	240	Hol. p b PCOC
	405	Niágara	3.ª	11,360	0,514	4,52	248	Hol. p b PCOC
	406	Pipóca	5.ª	9,380	0,405	4,31	287	Hol. p b 1/2
	408	Gralha	1.ª	9,320	0,367	3,93	252	Hol. p b PCOC
	409	Araras	1.ª	10,180	0,353	3,46	271	Hol. p b PCOC
	410	Lêda	5.ª	9,470	0,370	3,90	257	Hol. p b 7/8
	414	Tunisia	3.ª	10,020	0,451	4,50	266	Hol. p b PCOC
	415	Estrelinha II	7.ª	7,880	0,330	4,18	244	Hol. p b 7/8
	416	Dália	4.ª	8,660	0,328	3,78	262	Hol. p b PCOC

CRIADOR

N.º SCL	Nome da vaca	Cle.	Cont.	Prod. de leite (ks.)	Prod. de M. G. (ks.)	Pere. de M. G.	Dias de lactação	R A Q A
417	Divida	4. ^a	9.º	9,820	0,354	3,60	284	Hol. p b PCOC
418	Catalina	3. ^a	9.º	5,060	0,212	4,18	238	Hol. p b PCOC
420	Havana	1. ^a	9.º	7,570	0,338	4,46	239	Hol. p b PCOC
421	Aurora	5. ^a	9.º	7,680	0,312	4,05	288	Hol. p b PCOC
437	Coruja II	7. ^a	8.º	9,850	0,338	3,43	225	Hol. p b PCOC
438	Carioca II	1. ^a	8.º	5,820	0,250	4,29	222	Hol. p b PCOC
439	Borboleta	4. ^a	8.º	7,210	0,286	3,92	228	Hol. p b PCOC
440	Frisia III	6. ^a	8.º	9,330	0,409	4,38	212	Hol. p b PCOC
441	Lindóia	7. ^a	7.º	9,600	0,430	4,47	210	Hol. p b PCOC
442	Seliza	4. ^a	7.º	7,880	0,362	4,59	215	Hol. p b 3/4
443	Briosa III	7. ^a	8.º	6,910	0,265	3,83	226	Hol. p b PCOC
445	Polaca	7. ^a	8.º	12,930	0,462	3,57	212	Hol. p b PCOC
446	Suissa II	6. ^a	8.º	8,990	0,381	4,23	205	Hol. p b 3/4
447	Granfina	2. ^a	8.º	10,010	0,363	3,62	215	Hol. p b 7/8
448	Dona	3. ^a	7.º	6,420	0,267	4,15	222	Hol. p b PCOC
449	Araçá II	5. ^a	8.º	9,060	0,313	3,45	208	Hol. p b PCOC
450	Noruega	1. ^a	8.º	8,010	0,375	4,68	209	Hol. p b PCOD
451	Duquesa	1. ^a	8.º	10,130	0,464	4,58	211	Hol. p b PCOC
469	Amorosa	2. ^a	6.º	6,280	0,291	4,65	187	Hol. p b 7/8
470	Dansarina	5. ^a	7.º	10,800	0,404	3,64	192	Hol. p b 1/2
471	Roleta	3. ^a	7.º	7,750	0,293	3,78	195	Hol. p b 7/8
474	Manga	5. ^a	7.º	6,800	0,286	4,20	193	Hol. p b PCOC
475	Bolota	6. ^a	7.º	13,040	0,543	4,16	193	Hol. p b 7/8
480	Mocinha II	7. ^a	6.º	6,750	0,308	4,56	181	Hol. p b 3/4
481	Batá	5. ^a	6.º	8,700	0,347	4,00	182	Hol. p b 7/8
482	Luneta	5. ^a	6.º	9,440	0,351	3,71	176	Hol. p b 7/8
483	Medida	3. ^a	6.º	8,920	0,298	3,34	214	Hol. p b 7/8
484	Careta II	7. ^a	6.º	9,560	0,415	4,34	182	Hol. p b PCOD
485	Carinhosa	3. ^a	6.º	10,130	0,461	4,55	176	Hol. p b PCOC
498	Olímpica	1. ^a	5.º	7,780	0,310	3,98	150	Hol. p b PCOC
499	Patuska	1. ^a	5.º	9,380	0,382	4,07	141	Hol. p b PCOC
500	Garota	7. ^a	5.º	10,710	0,310	2,89	144	Hol. p b 3/4
502	Cabocla	7. ^a	5.º	14,530	0,498	3,42	131	Hol. p b PCOD
503	Alva	2. ^a	5.º	6,440	0,269	4,17	131	Hol. p b PCOC
506	Garôa	2. ^a	4.º	11,700	0,449	3,83	112	Hol. p b 7/8
507	Lembrança	9. ^a	4.º	7,070	0,990	2,00		

508	Barquinha	5. ^a	4. ^o	11,680	0,418	3,58	113	Hol. ç b PCOC
509	Paraíba	2. ^a	3. ^o	14,820	0,529	3,57	80	Hol. p b PCOC
510	Kiss	2. ^a	3. ^o	14,820	0,554	3,74	53	Hol. p b PCOC
511	Argentina	1. ^a	3. ^o	11,400	0,400	3,50	78	Hol. p b PCOC
512	Jandaia	1. ^a	2. ^o	7,470	0,256	3,42	79	Hol. p b PCOC
513	Chalupa	4. ^a	3. ^o	10,940	0,435	3,96	70	Hol. p b PCOC
514	Rússia	7. ^a	3. ^o	14,170	0,472	3,33	59	Hol. p b 7/8
515	Aruá	2. ^a	3. ^o	11,830	0,439	3,71	58	Hol. p b PCOC
517	Macumba II	7. ^a	2. ^o	15,040	0,506	3,36	42	Hol. p b PCOD
518	Africana	2. ^a	2. ^o	12,130	0,432	3,56	35	Hol. p b PCOC

Sociedade Civil Fazenda Maria Amélia, Fazenda Lapa, Campinas. Controle em 4/12/46. Regime de semi-estabulação com duas ordenhas.

80	Mineira		1. ^o	13,730	0,540	3,93	13	Hol. p b
269	Devota	3. ^a	4. ^o	15,520	0,720	4,63	88	Hol. p b PCOC
270	Dita		3. ^o	6,390	0,231	3,60	89	Hol. p b
272	Ena	4. ^a	1. ^o	15,930	0,641	4,02	22	Hol. p b PCOC
273	Audácia	4. ^a	1. ^o	17,040	0,654	3,42	10	Hol. p b PCOC
307	Bagé II	3. ^a	3. ^o	16,370	0,659	4,02	60	Hol. p b PCOC
322	Brinquilha	5. ^a	3. ^o	7,630	0,255	3,34	80	Hol. p b PCOD
324	Garota	5. ^a	3. ^o	13,380	0,514	3,84	66	Hol. p b 3/4
362	Castanha		2. ^o	10,130	0,363	3,58	29	Hol. p b n r
367	Vilória		2. ^o	18,150	0,695	3,85	37	Hol. p b n r
425	Novidade		9. ^o	7,610	0,319	4,19	293	Hol. p b n r
453	Silvia		8. ^o	6,190	0,237	3,82	239	Hol. p b
476	Seriema	7. ^a	7. ^o	8,480	0,354	4,17	188	Hol. p b PCOD
486	Piranga	4. ^a	6. ^o	13,890	0,635	4,56	161	Hol. p b PCOC
487	Borboleta		6. ^o	8,770	0,419	4,77	160	Hol. p b n r

OBSERVAÇÕES: — Cle. = classe; Hol. = holandesa; p b = preta e branca; v b = vermelha e branca; n r = não registrada; PCOC = pura por cruzar de origem conhecida; PCOD = pura por cruzar de origem desconhecida; Hols. - Frie. = Holstein Friesian. CLASSES — 1.^a) novilhas até 3 anos; 2.^a) fêmeas de 3 a 4 anos; 3.^a) fêmeas de 4 a 5 anos; 4.^a) fêmeas de 5 a 6 anos; 5.^a) fêmeas de 6 a 7 anos; 6.^a) fêmeas de 7 a 8 anos; e, 7.^a) fêmeas de mais de 8 anos.

(a.) FIDELIS ALVES NETTO.

Cotações dos Produtos Lácteos

Movimento de Dezembro
de 1946

LEITE (Litro)

1.º — DE CONSUMO EM S. PAULO E SANTOS:

Preço para o consumo em S. Paulo e Santos, aos produtores de acôrdo com de- liberações — mínimo	Cr\$ 1,60	2,50
Da usina para o varejista		
Preço de venda a domicílio: tipo A (de granja) de	4,00 a 5,80	
" B		3,80
" C		2,80

2.º — DE CONSUMO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO (De acôrdo officio n.º 1467, de 9-8-46).

Preço a ser pago pelas usinas, coope- rativas ou não aos produtores	Cr\$ 1,60	Preço de venda pelos postos à domicí- lio, ½ litro CEL	Cr\$ 1,60
Preço do entreposto para a usina	2,10	Preço das leiterias para os ambulan- tes, litro	2,50
Preço do Entreposto para as leiterias, entregue no Entreposto	2,25	Preço dos ambulantes à domicílio, litro	2,80
Preço do Entreposto para os "carros tanques	2,30	Idem, idem ½ litro	1,50
Preço dos carros tanques, litro	2,50	Preço das leiterias, no balcão, litro .	2,50
Preço dos carros tanques, ½ litro	1,30	Idem, idem, ½ litro	1,30
Preço de venda nos postos, a granel, litro	2,50	Idem, idem, ¼ litro	0,70
Idem, idem, ½ litro	1,30	Preço das leiterias para os cafés, li- tro inclusive carreto	2,60
Preço de venda pelos postos à domicí- lio, litro CEL	3,00	Preço das leiterias e cafés, servido nas mesas	3,00
		Idem, idem ½ litro	1,60
		Idem, idem ¼ litro	0,80

3.º — DE CONSUMO EM CIDADES NO INTERIOR DO ESTADO DE S. PAULO.

Preço para os produtores — mínimo	Cr\$ 1,20
Pregos de venda a varejo, em cidades onde existem usinas, até	1,50
Idem em Rio Preto e Sorocaba	1,60
Idem em Marília, Campinas e Piracicaba	1,90
Idem, em cidades onde não existem usinas, de	1,00 a 1,30 (*)

DESTINADO AO FABRICO DE DERIVADOS — Est. de São Paulo

Leite integral, entregue na fábrica ou usina — mínimo — Interior	Cr\$ 1,00
Leite integral, entregue na fábrica ou usina — mínimo — Capital	1,10
Leite integral posto na fábrica pago pela fôrma de gord. butirométrica	0,50 a 0,60
Em creme, entregue na fábrica, ficando o produtor com o leite desnatado ..	0,50 a 0,55
Em creme, na fazenda	
Gordura butirométrica, na fábrica, ficando o produtor com o leite desnatado, por quilo	Cr\$ 13,00 a 16,00
Gordura butirométrica, na fazenda, transporte por conta da fábrica, ficando o produtor com o leite desnatado	12,00 a 13,00

M A N T E I G A (KS.)	São Paulo			Rio de Janeiro		
	Fabricante e Importador	Atacadista	Varejista	Produtores aos atacadistas	Atacadista aos varejistas	Varejistas aos consumid.
	Cr\$	Cr\$	Cr\$		Cr\$	Nacional ou estrangeira
Emp. e Rotul. auto- máticamente ou em latas de peso infe- rior a 4 ks.	16 à 19,00		22 à 24,00	Cr\$ 17,00	18 à 19,00	Cr\$ 20,00
Extra	14 à 19,00					
De 1.a						
2.a (sem sal)	12 à 13,00					
2.a (com sal)						
Estrangeira	16,00	18,00				

(*) Atinge às vezes Cr\$ 1,80 e mais.

Nota — Manteiga e queijo argentino. Não tem havido entrada. Há escassês na Argentina.

Q U E I J O Kg. — produtos de 1.ª qualidade (Atacado)	A t a c a d o	
	São Paulo	Rio de Janeiro
Prato	Cr\$ 12,00 a 14,00	14,00 a 16,00
Parmesão Nacional	14,00 a 15,00	
Parmesão Argentino	18,00 a 19,00	
Minas	10,00 a 12,00	10,00 a 12,00
M. Curado	12,50 a 13,00	12,50 a 13,00
Tipo Reino — enlatado, ex. de 12 fôrmas embrulhado papel celofane, idem	400,00 a 450,00	
Clab (fundido) ex. c/ 48 pacotes de ¼ kg., c/ pacote (Marca "Borboleta") ex. c/ 4 blocos de 2½ kgs.	5,00-5,30 48,00	5,00-5,30 48,00
L E I T E C O N D E N S A D O		
Caixa de 48 latas de 400 grs., líquido		170,00
LEITE EM PO' — (a granel) Kg.		
Magro		
Gordo		
L A C T O S E "Boeke" — kg.		
Em saca de 20 kgs.		
Em lata de 10 kgs.		
Em lata de ½ kg.		
C A S E I N A — kg.		
De 1.ª qualidade	5,50	6,00-7,00
Argentina	8,00	7,00-8,00

★ Ofertas e Procuras ★

B O V I N O S

GADO HOLANDES — Vendem-se 2 touros e 5 bezerros puros de pedigree e algumas vacas e bezerras mestiças. Granja Vianna, Km. 23 da Estrada de Cotia. — Caixa Postal, 3520 - Tel. 2-7101 - S. Paulo.

REPRODUTORES HOLANDESES — Vende-se alguns de boa ascendência leiteira. Preços vantajosos. Fazenda Lagôa Alta, Caixa Postal, 11. ARARAS, Est. S. Paulo.

S U I N O S

PORCOS NILO — Vendem-se reprodutores suínos da raça Nilo, à Cr\$ 12,00 o quilo. Sociedade Agrícola Prudente Corrêa, Brauna, N. O. B., Est. S. Paulo.

O V I N O S

ROMNEY MARCH — Vende-se 1 carneiro, 1 carneira, com um filho. Informações com a Cia. Paulista de Hoteis, tef. 4-9119, na rua Major Sertorio, 223, Capital.

L A C T I C I N I O S

MANTEIGA — Vendemos qualquer quantidade. Fábrica de Manteiga "Iris", Jaboticabal, Araraquara e Catanduva.

VACA JERSEY - CAVALO HACKNEY

Vende-se uma vaca Jersey muito boa e vendo também um cavalo Hackney. Ver à Auto Estrada de Santo Amaro, esquina da Rua Vigário João de Pontes n.º 20. Logo depois da Chacara Flora e antes da torre da Radio Tupi.

Revista dos Criadores

Volumes encadernados. Temos à venda edições de 1944 e 39 a Cr\$ 90,00. Pedidos à redação.

Preço para publicidade: Altura, 2 cms.: 1 vez, Cr\$ 40,00; 6 vezes, Cr\$ 230,00 e 12 vezes, Cr\$ 460,00.

A ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS

Rua Senador Feijó, 30 — São Paulo

Junto Cr\$ 100,00 para inscrição do meu nome como sócio CONTRIBUINTE, dessa ASSOCIAÇÃO, a começar dêste mês: Data

Nome do criador

Nome da Fazenda

Cidade

E. F.

REUNINDO quasi três mil sócios, a Associação de Criadores vale como força somada de todos eles. E quando se empenha em benefício de um, é como se todos se empenhassem juntos, ajudando. * 80% dos sócios que iniciaram a Associação ainda nela permanecem, após 19 anos! * Temos 300 sócios há mais de 11 anos! * E 500 há mais de 6 anos! * O número de sócios aumenta dia a dia! * Inscrever-se na Associação dos Criadores é fortalece-la e fortalece-se! Porisso, em nome de todos os nossos companheiros, fazemos a Você este convite amigo: *seja UM dos nossos e seremos TRÊS MIL por você.* Preencha e nos envie a proposta acima, acompanhada da sua primeira anuidade.

Envie o cupom ACIMA para obter a matrícula na Associação

Envie o cupom ABAIXO para obter sua assinatura da revista

* A Revista dos Criadores é um resumo do mundo pastoril, e correlato, nacional e estrangeiro. * Esse mundo (no qual giram seus negócios), fica assim, todo mês, ao seu alcance — em suas mãos. * E quanto vale isso para um homem de iniciativa, para uma organização progressista! * Com apenas quarenta cruzeiros anuais, o sr. receberá, antes de qualquer outra, esta revista completa dos assuntos que lhe interessam. * Subscriva hoje mesmo a Revista dos Criadores e essa cooperação será em seu próprio benefício. * (Os sócios da A.P.C.B. recebem a revista gratuitamente).

A ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS

Rua Senador Feijó, 30 — São Paulo

Junto Cr\$ 40,00 para assinatura da "Revista dos Criadores", a começar dêste mês: Data

Nome do criador

Nome da Fazenda

Cidade

E. F.

Estado

Para sua segurança, e nossa também, faça a remessa em carta com Valor declarado, Vale Postal ou Cheque.

Qual a parte mais importante do seu cavalo?



Nem cavalo de lida, o mais importante é o
lombo. Quantas vezes não se larga um animal,
por dias e meses, por estar pisado!

Tendo na fazenda Pasta Caloá isso não se dá
mais. Em caso de PISADURA ou qualquer
outro ferimento superficial, basta aplicar uma
vez por dia a Pasta Caloá e obterá cura fácil,
rápida e econômica.

A Pasta Caloá é o mais poderoso protetor do
umbigo dos bezerros recém-nascidos e abrevia
o tratamento da UMBIGUEIRA dos touros.
Toca Pasta Caloá em pote ou lata, usando o
recorte abaixo.



Pote de 300 gr., Cr\$ 18,00



Lata de 500 gr., Cr\$ 20,00

A A.P.C.B. — Rua Senador Feijó, 30 — S. Paulo:

Para remessa imediata de latas
..... de Past
potes

Caloá, estou enviando a importância de Cr\$

Meu nome completo
(escrito bem claro)

Endereço
(Fazenda, Cidade, Rua, Número, Estado)

